



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS

**OS TURMEIROS NO AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: Mediadores dos
trabalhadores migrantes e da usina**

Candidata: Monalisa Borges Gomes
Orientadora: Prof. Dra. Marilda Aparecida de Menezes

CAMPINA GRANDE-PB

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS

**OS TURMEIROS NO AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: Mediadores dos
trabalhadores migrantes e da usina**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Marilda Aparecida de Menezes.

CAMPINA GRANDE-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

G633t Gomes, Monalisa Borges.
Os turmeiros no agronegócio canavieiro : mediadores dos
trabalhadores migrantes e da usina / Monalisa Borges Gomes. –
Campina Grande, 2013.
139 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2013.

"Orientação: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes".
Referências.

1. Agronegócio Canavieiro. 2. Recrutamento. 3. Assalariamento
Temporário. I. Menezes, Marilda Aparecida de. II. Título.

CDU 338.43:633.61(043)

MONALISA BORGES GOMES

**OS TURMEIROS NO AGRONEGÓCIO CANAVIEIRO: Mediadores dos
trabalhadores migrantes e da usina**

Dissertação apresentada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marilda Aparecida Menezes (PPGCS/UFCG - Orientadora)

Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento (PPGCS/UFCG - Examinador Interno)

Prof. Dra. Verena Seva Nogueira (PPGCS/UFCG - Examinador Externo)

Prof. Dra. Nerize Laurentino Ramos (UEPB - Examinador Externo)

Dedico, especialmente, ao meu pai, camponês sertanejo, que viu na retirada migratória uma saída para não deixar a família passar fome. A minha mãe, aos meus avós maternos Durvalina e Durval e paternos Maria Muniz e Jorge Rodrigues. Todos homens e mulheres que labutaram com a terra uma vida toda, vendo este espaço para além do trabalho, mas como lugar de vida em família, cuja intuição maior era criar os filhos com dignidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma palavra muito pequena para demonstrar gratidão para destinar àqueles que nos ajuda e nos apoia na realização de uma etapa da vida ou realização de um sonho. Bendigo primeiramente ao ser supremo criador do universo, pelo dom da vida e por inspira-me a enveredar os trilhos da academia.

A minha família mãe Verbena Borges, pai Florisvaldo (mesmo estando em outro plano) me deram a vida e tudo que sou. Aos meus irmãos Mércia e Marcos Vinicius, aos meus sobrinhos amados Douglas Vinicius, Ana Flávia e Lara e cunhados Joaquim e Juliana por me apoiarem incondicionalmente, segurando a distância geográfica ou os momentos eremitas da escrita, de maneira a não destituírem a presença com amor, paciência e cuidado sobre a minha pessoa. A eles dedico todas minhas conquistas! Aos meus Tios, Tia e primos pelo apoio, especialmente a Gildásio por oferta-me seu sitio para horas de estudo e á Marcio, que durante este período partiu para outro plano.

A Cleildes Santana pelo incentivo e dedicação, pessoa fundamental, para que eu pudesse cursar o mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais UFCG. E á Ana Cristina no ano 2006.

Á minha orientadora Marilda Menezes que acreditou no meu potencial para realização desta pesquisa, que acima do ato de orientações, diálogos, debates, pautou-se na paciência e compreensão diante das dificuldades que enfrentei para escrever este texto.

As escolas Petronilio da Silva Prado de Pindaí-BA, e Escola Estadual Santos Dumont de Espinosa-MG, vinculadas as Secretária de Educação do Estado da Bahia e Secretaria de Educação de Minas Gerais, que concederam licença com auxilio remuneratório.

Ao Programa Pós Graduação em Ciências Sociais, principalmente nas pessoas de Rinaldo, que nunca eximiu de prestar seu trabalho com carinho e cuidado, principalmente, nos trâmites de documentação entre os estados Paraíba e Bahia e a

Daniele pela pessoa educada e prestativa. E ao Professor Rodrigo Grunewald, quando foi coordenador pela paciência e tolerância.

Aos mestres e alguns colegas do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pelos debates teóricos e as trocas de experiência.

A UFRJ e a UFRRJ por ter me recepcionado no Procad, mostrando-me novos horizontes teórico-metodológicos, principalmente as Professoras Regina Bruno e Claudia Smith. Destaco também a turma de mestrado 2011 do CPDA.

Ao colega e amigo Victor Tinoco pelo carinho, amizade, incentivo e força ofertada ao longo desta caminhada.

A Junivio Pimentel pelo apoio e incentivo, assim como subsidio nos aparatos técnicos deste texto.

As amigas Fabiane, Naiara, Nina e Simone pelo carinho, cuidado e presença ao longo desta jornada.

Ao meu amado, que preencheu, ao longo de boa parte deste percurso, meu coração de amor e alegria.

As companheiras de residência Maria do Carmo, Janaina, Eveline e Gerlandia.

Ao companheiro Maciel pelas trocas teoricas e cuidado

E, por fim, de uma maneira especial aos anjos Assunção de Lima e Denise Ferreira, mostrando que amizade vai além de esta do lado, mas é está com você acolhendo e sendo companhia e companheira.

Muito obrigada é palavra pequena para expressar os sinceros agradecimentos da importância de cada um ao longo deste trajeto.

RESUMO

O agronegócio canavieiro é caracterizado pela exploração da força de trabalho migrante temporário. Estes trabalhadores são camponeses, que diante da precariedade e instabilidade no acesso a terra, buscam no trabalho externo um meio para reproduzir suas vidas. Neste processo, o recrutamento desta mão de obra é feita por meio de mediadores, denominados de turmeiros, que estabelecem o vínculo entre os trabalhadores e as usinas. Assim, a proposta que norteou este estudo foi questionar como se constitui este personagem neste cenário e quais são as estratégias utilizadas para a seleção e a contratação dos trabalhadores? A proposta desta dissertação é analisar as transformações sociais e econômicas do município de Pindaí-BA e os impactos sobre as condições de reprodução de vida dos trabalhadores camponeses que buscam as migrações temporárias. Com isso buscou-se identificar como se define o turmeiro, cuja responsabilidade é de recrutar trabalhadores no cenário das migrações temporárias. Ainda, analisamos como ocorre a seleção e contratação dos trabalhadores migrantes temporários feitas pelos turmeiros. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa que buscou combinar as técnicas de observação etnográfica (espaço de convivência e eventos na origem), com uso do diário de campo, entrevistas com trabalhadores, familiares e turmeiros, além de análise de dados estatísticos. Conclui-se com esta pesquisa que os turmeiros, agentes mediadores, são figuras que, apesar de receber um papel diferente dos outros trabalhadores, sendo os responsáveis de internalizar e difundir as regras e valores da usina para a condução de um trabalhador obediente e disciplinado, constitui também como parte de um cenário de exploração do trabalho. No entanto, seus intuitos estão voltados para angariar posições em que possam ter menos esforço físico, respeito entre seus pares e algumas vantagens financeiras. Ainda é preciso salientar que as turmas são selecionadas a partir do acionamento de uma rede social de parentesco e amizade na origem dos trabalhadores, porém este não é o critério preponderante para permanência nas turmas, pois os mesmos devem apresentar fatores como obediência e disciplina para garantir maiores índices de produtividade no campo de trabalho. A pesquisa ainda contribuiu para mostrar as punições que as usinas estabelecem para os trabalhadores que não terminam a safra, relegando-os a serem excluídos de novos processos de seleção.

Palavras-chave: Agronegócio canavieiro; recrutamento; assalariamento temporário.

ABSTRACT

The sugarcane agribusiness is characterized by the exploitation of temporary migrant workforce. These workers are peasants, who in the face of insecurity and instability in accessing land, seek in the external work a way to reproduce their lives. In this process, the recruitment of labor is done through mediators, called turmeiros that establish the link between workers and the cane mills. The proposal of this study was to investigate how is this character in this scenario and what are the strategies used for the selection and hiring of employees. The purpose of this dissertation is to analyze the social and economic transformations of the city of Pindaí-BA and the impacts on the reproduction of living conditions of peasant workers seeking temporary migration. So, attempts were made to identify how the turmeiro is defined, whose responsibility is to recruit workers in the setting of temporary migration. We also analyze how does the selection and hiring of temporary migrant workers made by turmeiros. It is a qualitative research that sought to combine the ethnographic observation techniques (space of coexistence and events at the source), using the diary, interviews with workers, family and turmeiros, and analysis of statistical data. The conclusion of this research is that turmeiros, mediating agents are figures that, despite receiving a different role of other workers, being responsible to internalize and disseminate the rules and cane mill values in order to conduct an obedient and disciplined worker. It is also part of a scenario of labor exploitation. The research also contributes to present the punishments that cane mills establish for workers who do not finish the harvest by relegating them to be excluded from new selection processes.

Key-words: sugarcane agribusiness; recruitment; temporary wage

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Bahia regiões geoeconômicas.	22
Mapa 02. Cinco últimas migrações do Turmeiro Joaquim	67
Mapa 03. Cinco primeiras migrações Turmeiro Manoel.	84

LISTA DE TABELA

Tabela 01. Censo demográfico do Município de Pindaí-BA de 1970 a 2010.....	33
Tabela 02. Cinco últimas migrações Turmeiro Joaquim.....	66
Tabela 03. Cinco primeiras migrações do Turmeiro Manoel.....	83
Tabela 04. Rede de parentesco, amizade e vizinhança do colaborador Pedro.	104
Tabela 05. Relação de candidatos apresentados ao Turmeiro.....	105
Tabela 06. Relação de trabalhadores apresentada pelo colaborador.	107
Tabela 08. Medidores, localidade e relações sociais com o Turmeiro.....	113
Tabela 09. Bituqueiros e número de safras realizadas.	114

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 01. Distribuição dos estabelecimentos agropecuários por grupos de áreas em Pindaí-2006.	34
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Trabalhadores na usina Soalba em Pindaí no ano de 1987.....	24
Figura 02. Organograma de trabalhadores nas usinas.....	55
Figura 03. Distribuidora de bebida Sander.....	99
Figura 04. Churrasco do Turmeiro abril de 2012.....	109
Figura 05. Registro e exame dos trabalhadores canistas realizado no dia 18 de maio de 2012.....	117

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: O TRABALHADOR MIGRANTE TEMPORÁRIO NO MUNICÍPIO DE PINDAÍ.....	20
1.1 Lugar de origem- contexto do município de Pindaí-BA.	21
1.2 As migrações: abordagens teóricas.	33
1.3 A migração temporária.....	44
CAPÍTULO 2: MIGRAÇÃO, TRABALHO E RECRUTAMENTO.	51
2.1 O trabalho no contexto do complexo agroindustrial canavieiro.....	51
2.2 Organização hierárquica do trabalho no agronegócio canavieiro	53
2.3 Quem é o agente recrutador	56
2.4 Trajetória de um turmeiro	60
CAPÍTULO 3. SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA TURMA DE TRABALHADORES MIGRANTES TEMPORÁRIOS EM PINDAÍ-BA.....	88
3.1 A seleção e o recrutamento de trabalhadores no agronegócio canavieiro do Brasil.....	88
3.2. Migração e redes sociais para o trabalho.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS.....	134

APRESENTAÇÃO

A construção desta dissertação está imbricada com a minha trajetória de vida, sou filha de camponeses do sertão baiano, cujo sustento da nossa família esteve durante muito tempo vinculado às atividades produtivas da terra, principalmente, na pequena lavoura de algodão. A disseminação da praga do bicudo na região da Serra Geral da Bahia, onde residimos, fizera com que esta atividade entrasse em decadência, levando os pequenos produtores a buscarem novas formas de reprodução para suas famílias. Dentre estes, estava meu pai, que no ano de 1995 acreditou na saída temporária para as grandes lavouras de laranja, no interior do estado de São Paulo, como o meio para garantir o pão de cada dia, assim como muitos outros homens da minha cidade. A sua partida foi frustrante para nós familiares, pois saiu de casa sem nos avisar o seu destino e os seus objetivos, como a sua temporada em Leme-SP.

A ilusão de se tornar um grande colhedor de laranja que proporcionasse renda suficiente para levar a família e colocar minha irmã e eu em boas escolas, fora sucumbido logo no primeiro salário, que só deu para cobrir as despesas com a alimentação e a casa alugada que dividira com amigos da localidade de origem.

No meu cenário familiar ainda existem vários primos jovens que se destinam para trabalhar nos canaviais do Estado de São Paulo. Residentes no campo e ligados a propriedade de terra que pertencem aos seus pais. Esta saída destes jovens para as lavouras canavieiras é motivada, principalmente, pela idealização do assalariamento e da inserção social.

No ano de 2007, passei a atuar como Professora na rede estadual de ensino e mais uma vez a saída temporária de homens do município de Pindaí-BA, passou a me inquietar. O início do ano letivo era marcado por turmas numerosas, quando principiava o mês de abril era notório o esvaziamento das mesmas, principalmente dos homens, evadidos da escola para destinarem aos canaviais do país afora. Ao longo do ano, vivenciava junto com os que tinham ficado a ansiedade pelo retorno de irmãos, maridos, namorados, parentes, vizinhos e amigos.

Atrelado as motivações pessoais, o estudo de trabalhadores migrantes temporários acompanhou a minha vida acadêmica, dediquei em minha monografia¹ a analisar as consequências do processo migratório para o município de Pindaí-BA. Minha inquietação naquele momento era sobre as condições de vida do trabalhador sazonal.

¹ GOMES, Monalisa Borges Gomes. *A Sazonalidade do Trabalho em Pindaí-BA*. Monografia de conclusão de curso. DCH/CAMPUS VI-UNEB, 2006.

INTRODUÇÃO

Este trabalho dissertativo se propõe a estudar os turmeiros que são os encarregados, entre os cortadores de cana, de organizar grupos de trabalhadores para o agronegócio canavieiro, notando as relações que estes estabelecem com a sua turma e a usina. O caso em foco trata-se da trajetória de três turmeiros do município de Pindaí-BA e do processo de seleção de uma turma, cujo destino é a usina Santa Maria, no município de Medeiros Neto-BA, sul do estado. Assim, estas turmas são organizadas pelos turmeiros² com base nas redes de parentesco e amizade.

Os turmeiros constituem a ponte de mediação entre os trabalhadores e as usinas. Com os trabalhadores tem a função de arrumar a vaga nas turmas e de auxiliá-los nos canaviais, como nos momentos das necessidades financeiras imediatas, busca de remédios em caso de doença e na recepção das reclamações sobre o trabalho. Já com as usinas, propõe a selecionar trabalhadores, portadores de uma força de trabalho disciplinada e produtiva.

É importante dizer que a escolha do turmeiro, para este estudo, dentro do processo de migração temporária de trabalhadores para os canaviais, justifica-se devido a existência de uma lacuna na literatura sobre esta problemática. Além disso, busquei observar a função deste mediador no papel da dominação no mundo das usinas sobre as relações de trabalho e como se estabelecem os vínculos pessoais para formação das turmas.

Os turmeiros pertencem aos grupos de cortadores de cana, exercendo não apenas esta atividade como outras afins a esta, como fiscal de trabalho no contexto dos canaviais. Esses trabalhadores, ao longo de suas vidas, precisam se deslocar várias vezes, temporariamente, de seu lugar de origem para trabalhar. Desta maneira, foi necessário um debate teórico acerca do processo migratório.

² Termo utilizado pelos trabalhadores para referir-se ao organizador de turma para as usinas.

Os movimentos migratórios são vistos pela literatura por três enfoques analíticos. O primeiro entende que a decisão de migrar, leva em conta, na maioria das vezes, uma estrutura de custos e benefícios que são compatibilizados sob o ponto de vista do indivíduo e, alguns casos, sob o ponto de vista da família, assim dá-se em contexto de micro relações sociais. O segundo caracteriza o processo migratório como uma decorrência da conjuntura econômica, social e política vigente, assim enquadra a problemática numa esfera histórico-estrutural. E o último agrega as teorias de micro relações sociais e a histórica estrutural, sob uma perspectiva de categoria histórica. Portanto, optei por centrar em caminho analítico sobre as migrações, englobando os agentes envolvidos, visto das suas relações sociais e econômicas.

Neste trabalho, o exercício foi contemplar a última perspectiva acima, pois entendo que essa teoria conforma com a problemática em foco, uma vez que esta é motivada por fatores estruturais e também está associada às várias razões que levam os indivíduos e grupos sociais a migrarem. Assim acredito ser preciso:

Compreender a migração como um processo social e os migrantes como agentes deste processo. Em vez dos modelos de deslocamento de população, sugere-se a análise da migração enquanto acontecimento histórico que atinge os que partem e os que ficam, com, constituído por elementos objetivos, estruturais e ideológicos, culturais e subjetivos, visto sob a ótica das organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia. (SILVA, 2005, p.54).

Este migrante compreendido aqui e inserido dentro da lógica de uma macroestrutura e também visto como um ator social de micro relações, encontra no processo migratório uma maneira de se reproduzir socialmente, interagindo com vários atores sociais que necessitam de sua força de trabalho. Esta é empregada no setor do agronegócio canavieiro, que emerge o seguinte:

O trabalho vai se tornando uma mercadoria cada vez mais desvalorizada, pois, além de produzir os meios necessários à sua sobrevivência, lhe é exigido que produza, por meio da exploração do seu trabalho com intensas jornadas que dependem de um dispêndio de energia que não é realimentada, além de não ter retorno, para aumentar a mais-valia (ABREU, 2007,p.162).

É preciso considerar que neste cenário de exploração da força de trabalho dos migrantes temporários, a figura do turmeiro vai se consistir em um personagem de grande significância neste processo. Marilda Menezes (2002) denomina esta figura

como arregimentadores e aponta que são os responsáveis por fazer a ligação entre capital e trabalho, visto que são responsáveis por fazer a ponte entre os trabalhadores e as usinas.

Maria Aparecida Silva (1999) considera estes personagens como um intermediário entre patrões e empregados, chamando-os de “gato”. E dentro do seu debate abre um aspecto muito relevante, considerando que mesmo o organizador de turma, sendo um agente da dominação, ele não é um mero executor de ordens, pois possui, muitas vezes, a posição de classe dos trabalhadores.

Com base nestes enfoques, estudos e nas chaves explicativas apontadas pelas autoras acima, neste trabalho busco compreender como atuam os mediadores no processo de recrutamento para os canaviais.

Sobre a metodologia, é importante dizer que, além do processo de revisão de literatura acerca dos processos migratórios e a organização do trabalho no mundo dos canaviais, basei-me também na pesquisa de campo, onde busquei entrevistar e observar os turmeiros e trabalhadores em seu lugar origem. Nesta perspectiva, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de procedimento descritivo-analítico sobre os organizadores e suas turmas. A coleta de dados foi realizada mediante instrumentos como entrevistas, observações etnográficas e análise documental. Toda metodologia será detalhada na seção seguinte.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, faço uma caracterização do município de Pindaí-BA, destacando o papel da cultura do algodão. Em seguida, abordo os motivos que levaram a intensificação dos processos migratórios, associado aos processos da decadência do algodão. Abordo ainda, a identificação da categoria social a que pertence os trabalhadores migrantes, trazendo desde logo uma discussão acerca das teorias migratórias com enfoque nas migrações temporárias. Por fim, trago ao debate como se configuram os territórios migratórios dos trabalhadores temporários.

O segundo capítulo versa sobre o trabalho no contexto do agronegócio canavieiro, a organização hierárquica deste setor, um debate conceitual sobre os recrutadores e apresentação de trajetórias migratórias destes agentes.

O terceiro capítulo apresenta os critérios de seleção dos trabalhadores no agronegócio canavieiro, observando como ocorre a formação da turma destes trabalhadores com base nas redes de parentesco e amizade.

METODOLOGIA

A pesquisa científica toma precisão a partir dos procedimentos do método, mas isto não conota que este deve ser o ideal maior e dissociado do campo teórico. Bourdieu (1999) chama a discussão sobre a necessidade de colocar a prática sociológica em questão e intenciona que o pesquisador deve assumir por si próprio a vigilância do seu trabalho científico. E acreditando nisto e na tentativa de trazer um tratamento sociológico para o objeto, para analisar esta problemática optei pela metodologia qualitativa que acredito oferecer os instrumentos que não separam o pesquisador da teoria e do campo empírico.

Para analisar mais profundamente a realidade e o contexto social dos trabalhadores migrantes temporários, recorri à pesquisa bibliográfica da literatura específica, a qual, por sua vez, aborda a temática dos trabalhadores temporários que deixam sua localidade de origem por um mecanismo de recrutamento que envolve uma seleção através da figura do recrutador. Nesta busca de diálogo teórico exercitei o máximo para:

(...) recorrer a sociologia para construir o objeto sem pretender apresentar esses princípios da interrogação propriamente sociológica como uma teoria acabada do conhecimento (...) os conceitos e métodos poderão ser tratados como ferramentas que, arrancados de seu contexto original, se oferecem para novas utilizações. (BOURDIEU, 1999, p.13).

Com intuito de seguir uma proposta teórico-metodológica que compreenda a migração como um processo social e os migrantes como agentes deste processo (SILVA, 2005, p.54) o método de investigação foi feito com a técnica da entrevista. Optei por esta técnica por acreditar que por meio da mesma as pessoas podem apontar informações e elementos de reflexões, pois o entrevistado exprime percepções, relata

acontecimentos e experiências sobre o que sabem. Assim, esperei obter a seguinte resultante:

As entrevistas não se restringiram apenas ao ambiente dos trabalhadores e recrutadores, uma vez que a variação de lugares aborda concepções diferenciadas, e isto pode influenciar qualitativamente na resposta dos entrevistados. Busquei entrevistá-los em suas casas, assim como os membros de suas famílias como as esposas e os filhos migrantes, espaços como feiras, bares e praça nos quais os discursos se vinculam a um coletivo.

A pesquisa ainda foi enriquecida com a técnica de observação etnográfica, a qual da mesma forma que as entrevistas, ocupam um lugar privilegiado nas abordagens de pesquisa em ciências humanas. Consistindo desta maneira um misto de observação e entrevistas. Com isso, observei os locais de venda de passagem, conversei com lideranças da cidade acerca do que acham do fenômeno para o município, olhei quais são as percepções dos trabalhadores acerca do transporte, moradia e renda sobre o trabalho.

O diário de campo foi outra técnica utilizada para registrar as observações que serviram de fonte para análise da realidade. Clifford (1997 *apud* Cover, 2010) comenta que “a menudo el diário de campo (privado, y mas cerca de los informes „subjetivos“ de escritura del viaje) se cuele en los datos de campo objetivos” (p. 91). A importância desse instrumento exige muita disciplina do pesquisador e cuidado com o registro dos acontecimentos, na expressão da riqueza dos detalhes no momento do ato ocorrido, aproveitando cada detalhe, pois, cada ato é contextual, ou seja, tenho que captar os elementos quando ocorrerem, pois, não se repetirão iguais, quem sabe semelhantes. Por isso a importância do registro para captar e sistematizar as atitudes e reações dos atores envolvidos ao protagonizarem suas cenas. Para conseguir usar com eficácia esse instrumento, levei-o a todos os espaços.

Ainda, adotei outros procedimentos como um acordo verbal gravado com os entrevistados, pois, acredito que em meio a entrevista as respostas perpassem as perguntas objetivas, e nisto a caneta e papel não dariam conta de captar. É necessário considerar também que esse tem o mesmo valor que algo escrito, lavrado em cartório. O

caminho a ser percorrido, portanto, foi de compromisso com a honestidade, que significa o respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como o respeito intelectual pelo material que conseguimos; compromisso com a verdade.

A estratégia de investigação da pesquisa envolveu as seguintes etapas:

- 1) Levantamento bibliográfico específico.
- 2) Entrevista nos postos de venda de passagens de ônibus clandestinos, para levantamento de dados acerca do custeio destas passagens pelos trabalhadores e empresas.
- 3) Aplicação de questionários e entrevistas para recrutadores do município.
- 4) Aplicação de questionário e entrevista para os trabalhadores migrantes.
- 5) Realização de entrevista com os membros do sindicato dos trabalhadores do município de Pindaí-Ba.
- 6) Levantamento em órgãos públicos como o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a Secretaria de Agricultura do Município, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia), o Instituto de Terras da Bahia, entre outras Instituições, como a Pastoral da Terra. O intuito com isso foi averiguar a estrutura fundiária do município e o tratamento que as instituições dão para a problemática.

Durante todo este percurso de pesquisa, principalmente em alguns espaços de interação social dos trabalhadores, muitas vezes com limitações para entrada de mulheres, pois nestes são relatados fatos da vivência no mundo dos canaviais, que devem ser ocultos na origem, por exemplo, infidelidade conjugal. Como pesquisadora pouco fui me aproximando de alguns trabalhadores, explicando o que estava fazendo, muitos foram permitindo o contato, porque eram ex-alunos e alunos, com isto fez com que muitos outros fossem se abrindo para minhas perguntas.

1. O TRABALHADOR MIGRANTE TEMPORÁRIO NO MUNICÍPIO DE PINDAÍ-BA.

Na da década de 70, o país se insere em um projeto de industrialização concentrado na Região Sudeste, o que acarretara vários fluxos migratórios da Região Nordeste em direção a esta área. Muitos nordestinos serviram como mão de obra barata nos grandes centros industriais. Singer (1978) aponta que o processo de industrialização implicou numa transferência de pessoas do campo para as cidades, mas, neste sistema econômico, tal transferência tendeu a se dar a favor apenas de algumas regiões, esvaziando as demais. Durhan (1978) fala que os movimentos migratórios do século XX no Brasil estão vinculados às transformações econômicas e sociais e se relacionaram ao processo de desenvolvimento do país.

O processo de industrialização brasileira foi acompanhado como se as migrações dos sujeitos das áreas rurais mais desfavorecidas para as cidades em expansão industrial fossem uma consequência direta da supremacia adquirida pela indústria sobre a vida econômica do país. Entretanto, esta colocação não é suficiente para explicar este tipo de fluxo migratório, pois muitos migrantes Nordestinos, que se tornaram operários ou empregados urbanos no Sudeste, vários destes indivíduos, conquistaram e reproduziram a condição camponesa graças a esta passagem temporária pelo mercado de trabalho industrial.

As migrações para região sudeste do Brasil têm marcado a história de muitos municípios, especialmente aqueles com predominância de população rural. Esse é o caso do município de Pindaí, no Estado da Bahia, que é lócus de nossa pesquisa sobre formas de recrutamento de trabalhadores para usinas de cana de açúcar em São Paulo e no estado da Bahia. O fluxo migratório que se intensifica, a partir da década de 1990, com a decadência do algodão, tornou os trabalhadores impossibilitados de reproduzirem a vida no campo, muitos camponeses viram como alternativa para garantir os meios de subsistência de suas famílias a busca por emprego assalariado nas indústrias paulistas ou no agronegócio. Os estudos sobre migração interna privilegiaram por muito tempo as análises focadas na dicotomia entre origem e destino. Contudo, os métodos de pesquisa

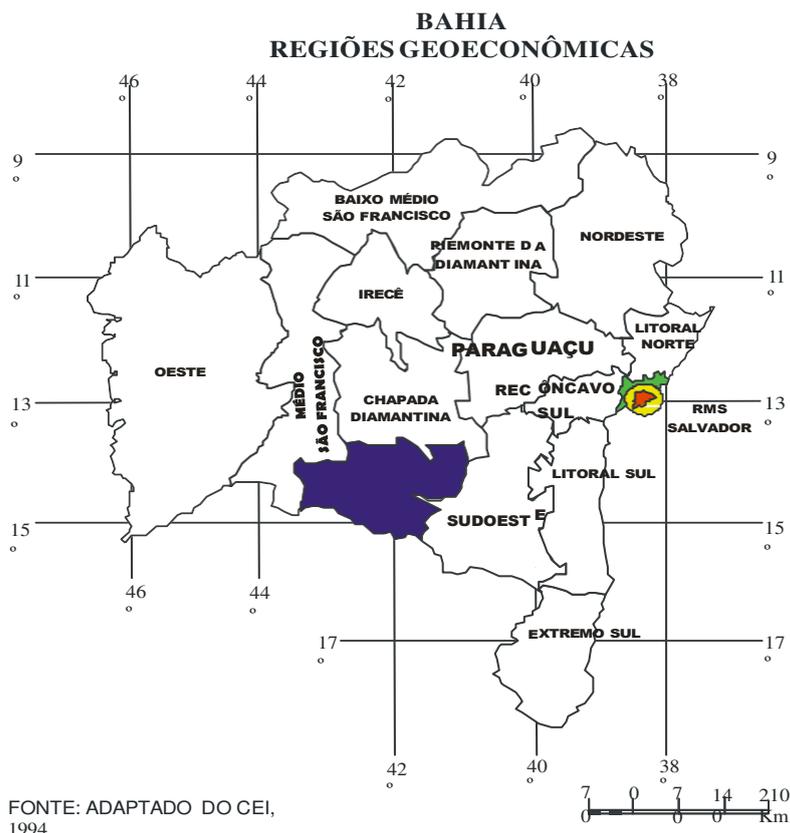
baseados em outros instrumentos têm revelado a existência de um extrato importante de trabalhadores que se deslocam repetidas vezes no espaço, a fim de encontrarem uma forma de sobrevivência (MENEZES, 2002). Portanto, estas afirmativas apontam o trabalhador migrante temporário como um camponês em constante deslocamento de ir e vir sobre o espaço. Migrar é uma prática social, na qual os indivíduos têm por finalidade atingirem o máximo de bem-estar socioeconômico.

Nesse capítulo, temos dois objetivos principais, primeiro, uma breve análise das transformações sociais e econômicas do município, destacando a decadência do algodão e o impacto sobre as condições de reprodução social dos camponeses e, segundo, como a literatura tem analisado as migrações, especialmente entre famílias de camponeses que vivem em áreas rurais caracterizadas por processos de precário acesso a terra.

1.1 Lugar de origem: caracterização do município de Pindaí-BA

Segundo órgãos estatísticos e de planejamento do governo federal e estadual, o município de Pindaí-BA está localizado na região de planejamento da Serra Geral e microrregião homogênea administrativa de Guanambi-BA. Distancia-se por rodovia da capital, Salvador, 830 km e 33 km da cidade de Guanambi, sede regional polarizada. Limita-se ao norte com Guanambi e Caetité ao sul com Urandi, ao Leste com Caetité, Licínio de Almeida e Urandi e ao oeste com Candiba e Guanambi. Compreende dentro das coordenadas geográficas 14° 29", latitude sul e 42° 41", longitude oeste, situando no sudoeste baiano. Abaixo o mapa da microrregião Serra Geral.

MAPA 01



O município de Pindaí ocupa dentro da região da Serra Geral uma área de aproximadamente 716 km², incluído totalmente no polígono das secas, apresentando alto risco de estiagens. As chuvas são irregulares e concentram entre os meses de setembro a janeiro, assim, o índice pluviométrico é bastante oscilante; a mínima 201 mm e a máxima atinge até 860 mm. A área é recoberta por caatingas e manchas de cerrado.

O município de Pindaí-BA emancipou-se em 1962, havendo neste mesmo ano eleições para prefeito e vereador. Neste período, no contexto nacional vigorava a política desenvolvimentista do governo Kubitschek, que posteriormente foi substituída por Goulart, proporcionando a organização sócioespacial do município. Nesses moldes, os governos da década de 50 até meados de 60 estiveram voltados para a política de desenvolvimento endógeno, estimulando a industrialização sustentada por capitais estrangeiros e a construção de rodovias que ligassem os vários pontos do país às áreas economicamente mais dinâmicas.

Iniciam-se, diante de toda essa conjuntura política, econômica e social do país, os primeiros deslocamentos populacionais do Nordeste, no qual o município de Pindaí-

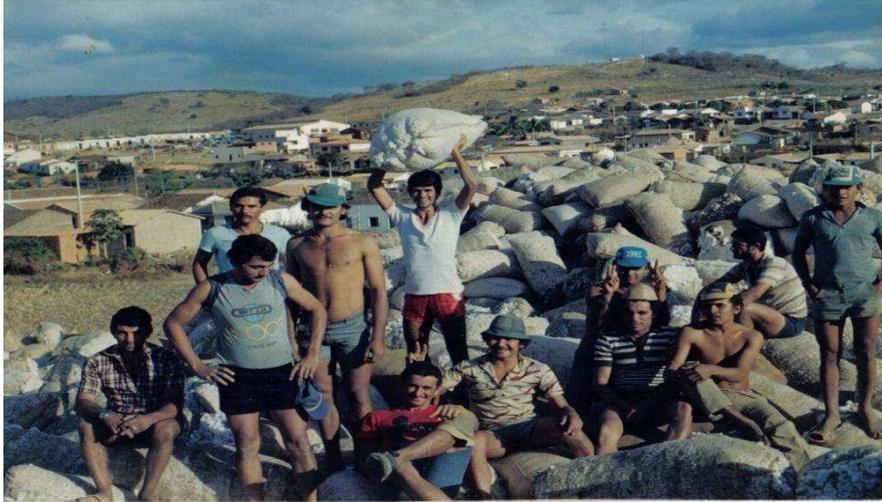
BA não se exime deste contexto. Antônia Jordão Neto e Santa Helena Bosco (1976), com base em informações da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, apontam que entre 1940-1960 um grande número de pessoas que ali entravam eram procedente da região da Serra Geral, na Bahia.

Na primeira eleição realizada em 1963, foi escolhido o Sr. Jerônimo Borges como prefeito, e no ano de 1965 foi apresentado na câmara municipal um projeto modificando o nome de Pindaí para Ouro Branco, pois neste momento, a marca econômica do município era a grande produção de algodão, cultura agrícola de maior destaque na região. Entretanto, mesmo com aprovação unânime por parte dos vereadores o nome não se oficializou, porque já existia no estado da Bahia outro município com esta denominação.

O elo com as atividades agropecuárias no município de Pindaí-Ba sempre fora muito presente para sua população, isso pode ser visto na mostra do senso agropecuário, de várias décadas, e na própria estrutura econômica do município. Contudo, o período de maior significância corresponde ao apogeu da produção algodoeira, ocorrida aproximadamente entre as décadas de 1960 a 1980. Desta forma, essa atividade tinha relevância sobre a economia e sociedade do município de Pindaí e na Região da Serra Geral, principalmente na cidade polo comercial, Guanambi-BA.

Borges (2011), em trabalho memorialista, reporta que no período áureo do “ouro branco”, como é denominado o algodão, era tão forte a circulação dessa matéria prima, que economicamente o município de Pindaí tinha um destaque grande na região da Serra Geral e mesmo fora dela, a usina de beneficiamento de algodão funcionava a todo vapor. Era constante a saída de caminhões carregados de fardos de algodão em plumas, já beneficiados, rumo a Minas Gerais, Rio de Janeiro e Salvador e daí, exportado até para os Estados Unidos. Houve inclusive, na década de 1950, uma parceria entre José Borges Sobrinho (Juca Borges), proprietário da Usina de Beneficiamento, e os Irmãos Pereira, fortes empresários de Montes Claros, numa sociedade para fabricar óleo de algodão. No caso, a semente era levada para Minas Gerais para ser processado industrialmente, o que deu origem ao óleo apresentado ao mercado em latas de cor amarela, estampado a denominação Marysol.

Figura 01. Trabalhadores na usina Soalba em Pindaí no ano de 1987



Créditos da foto: Irmãos Sobrinho

As primeiras mudas de algodão na região de Guanambi foram trazidas nas primeiras décadas do século XX pelos tropeiros, estes passavam por esta área com gados destinando para o estado de Minas Gerais. Assim, a partir da década de 70 o centro de sua comercialização deste produto vivenciou um forte dinamismo econômico, tendo na década de oitenta, aproximadamente, dezesseis usinas de beneficiamento do produto, isto a tornou conhecida como a “Capital do Algodão”.

Foi sem dúvida alguma, o período do *ouro branco*, uma das épocas mais importantes no desenvolvimento de Guanambi, Essa época iniciou-se em 1912, no atual bairro dos Brindes, com a chegada das máquinas para montagem da primeira usina motorizada do interior da Bahia (...) Já no final da década de noventa, o algodão entrou em decadência, trazendo inúmeros prejuízos, econômicos e sociais, para o comércio da região e da própria cidade de Guanambi. (COTRIM, 2001, p. 66).

A importância econômica da produção algodoeira em Guanambi e suas implicações na organização espacial da cidade foi alvo de crítica na obra literária de Araújo (1987). A sociedade guanambiense, no período áureo do *ouro branco*, era investidora, preponderantemente, em bens de consumo, como: mansões, carros novos,

comércio de roupas de luxo e reservas de dinheiros em bancos. Em detrimento de investimento em bens culturais, como cinemas, casa de culturas e diversas atividades artísticas. Nessa obra, é enfatizado, também, Guanambi como centro da comercialização da produção, pois o algodão provinha das cidades vizinhas. Ratificando o autor, “a título de esclarecimento: 90% do algodão comercializado em Guanambi, não é produzido em Guanambi: Vem das cidades circunvizinhas”.

Santos (2004) aponta que nessa região a produção do algodão em seu apogeu, processou-se por meio das pequenas e médias propriedades, geralmente, os lavradores trabalhava em sua pequena propriedade e prestava serviço em outras maiores como trabalhadores rurais, parceiros ou arrendatários. Já a comercialização era feita por grandes proprietários e comerciantes, que compravam dos pequenos produtores independentes e parceiros.

A mão-de-obra utilizada neste momento era, basicamente, a familiar. Isto faz entender, portanto, que não havia neste momento a necessidade do homem se retirar para lugares mais distantes do seu local de origem para trabalhar. Mesmo entendendo que esse momento não estava isento dos processos de exploração no campo.

(...) os pequenos proprietários parceiros, mesmo se utilizando basicamente da mão-de-obra familiar, necessitavam de certo capital inicial para a exploração do cultivo do algodão. Como não possuíam tais recursos, recorriam ao grande produtor, que lhes fornecia recursos para comprar insumos básicos (sementes, adubo, inseticidas); em contrapartida era feita a comercialização na folha, ou seja, o agricultor vendia a produção antes do ciclo final. (SANTOS, 2004, p.71).

A produção algodoeira no município de Pindaí e região, neste período provocou a atenção de muitos trabalhadores de outras regiões da Bahia. Nogueira (2011), ao tratar dos descolamentos de trabalhadores temporários do município de Aracatu-Ba para a colheita de café no estado de São Paulo, alude que na década de 1980 esses camponeses tinham como destino a colheita de algodão no município e região de Guanambi, com a decadência desta atividade na segunda metade da década de 1990, os aracatuenses passaram a buscar novos itinerários migratórios temporários no Sudeste.

Um processo migratório mais organizado aparece somente a parti da década de 1980, com a colheita do algodão em fazendas de algodão de Guanambi, região sul da Bahia (...) Da segunda metade da década de 1990, quando não havia mais produção massiva de algodão em Guanambi, até o presente, os aracatuenses recomeçaram a se deslocar para região sudoeste, principalmente para trabalhos agrícolas temporários, em especial, para as fazendas de café da região sul de Minas Gerais e para São Paulo (NOGUEIRA, 2010, p.109).

Os registros históricos bibliográficos da constituição territorial política, econômica e social do município de Pindaí-BA e da Região Serra Geral são incipientes, desta forma, foi necessário recorrer a narrativas de alguns sujeitos da sociedade que vivenciaram parte destes momentos e identificar os principais fatores que proporcionaram o desencadeamento de fluxos migratórios. Na entrevista de João da Silva Porto³ encontram-se elencados vários destes elementos históricos.

No contexto da emancipação política do município de Pindaí, a economia era baseada na agricultura e pecuária, mas o mais acentuado era as lavouras de algodão e para falar dos vínculos de economia, pode-se voltar a questão da origem do nome do município que primeiramente se chamava Gameleira e em virtude da grande produção de algodão passou-se a chamar Ouro Branco. A produção de algodão era marcante e o povo trabalhava sem máquinas, o principal instrumento era o arado. Nesta época, em 1960, o algodão era a fonte principal da economia, inclusive existia uma usina que pertencia ao Senhor José Borges [conhecido popularmente no município como Juca], que fizera uma sociedade com os irmãos Pereira de Montes Claros-MG, tudo era em função do algodão. Sr. Juca tinha até um vale, que quando acabava o dinheiro [para pagar os fornecedores de algodão] nos dias de feira era distribuído no município e era muito bem recebido, na semana ele trocava em Caetité no Banco do Brasil e pagava todos os vales então tudo girava

³ João da Silva Porto tem 65 anos de idade é Professor de Geografia, dedica-se a muitos anos de sua vida a área de educação do município. O primeiro emprego como educador foi em 1970 e foi vinculado a um programa de alfabetização adulta em várias localidades rurais. Durante 39 anos atuou na rede estadual de ensino e atualmente está vinculado como servidor na Secretaria de Educação e Cultura do município. Também foi vereador por duas vezes e assessor de gabinete do primeiro prefeito Jeromino Borges. Ele afirma que a gama de conhecimentos e fatos sobre o município decorreram das “vivências” que tivera ao longo de sua vida e pelo seu jeito investigativo de ser, sempre buscara conversar com as pessoas idosas de várias localidades, recortando fatos históricos que marcou para a formação política e territorial de Pindaí, os informantes foram denominados pelo professor como “pessoas fontes”, assim estas pessoas forneciam-lhe dados históricos da fundação e povoamento da cidade. Ao longo da década de 1980 participou da pesquisa sobre o histórico municipal para Igreja Católica no Movimento Eclesial de Base.

economicamente totalmente em função do algodão. Isso ocorreu de 1958 até aproximadamente 1960. Mas, este apogeu se prolongou por várias décadas, perpetuando como grande agregador de valores. Sr. Severino [outro usineiro do município] dominou o comércio de algodão na década de 80 quando estava muito forte a questão do algodão. Aí entrou Antonio Rodrigues que foi um grande comerciante de algodão, houve um tempo que saía de Pindaí aproximadamente 20 caminhões de algodão. O algodão foi muito importante na economia de Pindaí.

(Entrevista realizada com Senhor João da Silva Porto, Pindaí-BA, abril 2011).

A partir da década de 1980 a meados de 1990, as lavouras de algodão foram assoladas pela praga do bicudo, isto provocara a decadência desta atividade. Conseqüentemente, várias mudanças sociais em Pindaí e na região da Serra Geral.

A decadência do algodão decorrida pela disseminação da praga do bicudo, quando ele apareceu foi um fracasso, pois esta é uma praga muito resistente, isso ocorreu a partir de 80, quando chegou em 90 já não existia mais nada. A sociedade pindaiense diante deste cenário tomou outra direção veio a cultura migratória, e os trabalhadores começaram a partir para as lavouras de cana de açúcar, foram trabalhar em São Paulo [...] Na época Guanambi a cidade vizinha maior era considerada a capital do algodão, existia aproximadamente 28 usinas de beneficiamento e Pindaí tinha o mesmo embalo. Mas, aí veio o fracasso, o bicudo veio e destruiu tudo, neste período todo mundo começou a sair da região, inclusive o grande empresário Carlos Bonfim que se destinou para o estado de Mato Grosso do Sul. Desse jeito, foi tudo se desequilibrando e os trabalhadores começaram a cultura migratória. Então em 1990 foi o advento das mudanças o povo partiu buscando outras chances em outros rumos (Entrevista realizada com Senhor João da Silva Porto, Pindaí-BA, abril 2011).

O declínio da produção de algodão na região da Serra Geral caracteriza por ser um dos fatores preponderantes para intensificação dos fluxos migratórios desta área a partir da década de 1980. Dessa forma, diante da deterioração das condições de vida e trabalho neste espaço, uma das estratégias encontradas de sobrevivência das famílias foram as migrações.

Situações análogas a da Região da Serra Geral da Bahia ocorreram em outros contextos do sertão nordestino. MENEZES (1985) aponta na Paraíba as mudanças ocorridas sobre a produção de algodão, que durante muito tempo foi o carro-chefe da economia, cedeu lugar para a pecuária, difuso neste processo a expropriação dos pequenos produtores rurais. Conseqüentemente, esta situação provocara a deterioração

das condições de sobrevivência dos trabalhadores, ou pauperização das unidades de produção da família, que encontram como saída as migrações de partes dos membros da unidade familiar, do campo para “pontas de rua” das cidades.

O camponês é um grupo caracterizado por um modo próprio de vida e trabalho. O camponês tradicional é uma categoria apoiada no sistema de produção baseada na policultura e na criação de animais, cuja capacidade está em prover a subsistência do grupo familiar, tanto a nível imediato, isto é, atendimento às necessidades do grupo doméstico, como a reprodução da família pelas gerações subsequentes. A policultura e a criação de animais são feitas em sábia organização social do trabalho, executado pela família, no qual detém grande diversidade de habilidades.

No contexto do município de Pindaí-BA, o algodão serviu durante as décadas de 60,70 e 80 do século XX, como atividade que garantia a satisfação de boa parte das necessidades dos camponeses proporcionando a permanência do seu modo de vida.

O campesinato se relaciona com a terra como lugar de trabalho e reprodução da família. Contudo, apresenta relações que são diferentes da agricultura familiar, cuja estrutura e organização estão voltadas para o mercado. De acordo com Wanderley (1996):

A agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação entre propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global (WANDERLEY, 1996, p. 3).

A construção das relações no interior das famílias camponesas tem como referência o horizonte das gerações. Com base em Wanderley (1996), um dos eixos centrais da associação camponesa entre família, produção e trabalho é a expectativa de que todo investimento em recursos materiais e de trabalho despendido na unidade de produção, pela geração atual, possa vir a ser transmitidos à geração seguinte, garantindo a esta, as condições de sua sobrevivência.

O camponês, portanto, se apoia em saber tradicional para enfrentar o presente e se preparar para o futuro. Este é transmissível para os filhos e justifica as decisões referentes à alocação dos recursos, principalmente do trabalho familiar. Isso referencia

que esta categoria tem uma cultura própria que inspira as regras de parentesco, de herança e das formas de vida local.

A agricultura camponesa é inserida em território, lugar de vida e de trabalho, onde o camponês convive com outras categorias sociais e onde se desenvolve uma forma de sociabilidade específica, ultrapassando os laços familiares e de parentesco. O camponês desenvolve um mecanismo para reservar parte de seus recursos para as trocas de mercadorias com o conjunto da sociedade, e assim para atender estas imposições, terminam por introduzir no interior do próprio modo de funcionamento certos elementos que lhe são originalmente externos.

De fato, o sistema de policultura-pequena criação é concebido como um todo, estruturado de forma a garantir a subsistência da família camponesa. Porém, ele não elimina a fragilidade da agricultura camponesa, nem impede a emergência das situações de miséria e de grandes crises: seus resultados dependem de causas aleatórias, de origem natural – os efeitos das intempéries - ou das implicações das relações político-sociais dominantes, especialmente a extração da renda da terra (WANDERLEY, 1996, p. 03).

Com a crise do algodão, o camponês de Pindaí não encontra em seu lugar de vida todos os elementos econômicos para sua sobrevivência, levando-o a buscar mecanismo de reprodução fora da propriedade familiar. Outros autores, como Garcia Jr. & Heredia (2009) afirmam que o campesinato, como uma categoria intermediária entre as sociedades primitivas e as sociedades de mercado, participa do mercado de terras, de produtos e de trabalho; há sistematicamente venda e compras de mercadorias.

Sobre as vinculações de trabalho externo a unidade de produção familiar, há a alocação do trabalho em áreas de grandes propriedades, isto ocorre como um mecanismo para complementar a renda familiar.

Desse modo, pode-se perceber que a categoria é composta por indivíduos que estão vinculados a laços pessoais – de família, parentesco e de amizade, e em caso de necessidades dos processos produtivos, podem ser mobilizados para diversas atividades.

Wanderley (1996) aponta que a pluriatividade e o trabalho externo de membros das famílias camponesas não representam, necessariamente, a desagregação da sua forma de vida, mas constituem, frequentemente, elementos positivos, com o qual a própria família pode contar para viabilizar suas estratégias de reprodução presentes e futuras. Considerando a existência de relações entre agricultura camponesa e o pequeno

tamanho da terra e da produção, é preciso pensar que a agricultura camponesa dispõe de poucos recursos e tem restrições para potencializar suas forças produtivas. Porém, não é camponesa por ser pequena, isto é, não é a sua dimensão que determina sua natureza e sim suas relações sociais internas e externas.

Deste modo, os camponeses continuam a se reproduzir nas sociedades atuais integradas no mundo moderno, tanto na sua vida social quanto no modo de produzir.

No município de Pindaí, muitos camponeses estão expostos à situação de precariedade no acesso a terra. Em diversas situações, o projeto do futuro é assegurado pelas gerações atuais graças às possibilidades de mobilidade espacial. Esta prática de mobilidade espacial e a própria precariedade de acesso a terra, faz com que o patrimônio transmitido entre gerações seja o próprio modo de vida.

(...) as formas da precariedade são diferenciadas, os camponeses tiveram, de uma maneira ou de outra, que abrir caminho entre as dificuldades alternativas que encontravam: submeter-se à grande propriedade ou isolar-se em áreas mais distantes; depender exclusivamente dos insuficientes resultados do trabalho no sítio ou completar a renda, trabalhando no eito de propriedades alheias; migrar temporária ou definitivamente. São igualmente fontes de precariedade: a instabilidade gerada pela alternância entre anos bons e secos no sertão nordestino; os efeitos do esgotamento do solo nas colônias do Sul (WANDERLEY, 1996, p. 3).

A luta dos camponeses de Pindaí passa pela construção do território da família, constituindo um lugar de vida e de trabalho, capaz de guardar a memória da família e reproduzi-las para as gerações posteriores. Contudo, ocorre um processo paradoxal que consiste na mobilidade do agricultor, devido às dificuldades de se manter na terra. A mobilidade do camponês ocorre por dois fatores migratórios: o primeiro ocorre devido à pressão exercida pelo grande proprietário, nisto para não se encontrar em uma situação de submissão, os camponeses encontram na migração um caminho a seguir. O segundo dá-se a migração de fronteira, geralmente apoiada no projeto de garantir um estabelecimento para cada membro da família.

O campesinato no Brasil tem uma longa tradição de trabalhar para os grandes latifundiários de maneira alugada. Geralmente, se ocupam nos trabalhos sazonais, cujo tempo de não trabalho coincide com as safras das grandes culturas.

No caso de Pindaí, vimos como o algodão foi a atividade preponderante, consorciada com a pecuária e as culturas alimentares. Contudo, as transformações nos

processos de produção e comercialização do algodão acabaram fragilizando esse sistema. Desse modo, os camponeses foram impulsionados a buscar trabalho externo a suas propriedades, no caso o agronegócio canavieiro, para reprodução de suas famílias.

Wanderley (1996) considera que a precariedade e a instabilidade da situação camponesa faz com que o trabalho externo se torne, na maioria dos casos, uma necessidade estrutural, isto é, a renda obtida fora se torna indispensável para sua reprodução, não só da família, mas do próprio estabelecimento familiar.

Este aspecto da questão é de grande importância, porque não se trata simplesmente de demonstrar que os estabelecimentos camponeses não conseguem gerar renda suficiente para manter a família; trata-se, ao contrário, de compreender os mecanismos deste equilíbrio precário e instável, pelos quais o estabelecimento familiar se reproduz, a despeito do trabalho externo e, em muitos casos, em estreita dependência deste mesmo trabalho externo. (WANDERLEY, 1996, p.3)

Silva (2005) fala que muitos camponeses deixam suas terras em busca de trabalho em outras áreas para completarem a renda familiar ou abastecerem outras necessidades, principalmente, os jovens para aquisição de mercadorias capitalistas.

Mas, a satisfação de todas estas necessidades está assentada em elementos simbólicos. A migração temporária aparece como uma estratégia, como uma solução material num duplo sentido: por um lado, o assalariamento permite a compra de alimentos, garantindo, assim, um patamar mínimo de sobrevivência; por outro, a saída da terra corresponde à volta, já que o trabalho assalariado é temporário. Cria-se, portanto um elo de complementaridade bastante estreita entre estas realidades, que, apesar de opostas, se servem mutuamente. Em outros termos, a economia capitalista avançada necessita desta mão-de-obra barata em seu espaço por algum tempo, e a economia miserável necessita do pouco dinheiro, auferido por alguns de seus membros para continuar existindo (SILVA, 2005, p.20).

Assim, a precariedade referente ao mundo camponês é marcada pelas estratégias encontradas pelos indivíduos para conseguirem se reproduzir. A economia capitalista avançada necessita da mão de obra barata em seu espaço por algum tempo, enquanto que a economia miserável precisa do pequeno rendimento, extraído por alguns dos seus membros para continuar sobrevivendo.

A saída dos camponeses de suas propriedades em busca de trabalho em outros lugares agrícolas, leva em consideração o valor que a terra tem para esta categoria, algo que não diminui sua importância social. Assim, os bens materiais levantados a partir desta atividade retornam para serem investidos na propriedade da família. As famílias camponesas utilizam a estratégia de realizar movimentos circulares em um esforço para famílias se perpetuarem onde estão.

A força se constitui, na verdade, na metáfora, que é o tropo linguístico dominante desta narrativa. A ruptura está presente na existência do assalariamento, do dinheiro auferido na terra dos outros, em São Paulo. A complementaridade é intrínseca à força do homem que parte e da mulher que fica. Por outro lado, a ideia de força está intimamente associada à força da terra e das pessoas para trabalharem a terra dos outros. A saída está ligada à fraqueza da terra. A forma de compensar esta fraqueza é trabalhar na terra dos outros, mas com a própria força, força que foi produzida pela própria terra. Há, aí, um movimento circular, unindo duas terras separadas no tempo e no espaço. O homem na terra dos outros tem a força para trabalhar. Com o dinheiro produzido por esta força, o homem alimenta a família, que, então passa a produzir a força para trabalhar na própria terra. Somente, assim, pode-se reproduzir a unidade anterior entre homem-terra. Da interação homem-terra, espera-se o produto, a colheita para produzir a força até o mês de maio, quando, novamente, impõe-se a partida para reproduzir a situação anterior (SCOTT, 2009, p. 249).

Scott (2009) aponta que o fluxo de pessoas entre um grupo doméstico e entre regiões acabam por transferir a energia humana mais produtiva para contextos nos quais classes mais poderosas possam explorá-la. Esta foi uma análise feita da busca de mão de obra camponesa pelos engenhos Pernambucanos, ofertadores de vários mecanismos para o trabalhador se estabelecer e captar o máximo de energia dentro grupo doméstico para a cana.

Desse modo, os trabalhadores das regiões desfavorecidas, os grupos domésticos, sofrem limitações severas, porém sua fonte de renda é frequentemente de salários advindos do setor capitalista. Assim, o cenário que está inserido é dado pela confrontação da relação imediata de exploração da força de trabalho por uma classe dominante que quer usufruir o máximo dos benefícios da propriedade e dos meios de produção.

1.2 As migrações: abordagens teóricas

A população do município contava em 2010, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com 15.628 habitantes, sendo 4.319 na zona urbana e 11.309 na zona rural, com densidade demográfica de 25,45 hab./km².

Tabela 01. Censo Demográfico do Município de Pindaí-BA de 1970 a 2010

Ano	Total	Urbana	Rural	Densidade Demográfica hab./km ²
1970	12.839	1.197	11.642	19,30
1980	13.117	1.757	11.360	19,70
1991	16.538	3.041	13.527	24,87
2000	15.267	3.631	11.863	21,34
2010	15.628	4.319	11.309	25,45

Fonte: www.sidra.ibge.gov.br. Acessado em 26 nov. 2011

Na análise do quadro acima, se verifica que o índice de urbanização aumentou expressivamente de 1970 para 1990, reflexo do apogeu da produção algodoeira, no qual o município tornou-se um atrativo para o trabalho nas lavouras desta cultura agrícola. Entretanto, mesmo com esta mudança no índice de urbanização a maioria da população reside na Zona Rural.

Nota-se que a população pindaiense teve uma taxa média de crescimento anual de 0,78%, passando de 16.575, em 1991, para 15.494 em 2000. Assim, em meados da década de 80 a meados da década de 90, a cultura do algodão favoreceu o crescimento econômico do município. Com o declínio dessa atividade, a população decaiu em decorrência dos índices migratórios.

O que pode ser notado é que no município de Pindaí-BA a maioria da sua população reside nas áreas rurais. Assim, em Aracatu-BA, próximo geograficamente de Pindaí, foi encontrado uma situação semelhante. Nogueira (2010) aponta que a

população rural é constituída predominantemente por famílias camponesas⁴ que moram e trabalham em terras próprias. Já na estrutura fundiária, predominam as pequenas e médias propriedades, que têm em média 50 hectares.

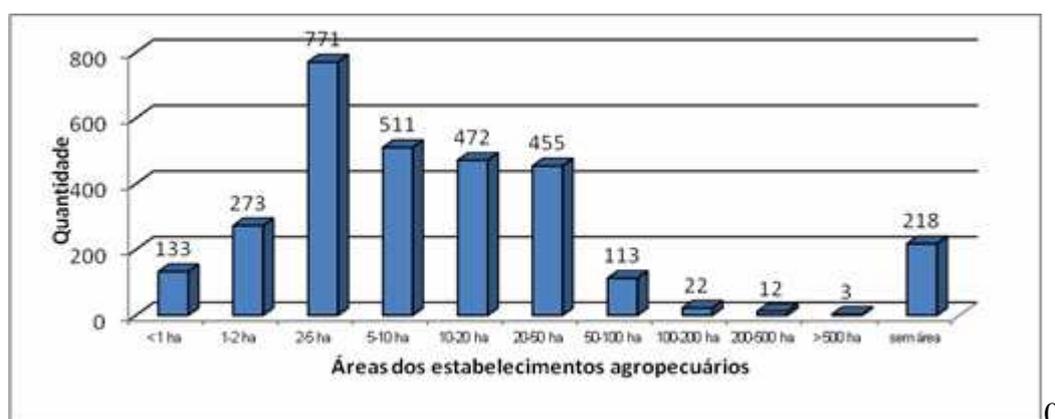


Gráfico 01-Distribuição dos estabelecimentos agropecuários por grupos de áreas em Pindaí-2006.
Fonte: www.sidra.ibge.gov.br. Acessado em 26 nov.2011

A maioria da população do município está diretamente ligada às atividades agropecuárias, havendo apenas um pequeno número de funcionários públicos municipais, prestadores de serviços à Prefeitura, profissionais liberais autônomos.

O precário acesso a terra, a decadência do algodão, principal cultura comercial, e a deficiência de atividades econômicas no município de Pindaí que empregam mão-de-obra explicam as difíceis condições de reprodução social das famílias agricultoras. No entanto, é necessário também observar, nesse período, que processos sociais ocorriam em municípios, estados e regiões que se conectavam com Pindaí, especialmente através da mobilidade de trabalhadores.

Como vimos o algodão na região aqui estudada, durante muito tempo serviu como elemento que diminuía a vulnerabilidade dos camponeses em ter que buscar mecanismos de trabalho externo as suas propriedades para reprodução da família e do seu modo de vida.

⁴ Segundo a pesquisa de Nogueira (2010), sobre a construção dos territórios de famílias camponesas do município de Aracatu na Bahia, marcada por históricos e cíclicos deslocamentos de membros para fora do lugar de origem, famílias que detêm pouca extensão de terra e uma produção agrícola quase que exclusivamente voltada para o consumo próprio, sendo poucos itens ou pouca quantidade, o excedente produzido é eventualmente comercializado (p. 56).

Assim, a decadência do algodão no município de Pindaí-BA corresponde a um fator atrelado aos deslocamentos de trabalhadores para outras áreas do país. Estes trabalhadores, geralmente, partem como força de trabalho.

Com desaparecimento do algodão houve varias mudanças, logo mais o governo montou sistema econômico de maior distribuição de renda. Hoje, o povo vive muito em função dos recursos do governo, porque a nossa agricultura está desativada. Os trabalhadores vão para o corte de cana por um período de seis meses, a população mais jovem, são migrantes. Os primeiros trabalhadores foram com pessoas que contratavam para as regiões canavieiras, quem tinha mais dinheiro levava de dez a vinte pessoas, quando os trabalhadores chegassem no local de trabalho iam pagando as despesas com transporte, alimentação, isso nos primeiros tempos, com a continuação os trabalhadores foram acostumando. (Entrevista realizada com Senhor João da Silva Porto, Pindaí-BA, abril2011).

Nesses movimentos migratórios, um dos caminhos tomados foram os canaviais do sudeste, fator que se desenha até nos dias atuais, caracterizado principalmente pela retirada temporária de parte da população masculina. Esses trabalhadores são, geralmente, recrutados por uma espécie de *turmeiro* que são encarregados de arrumar o trabalho nas usinas. Ratificado ainda na entrevista do Professor João Porto.

A população do município de Pindaí-BA é predominantemente rural, como já fora salientado acima, as atividades agrárias constituem um papel singular sobre a sua vida econômica. Este quadro leva a caracterizar que grande parte desta população se vincula ao campo e é formada, em sua maioria, por camponeses. O presente estudo de caso é, sinteticamente, de trabalhadores-migrantes, propriamente na figura do agente recrutador deste processo. Deve-se considerar que é composto por camponeses trabalhadores migrantes⁵. Dessa forma, aqui o exercício busca observar na literatura como se constitui essa categoria.

⁵ Para Menezes (2002), camponês-trabalhador migrante trata de um termo novo, porém um fenômeno social antigo. Na literatura, diz que este trabalhador é tratado como “trabalhador migrante”, “trabalhador sazonal”, “migrante temporário” ou “migrante circular” (...) Sua existência remonta ao século XVIII, e eles têm se engajado em muitas atividades produtivas, internacional ou internamente, sozinhos ou em grupos e permanecem semanas, meses ou anos longe de casa. Nas cidades, eles empregam-se em setores industriais e de serviços, enquanto que, na agricultura são, em geral, contratados durante os períodos de grande demanda de força de trabalho, tal como ocorre durante as safras.

Na perspectiva de debate sobre os camponeses é abordado que não se trata de uma categoria homogênea, pois se define como uma unidade de produção familiar, caracterizada por relações sociais. No entanto, pode-se notar que o processo de diferenciação deve ser visto através das múltiplas estratégias de reprodução social, como empregos locais, pequenos comerciantes, artesanato e as migrações em busca de trabalho.

Garcia Jr. (1989) ressalta que é preciso entender a heterogeneidade na situação camponesa, pois há uma diferenciação no processo de transformação social. Pois, o campesinato está correlato ao movimento de expansão das grandes propriedades. Nesses moldes, a constituição das grandes propriedades capitalistas apresenta suas formas de dominação específicas, faz surgir um campesinato como um movimento que não se dá no vácuo social, mas choca-se com o movimento de expansão da grande propriedade modernizada.

Para Garcia Jr. (1989) é preciso considerar que os deslocamentos são acompanhados de múltiplos fatores, tanto para os que partem como sobre os que ficam, e sobre as relações que um e outro mantêm com o espaço social de origem. Ainda acrescenta nas suas formulações que o campesinato e o mercado de trabalho industrial não estão necessariamente em posição de mútua exclusão, pois, para que um exista, o outro não tem que deixar de existir.

A constituição do mercado de trabalho capitalista não induz ao desaparecimento do campesinato, mas sim pode permitir o seu surgimento ou desenvolvimento de uma maneira diferenciada, que já pode surgir livre e diferenciado, porém, ameaçado.

É um choque de movimento diferencial de todas as categorias de trabalhadores com o movimento diferencial das várias categorias de grandes proprietários, que modificam suas estratégias de uso do patrimônio fundiário, as formas de recrutamento da força de trabalho e seus padrões produtivos (GARCIA Jr.,1989, p. 28).

Garcia Jr & Heredia (2009) abordam o que se passa com grupos de camponeses que dependem em larga medida do que se passa com categorias dominantes, os grandes proprietários e os novos grupos econômicos, e mesmo empresas financeiras.

Os estudos sobre migração interna privilegiaram por muito tempo as análises focadas na dicotomia entre a origem e o destino. Contudo, os métodos de pesquisas baseados em outros instrumentos têm revelado a existência de um extrato importante de trabalhadores que se deslocam repetidas vezes no espaço, a fim de encontrarem uma forma de sobrevivência (MENEZES, 2002). Portanto, essas afirmativas apontam o trabalhador migrante temporário como um camponês em constante descolamento de ir e vir sobre o espaço.

Segundo Durhan (1978), as migrações podem ser explicadas como uma tentativa de mobilidade social, isto é, como resposta a problemas criados pela estrutura da sociedade nacional e que são fundamentalmente econômicos. Ainda, pode-se acoplar o dicionário de Sociologia (2001, 2ª Ed.), o fenômeno da mobilização social é um movimento de indivíduos ou das unidades familiares no interior dos sistemas de categorias sócios profissionais ou para outros autores dos sistemas de classes sociais.

Isto devido, a mobilidade entre espaços não se resume a deslocamentos geográficos, mas são também mudanças sociais e dessa forma, pode ser considerada mobilidade entre categorias sociais.

O conceito acima é ratificado por Sarmiento (1984, p. 21)

migrações são conseqüentemente manifestações do processo de desenvolvimento e das transformações sociais [...] as migrações são, pois causas e conseqüências de mudanças sociais, de conflitos de classes ocorrentes no interior de uma dada sociedade.

O termo migração implica uma mudança e cada corrente migratória possui sua estrutura definida, não apenas pelo número de indivíduos mobilizados, mas pela coesão imposta ou espontânea, verificada em cada ponto corrente. Os estudos de migrações são realizados por geógrafos, sociólogos, antropólogos, demógrafos, etc.

Acrescentando a essa ideia, o Dicionário de Economia (1997) indica que “migrações são as deslocações de indivíduos ou de grupos de indivíduos no espaço”.

Mas, Singer (1976, p. 51) diz que “o mais provável é que a migração seja um processo social cuja unidade atuante é o grupo [...] em que as principais condicionantes são as macro-sociais”.

O surgimento do modo de produção capitalista dentre alguns fatores, fez com que as populações humanas se mobilizassem não por suas necessidades vitais, mas em decorrência da precisão do sistema, Gonçalves (2002, p.238) esboça que: “Nas sociedades regidas por instituições/ relações sociais capitalistas, o homem é uma variável dependente da composição. O homem, portanto, é uma variável a serviço do capital, ele transita por onde esteja instituído o setor capitalista”. Entretanto, esta corrente de pensamento deve ser problematizada, pois exclui o indivíduo, detentor de relações sociais e de motivações diversas para os deslocamentos.

Na sociedade capitalista o homem se desloca para expandir o mercado de trabalho, servindo de força de trabalho “livre”. Para Becker:

[...] modos de produção. Nas sociedades primitivas, a mobilidade representava uma forma de sobrevivência, para as populações itinerantes que precisavam se deslocar para encontrar alimentos e terras férteis para seu cultivo comunitário. Na sociedade capitalista, a mobilidade representa um meio para produção do capital, uma vez que uma de trabalho livre imóvel torna-se essencial para o processo de acumulação. A mobilidade desempenhou funções diferentes em diferentes períodos. (BECKER, 1997, p.341).

A mobilidade do trabalho decorre da centralidade do trabalho em centros produtivos de maior especialização. O trabalhador é “livre” para escolher onde quer trabalhar, mas o capital, sendo responsável por esse processo, torna-o mobilizável para espaços onde se demanda força de trabalho. Desta maneira, os trabalhadores na busca de melhores oportunidades de trabalho acabam cumprindo as necessidades do capital. Toledo (2001, p.2) assinala que: “A mobilidade do trabalho seria o processo de formação de uma prática social adequada para o ambiente do capital”.

O capitalismo, para se expandir, conta com a população trabalhadora “livre”. Desta forma, todas as fases deste sistema conjugam-se a amplos processos migratórios,

portanto, frequentemente ocorre à saída do homem do campo para a cidade.

Na relação capital/trabalho/mão-de-obra mobilizada, nem todos os trabalhadores serão inseridos na dinâmica da produção capitalista, pois existe a necessidade de uma reserva que contribui para o processo de acumulação que determina as possibilidades de absorção da população.

Destarte, a existência do exército de reserva é uma estratégia estrutural e conjuntural do capital, uma vez que mesmo com número considerável de trabalhadores ociosos, decorrentes do desemprego conjuntural, subemprego da agricultura e do desemprego tecnológico, o processo de acumulação não cessa de crescer. Assim, o capital variável dado pela relação humana, tende a crescer mais devagar que o capital constante, que são implementos aprimorados de técnicas e tecnologias. Szmrecsai (1980, p. 269) expressa que:

A gênese do excedente demográfico econômico é determinada não por um crescimento numérico do proletariado ao crescimento dos meios de produção, mas pelas vicissitudes conjunturais e estruturais do desenvolvimento capitalista. [...] a formação desse excedente constituía não apenas uma acumulação, mas também um meio necessário para preservação.

É viável salientar, dentro da perspectiva marxiana, que a mobilidade no sistema capitalista decorre não por fatores do excedente populacional ou concentração de atividades em algumas áreas, mas por fatores de ordem estruturais.

A população é a fonte ampliadora da produção do capital, sendo que uma parte está adormecida e outra em atividade, ou seja, a força de trabalho está determinada e condicionada pelo processo de produção do capital.

A expansão capitalista então, em períodos determinados de manutenção da composição do capital, faz com que aumente a procura por trabalho. Esse aumento da força de trabalho em ação na produção social de mercadoria é refletido conseqüentemente na divisão social

do trabalho, ou seja, parte considerada de trabalhadores é deslocada da área rural para áreas urbanas (onde se concentra a produção industrial e mercantil); esse processo é acompanhado por deslocamentos das populações trabalhadoras e/ou setores menos desenvolvidos (menos capitalizados), para regiões e /ou setores mais desenvolvidos. (GONÇALVES, 2002, p.325).

A motivação para as migrações advém “da centralidade do trabalho que o capitalismo estabelece fazendo os trabalhadores migrarem com „espontaneidade“, imbuído do processo da mobilização do trabalho como prática social adequada ao ambiente do capital” (Guademar *apud* Castro, 1997, p. 30). Nessa mesma perspectiva, Toledo refere-se ao trabalhador como sujeito empírico o qual:

[...] deslocando-se no espaço em busca de melhores oportunidades de trabalho cumprindo assim as necessidades do capital. Nessa construção a prática do migrante é a ação de um sujeito, cujo horizonte de subjetividade é moldado pela relação capital. Não só como imposição externa, mas também como introspecção da relação capital na própria forma de entendimento do mundo por parte do indivíduo (TOLEDO, 2001, p.7)

Assim, pode-se observar que existem alguns estudiosos que veem uma movimentação da força de trabalho sobre o espaço geográfico com o sentido de obedecer à mobilidade do próprio capital.

O capitalismo, objetivando o mercado de trabalho, tem a migração como mecanismo que vincula áreas de diferentes escalas espaciais (regional, nacional e internacional). Damiani (2002, p.62) afirma que na construção econômica do capitalismo, as condições naturais não são fatores preponderantes para a distribuição da população, e conseqüentemente os deslocamentos humanos. As migrações no contexto de modo de produção capitalista não se atêm a variável indivíduo/grupo, mas a articulação espacial do mesmo sobre as populações.

Dessa forma, a distribuição e as características dos movimentos da população dependem, sobretudo, das diferenças de oportunidades de emprego e consumo,

determinadas pela estrutura e pelos mecanismos de um sistema econômico.

A industrialização nos países subdesenvolvidos está atrelada ao processo de migrações internas que se delineiam, geralmente, na saída da força de trabalho do campo para a cidade. Contudo, amiúde, esta não será absorvida integralmente por este setor econômico, porque comumente constitui-se de mão-de-obra *desqualificada* para seus moldes e suas exigências.

As atividades industriais são atreladas a lógica de concentração espacial, devido à necessidade de aproveitamento de infraestrutura e ao processo de complementaridade entre as empresas. Essa organização, portanto, provoca profundas modificações na divisão social do trabalho que tenderá a atrair pessoas dos mais variados locais. Assim, as migrações podem ser olhadas da seguinte maneira:

Os mecanismos de mercado que no capitalismo orientam fluxos de investimentos as cidades e ao mesmo tempo criam os incentivos econômicos às migrações do campo para a cidade não fariam mais que exprimir a racionalidade macro-econômica do processo técnico que constituiria a essência da industrialização (SINGER, 1978, p.33).

As desigualdades regionais atuam, assim como o motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas, mas neste sistema econômico, tal transferência tende a se dar de algumas regiões em cada país, para outras, por vezes provocando o esvaziando as demais. (SINGER, 1978, p.37).

A configuração espacial diferenciada dada de fatores de concentração e de difusão modela a relação de trabalho, Santos (1985, p. 39) expressa que “a economia se torna espacialmente seletiva dentro de todos os países [...] os instrumentos de trabalho são cada vez maiores e mais fixos e fluxos”. Desta maneira, em diferentes escalas espaciais a mão-de-obra supre as necessidades econômicas se deslocando pelo espaço. Santos coloca ainda que:

As disparadas regionais ganham uma natureza nova, são cada vez menos presididas pelas condições de aproveitamento direto das condições naturais e cada vez mais pelas possibilidades de aplicação de ciência e da técnica a produção e circulação geral com assinala (SANTOS, 1985, p.10).

Os fluxos migratórios são orientados pelos fatores que expulsam na origem e os fatores que atraem no destino. O primeiro fator é permeado pela questão das mudanças que constroem na área de origem geralmente uma “espécie de desemprego tecnológico na área rural”, em função de um aumento da produtividade do trabalho agrícola e da sua especialização e aos confrontos de disponibilidade da terra. O fator de atração mais operante sobre o migrante é a demanda por força de trabalho, que não são gerados propriamente pelas indústrias, mas pela expansão de serviços que a cidade passa a ofertar no setor educacional, órgãos públicos e por indivíduos autônomos. (SINGER, 1978).

Dessa maneira, as migrações internas são geralmente objeto de controle e gestão. Nos países capitalistas, tipo ocidental, são investimentos ou estratégias das empresas, que determinam os movimentos. A representação principal disto é vista na configuração espacial com disparidades regionais. Raffestin (1980 p. 93) discute que “há um processo de desterritorialização da mão-de-obra, que vive do fato que empresas só raciocinam para sua estratégia”.

Singer (1978) ainda destaca que no âmbito das migrações internas no Brasil as áreas estagnadas de origem atuam como “viveiros de mão-de-obra” para os grandes latifúndios e as grandes corporações agrícolas capitalistas.

As análises estabelecidas sobre o paradigma de que os fluxos migratórios no Brasil ocorriam de áreas estagnadas fornecedoras de mão-de-obra barata para os centros dinamizados industrializados foram problematizadas, pois essas deixam de lado aspectos importantes deste processo. Isto é, os estudos baseados nos fatores estruturais acabam abandonando outras variáveis extremamente importantes como os agentes sociais e as ações envolvidas, que é (Silva, 1992, p.163) algo não apenas determinado, mas também indeterminado, marcado por retornos, reconstruções de trajetórias,

desencontros, reencontros.

Menezes (2009) defende que as migrações ocorridas no Nordeste brasileiro têm sido uma experiência histórica de reprodução social dos camponeses em processos de transformação social e uma experiência familiar.

Quem migra é o indivíduo, no entanto, a migração é uma estratégia familiar que se fundamenta no ciclo da vida, idade e sexo (...) O fluxo de pessoas entre espaços diferenciados é tecido por redes de familiares e de amizade, aproximando, de maneira simbólica, espaços geograficamente distantes. (MENEZES, 2009, p. 270).

Dentro desta mesma perspectiva, Silva (2005) e Menezes (2009) apontam que a categoria das migrações não deve ser tratada somente como analítica, mas como uma categoria histórica. Isto é, redefinir esta categoria a partir de um conjunto de relações sociais que, de um lado, é um trabalhador que resulta de processos de violência e expropriação e, por outro lado, como um pertencente de um determinado espaço social e cultural. E assim:

(...) a denominação abstrata de migrante esconde o conjunto de situações concretas e particulares que definem sua identidade individual e social. Essas duas perspectivas conduzem a reflexões, segundo as quais, os fatores econômicos não são os únicos a ser considerados na análise da migração e dos migrantes (SILVA, 2005, p.54.).

Desta maneira, as migrações no contexto do Nordeste brasileiro devem ser apresentadas, dentre vários fatores, enquanto uma estrutura social na qual a pobreza decorre de fatores como a pequena elite que apropria as circunstâncias naturais para captar verbas que dinamizem os seus negócios e consolidem o seu poder político.

(...) beneficia apenas os grupos econômicos e as classes dominantes,

agüentando o processo de expropriação das camadas mais pobres, ou mantendo assim o contraste dialético entre as riquezas e pobreza, tanto a nível regional quanto de classe e de grupos sociais. (ANDRADE, 1993, p.49).

O tradicionalismo da elite oligárquica nordestina apoia-se no monopólio das grandes propriedades, responsáveis pela produção açucareira, algodoeira e pecuária. E em tempos modernos, as elites empresariais, estruturado em cima dos chamados *agro business* ou agricultura irrigada, em que permanece a mesma estrutura social de outrora, pois a lógica organizacional destes sistemas consiste na concentração de muito capital nas mãos de poucos, enquanto uma grande maioria permanece com uma pequena parcela de renda.

O patronato ligado a grande propriedade rural que circula nas formas de produção tradicional e dos novos meios empresariais, coloca em cena principal a exploração da terra e do trabalho. Segundo Castro (1996, p. 285), “A exclusão dos trabalhadores, tanto do mercado como da política, é a condição primeira de sobrevivência deste modelo”.

1.3 Migrações Temporárias

A mobilidade de trabalhadores de determinadas áreas para outras implica várias concepções teóricas. Uma delas é o paradigma econômico do mercado de trabalho. Já as migrações temporárias têm sido olhadas pelo marco teórico macroestrutural e micro social, como mostram estudos realizados em países da América Latina e em outros continentes:

El caso de las migraciones temporales há sido examinado en el marco macroestrutural o en el microsocioal, marcos teóricos y metodológicos que aparecieron irreconciliables. Las teorías económicas no se han preocupado lo suficiente por distinguir los diferentes niveles de determinación (regional ,institucional e individual) de las distintas formas de movilidad, de su articulación y de su recomposición em el tiempo y em el espacio. (QUESNEL apud Portes y Borocz,1998, p.20).

Para este autor, as teorias de dependência centro e periferia e a interação regional não têm dado conta de todas as dinâmicas que envolvem os movimentos migratórios. As migrações temporárias devem ser analisadas sob os níveis dos atores que participam direta e indiretamente da mobilidade, ou seja, ver os migrantes e a interação com suas instituições sociais como a família, grupos especializados, etc..

As migrações temporárias para o trabalho são dadas em um contexto espacial-econômico, institucional e político mais amplo, mas sempre através de diferentes grupos, famílias e indivíduos, em que se abordam as análises de transformação da mobilidade e a articulação das diferentes formas que a gera.

A mobilidade para o trabalho está determinada pelas estruturas e a localização do mercado de trabalho. Isto pode ser notado dentro das décadas de 60 e 70 nos paradigmas marxistas e neoclássicos. O paradigma marxista assenta que os determinantes da migração dos indivíduos estão estruturalmente denominados pelas relações entre centro – periferia das economias, e os neoclássicos assentam nas diferenças salariais e no mercado de trabalho, assim assentam precisamente numa teoria econômica das migrações consistindo, portanto, numa perspectiva metodológica histórico-estrutural.

Os deslocamentos de trabalhadores sazonais e os espaços de migrações se desenham em comunidades agrícolas, ou seja, estas se constituem enquanto espaços migratórios.

Outro fator, revelado no estudo de Quesnel (2010), é a articulação das atividades econômicas através do deslocamento da população, em que tem sido constituinte de um sistema migratório. E este sistema tem uma necessidade cada vez maior de ampliar a zona de recrutamento de mão-de-obra.

Na perspectiva de análise das migrações durante muito tempo perdurou a perspectiva histórico-estrutural, cujas migrações para o trabalho são explicadas em decorrência da estrutura hierárquica do sistema de produção capitalista. Associada a essa abordagem, está à teoria econômica liberal, na qual assume que dentro do capitalismo os trabalhadores vendem sua força de trabalho e os empresários a compram.

A migración como un respuesta racional de los trabajadores a las señales del mercado. El efecto agregado de las decisiones de individuos interesados en la maximización de sus ganancias determina tanto la dirección como la estabilidad de los flujos migratorios a través del tiempo.

(GUARNIZO, 2010, p. 51.)

A perspectiva histórico-estrutural, baseada no pensamento marxista, observa as forças que determinam o processo de acumulação de capital (GUARNIZO, 2010, p.53):

El estructuralismo histórico examina un amplio ámbito de asuntos relacionados con la migración laboral, las relaciones económicas y políticas en los puestos de trabajo, y los patrones de incorporación de los trabajadores migrantes dentro del mercado laboral.

Para a perspectiva acima, o argumento é que tanto as áreas emissoras como as áreas receptoras fazem parte de um mesmo sistema, cuja divisão do trabalho afeta na localização e oferta de força de trabalho. E desta forma, as sociedades menos capitalizadas economicamente são subordinadas por parte das sociedades detentoras dos maiores capitais, isto por que a primeira apresenta desajustes estruturais.

A perspectiva histórica- estrutural enfoca as análises de que o mercado de trabalho é visto como consequência da posição estrutural do exército industrial de reserva, reforçando a fragmentação da classe trabalhadora.

As migrações temporárias têm respondido às condições de um contexto social cada vez mais instável e excludente, estas ainda por ora estão associadas às atividades produtivas com forte demanda de trabalhadores assalariados agrícolas ou em pautas culturais de adaptação ao meio.

Os movimentos temporários referem-se a um trabalho que apresenta forte demanda por mão de obra em um determinado período, geralmente para tarefas de colheita. Estes movimentos, portanto, não implicam uma ruptura com o lugar de origem e de destino, mesmo que exista o período de ausência do lugar de residência de duração variável. Bendini e Steimbregger (2010, p.82) ratificam que “El migrante estacional o temporário siempre vuelve a su lugar, a su espacio de pertenencia social”.

Os deslocamentos de trabalhadores temporários são tratados por Silva (1991) como uma migração permanentemente temporária, pois a maioria dos trabalhadores migra todos os anos tendo suas vidas divididas no espaço e no tempo. Isto é, a partir de abril eles chegam aos canaviais e em novembro regressam para suas origens, para novamente reiniciarem o ciclo migratório no próximo ano.

Menezes (2011) aponta que muitos pesquisadores têm utilizado a categoria de “migração temporária” (Silva, 1992; Martins, 1986). Pois, esta denominação corresponde às peculiaridades do tempo de trabalho nos canaviais.

A categoria de “migração sazonal” tem sido colocada em xeque, como não mais adequada para referir-se ao fenômeno de retirada para o trabalho no corte de cana. Pois, este tem se configurado na expansão de nove meses de safra e isto não apenas faz com que os homens estejam ausentes de sua localidade a maior parte do tempo, mas transforma a sua inserção produtiva em suas localidades. (MENEZES, 2011, p. 28).

Assim, a vida dos trabalhadores migrantes temporários é marcada pelo constante partir e chegar sobre o espaço. Segundo Menezes (2011), isso não representa a *reprodução da mesma situação social*, porque constantemente estes agentes sociais estão entre o lugar dos vínculos da sua moradia fixa, a origem, à qual se almeja sempre voltar, e o lugar provisório de viver os canaviais, no destino, que sempre é carregado da vontade de partir.

As migrações temporárias são compostas por indivíduos que têm vidas divididas no espaço e no tempo. O constante ir e vir congrega-os na situação entre pertencer a sua origem, onde se encontram seus vínculos sociais e a vida provisória do local de trabalho. Dessa maneira, este processo tem delineado para construção de um território circulatório.

Para Quesnel (2010), as diversas formas de mobilidade podem mais ou menos dar um sentido a um lugar, segundo o compromisso dos migrantes como atores deste lugar. Os lugares são mais que nunca trabalhados por diferentes deslocamentos que se

realizam sobre o território considerado. Reconhece Quesnel (2010, p.28) “La movilidad actualmente pone en relación de dependencia, o más bien de interdependência, los diferentes territórios de un manera más compleja que antes”.

Es entonces al margem de stos lugares-mercados de trabajo donde se deben considerar los contratos, tomando en cuenta los lugares que constituyem el espacio de vida, y el espacio de un vida de los migrantes, espacios construídos em el transcurso del tiempo y que, para las instituciones y los actores, son lugares-territórios que ofrecen recursos que pueden ser movilizados para assegurar su vida y su reproducción material y social. (QUESNEL, 2010, p.30).

No contexto das migrações para o trabalho, intervém colocar a construção social dos territórios agrícolas que são marcados de diferentes sujeitos sociais que articulam diferentes processos.

Entendemos el território como espacio social, configurado a partir de la interacción diacónica de procesos endógenos y exógenos, y del accionar diferencial de los distintos sujeto agrários. Emerge de procesos econômicos, culturales y políticos, es un realidad em permanente movimiento de territorialización, donde se conjugan procesos de apropiación y domínio, de subordinación y resistências activas que desarrollan los grupos sociales en un contexto determinado. (BENDINI & STEIMBREGER, 2010, p.288).

Os migrantes temporários contribuem, não sem resistência, para o modelo de acumulação, a construção de territórios de produção para a exportação, através das próprias relações produtivas. Como é o caso aqui estudado em que os trabalhadores migrantes de Pindaí trabalham nas lavouras paulistas que produzem, sobretudo, para exportação.

Em escala local, as migrações temporárias repercutem sobre o aspecto de que parte da família vive devido ao trabalho dos membros ausentes. Com isto, o migrante do trabalho representa o mecanismo de reprodução da família na sua origem e opção de melhores garantias econômicas, uma vez que representa um poderoso modelo de êxito individual e social. Mas, acima de tudo, este processo hoje vem delineando para circulação e estruturação dos territórios. Isto através de um conjunto de intercâmbios

que geram, ocorre que a migração contribui de forma renovada a organizar os territórios. Dito por (FARET, 2010. p. 89) “Al unir lugares distintos y diferentes que están inscitos en contexto locales específicos, estos ocurridos producen formas renovadas de integración territorial”.

A construção de territórios migratórios não está estritamente vinculada à permanência do migrante em um determinado local, mas para contemplar as pessoas em mobilidade no espaço. Bendini e Steimbregger (2010) dizem que isto tem ocorrido num cenário de produção agrícola de organização empresarial com escala comercial nacional e internacional, responsáveis pela organização de novos territórios com a presença importante de migrantes temporários.

Silva (2010), na análise dos migrantes temporários do Maranhão para São Paulo, destaca que eles vivenciam o processo de expropriação em sua origem. Adiciona-se ainda nesta discussão que estes sujeitos estão associados a uma ressignificação social, nos espaços de origem e nos espaços de destino. Esta situação pode ser concebida dentro do conceito de *território migratório*⁶, pois se acredita que este é um instrumento eficaz para a compreensão dos espaços de origem e de destino, uma vez que mesmo estando geograficamente distantes encontram-se próximos socialmente.

Assim, trata-se de uma migração permanentemente temporária, visto que muitos trabalhadores regressam para seus locais de origem. Desta maneira, consiste *em um eterno ir e vir, um eterno chegar e partir*. O conceito de territórios migratórios pretende dar conta dos espaços de origem e destino, e dos lugares intermediários, como aqueles que se encontram em instalações temporárias no trajeto da migração. O território migratório é um espaço organizado e significado que matém uma lógica própria (FARET,2001).

Es un espacio donde se crean nuevas formas de sociabilidad, se construyen redes, son estrategias elaboradas, se encadenan migraciones locales, regionales, nacionales e internacionales y se establecen los vínculos entre los agentes que possibilitan le inserción de los trabajadores a los distintos mercados laborales. En este sentido,

⁶ (FARET,2001;LARA,2006).

la lucha por el control del espacio resulta vital y es fuente para desarrollo de nuevas identidades. (LARA, 2006:p.1.Apud: Silva, 2010.)

Para Silva (2010), na migração permanentemente temporária o sentido maior do território migratório recai no fator da divisão da vida das pessoas no tempo e no espaço. Pois, constitui um determinante na vida dos que saem e dos que ficam reproduzindo constantemente a transitoriedade da divisa espacial e social. Isto é, são vidas transitórias, marcadas pelo eterno partir e chegar.

Os territórios migratórios, para Silva (2010), podem ser compreendidos como processos sociais contraditórios e não funcionais que possuem características próprias, segundo as realidades históricas.

Nisto, o território nas ciências sociais é entendido como espaço de vida e para a vida, no qual é dado pela constante construção dos grupos sociais. Nogueira (2011) analisa o processo de construção do território de famílias camponesas marcadas por históricos e cíclicos deslocamentos de parte de seus membros para fora do lugar de origem. Este processo está imbricado à tessitura de redes de relacionamento.

O território como uma conformação territorial, construída na movimentação e no posicionamento relacional das pessoas nos diferentes lugares, Um território plástico e moldado para além das fronteiras da fazenda de origem, de onde partem e para onde retornam os migrantes nos seus cíclicos deslocamentos. Um território e uma territorialidade tecida como uma rede, onde os nós são as pessoas que se deslocam e se fixam em diferentes lugares e os filetes as conexões que se formam entre as pessoas e os diferentes lugares percorridos (NOGUEIRA, 2011, p.34.).

Assim, a noção de território é importante, pois permite compreender a dinâmica da vida social das famílias migrantes do município de Pindaí, na qual está articulada a dinâmica de outros territórios, as usinas do estado de São Paulo e do Sul da Bahia. Desse modo, os indivíduos têm suas vidas divididas entre espaços da origem e de destino, os canaviais.

2. MIGRAÇÃO, TRABALHO E RECRUTAMENTO

No capítulo anterior, mostramos como a decadência do algodão intensificou os fluxos migratórios no município de Pindaí-BA. Os camponeses, diante da situação de precariedade sobre suas propriedades e impossibilitados de garantir a reprodução de suas famílias, buscaram como alternativa o trabalho no agronegócio canavieiro, através do processo de migração temporária em um constante ir e vir sobre o espaço.

Neste capítulo, abordarei o recrutamento de mão de obra no agronegócio canavieiro dado por meio de agentes. Portanto, é norteado pelos seguintes objetivos: Analisar os motivos que levam o agronegócio canavieiro a buscar trabalhadores migrantes temporários. Apresentar a estrutura hierárquica no mundo dos canaviais e identificar o agente do recrutamento. E mostrar a trajetória de três turmeiros, agentes mediadores entre os trabalhadores e as usinas.

O recrutamento de trabalhadores para o agronegócio canavieiro é feito por mediadores chamados turmeiros, trata-se de um trabalhador que foi ou ainda é cortador de cana, o qual conquistou a confiança entre os seus superiores e são responsáveis de formar turmas de trabalho que sejam disciplinadas, obedientes e produtivas. Dessa maneira, nosso foco, é ver como se constitui este personagem neste cenário.

2.1. O trabalho no contexto do agronegócio canavieiro

O agronegócio canavieiro brasileiro demanda um grande contingente de mão-de-obra. Para isto, utiliza como estratégia, em mais uma das suas fases de expansão cíclica, a busca de trabalhadores rurais provenientes de regiões cada vez mais distantes do país.

(...) o Complexo Agroindustrial Canavieiro vive um novo momento de velho processo, típico das décadas de 1960 a 1980, durante outros períodos e expansão, consiste no crescimento do complexo canavieiro no Centro-Sul e na expulsão dos trabalhadores nas regiões onde ainda

predomina a pequena produção familiar. Portanto trata-se de um processo de acumulação primitiva, que libera trabalhadores, em uma ponta, tendo em vista que não permitem que sobrevivam de sua produção agrícola independente e os emprega, na outra, sob condições precárias de elevada penosidade, para que atinjam produtividades elevadas. (ALVES, 2007). P.

O suprimento de força de trabalho para expansão das usinas de cana de açúcar é garantido graças à disponibilidade de trabalhadores, principalmente em áreas de agricultura camponesa na região Nordeste do Brasil. Dessa maneira, poderíamos dizer que os processos de expropriação das famílias camponesas estão na força de trabalho barata e disponível a ser recrutada e deslocada para espaços onde se concentram o crescimento do agronegócio canavieiro. Para Menezes (2011), muitos camponeses expropriados no sertão paraibano, diante da precariedade das alternativas locais e da possibilidade de trabalho em condições comparativamente melhores em relação às locais, alguns membros da família, muitas vezes, migravam como estratégia de sobrevivência.

O Complexo Agroindustrial Canavieiro (CAI) foi à noção utilizada até a década de 1990, mas desde a década de 2000 cresce o uso da noção de agronegócio. Conforme mostra Cover (2011), a literatura acadêmica tem se apropriado de vários termos para se referir ao atual contexto agrícola e agrário brasileiro, como “Agricultura Moderna”, “Complexos agroindustriais” e “Agronegócio”, estes termos possuem uma tênue fronteira. Eles identificam o processo agrícola de integração à indústria com altos investimentos de capital e tecnologia. A noção de Agronegócio Canavieiro, de acordo com Heredia, Palmeira & Leite (2009):

Assim ao tratarmos dos processos relacionados ao “Agronegócio”, é preciso compreendê-los como algo que extrapola o crescimento agrícola e o aumento da produtividade, alusões mais comuns nos debates sobre o setor. Seja para refletirmos as circunstâncias que informam o movimento de expansão das atividades aí inscritas, seja, igualmente, para pensarmos a validade do seu contraponto, isto é, o conjunto de situações sociais que não estariam aí compreendidas. Em boa medida a permanência destas últimas tem sido apontada como “obstáculo”, atraso ou ainda como experiências “obsoletas” num meio rural cada vez mais industrializado. Isso implica, entre outras coisas,

em questionar a capacidade da noção de agronegócio em torna-se a chave explicativa das mudanças agrárias em curso. (HEREDIA, PALMEIRA & LEITE, 2009, p. 5).

O setor do agronegócio canavieiro paulista aparece como circuito econômico caracterizado, dentre outras coisas, pela utilização de tecnologias consideradas modernas, e pelo forte incentivo estatal, mediante um conjunto de políticas públicas que se materializam em crédito financeiro e apoio tecnológico. Este circuito econômico subordina a dinâmica de outros circuitos econômicos como agricultura familiar que dispõe de um montante menor de capital financeiro. Essa relação assimétrica é reforçada com a modernização da agricultura que irá permitir o fortalecimento da exploração da força de trabalho dos trabalhadores migrantes. O montante maior de capital estatal e privado da agricultura paulista, permitiu o desenvolvimento diferenciado nos meios de produção o que faz demandar de força de trabalho, e que no caso, nos últimos anos, tem sido a força de trabalho migrante.

Os trabalhadores migrantes de Pindaí são camponeses, cuja atividade preponderante em suas propriedades era o algodão consorciado com a pecuária e as culturas alimentares, mas diante das transformações nos processos de produção, comercialização deste produto e disseminação da praga do bicudo acabou fragilizando esse sistema. Assim, os camponeses foram impulsionados a buscar trabalho externo às suas propriedades, encontrando como caminho as usinas de cana de açúcar.

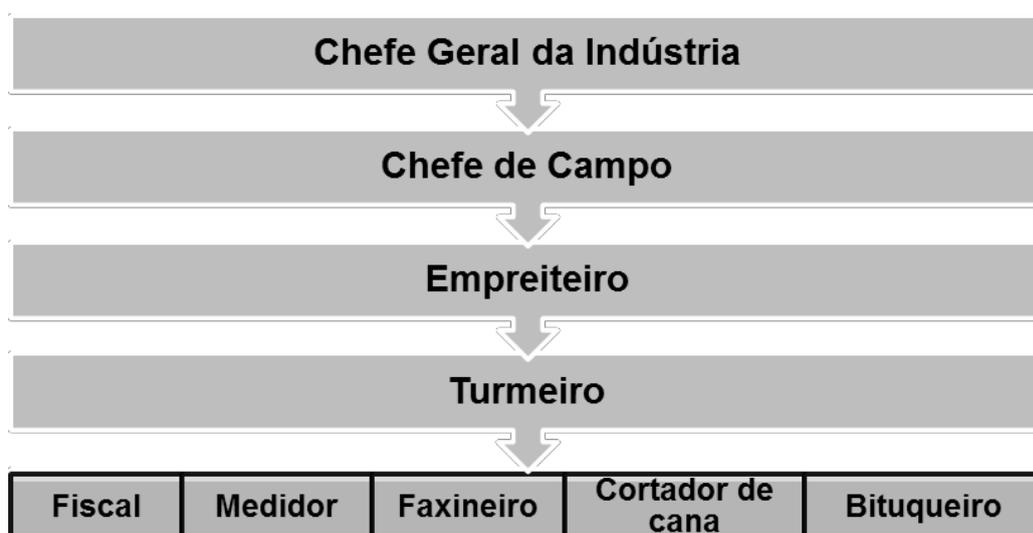
2.2. Organização hierárquica do trabalho no agronegócio canavieiro

Nos estudos sobre o processo de mobilização de força de trabalho um ponto central são os mecanismos de recrutamento de trabalhadores. No cenário dos canaviais estes estão associados à figura de um mediador, entre as usinas e os trabalhadores. Na literatura recebem diversas denominações, como por exemplo, “gato” (Silva, 1999) e “arregimentadores” (Menezes, 2002). Conforme já especificado, no âmbito deste trabalho, esses mediadores serão denominados de turmeiros, pois assim são identificados no município de Pindaí-BA.

O sistema de recrutamento de trabalhadores no agronegócio canavieiro é feito através de uma hierarquia de agentes, que desempenham funções e relações diferenciadas. O chefe geral da indústria é o responsável por gerenciar todas as atividades nas usinas e nos canaviais e de delegar as funções dos outros componentes da estrutura hierárquica, também executa a atividade de averiguar e estabelecer as *listas negras*. O chefe de campo está presente na fiscalização da execução de todas as atividades realizadas nos canaviais e suas relações diretas de trabalho são direcionadas entre o chefe geral da indústria e o empreiteiro, comumente é responsável por mediar às discussões acerca do preço por produção entre cortadores de cana e a usina. O empreiteiro tem vínculo institucional com a usina, pois tem uma empresa que contrata os trabalhadores da hierarquia menor, suas funções ainda se destinam sobre as acomodações nos alojamento e fazer a ponte na seleção dos trabalhadores com o turmeiro. O turmeiro é o trabalhador responsável de fazer a seleção de trabalhadores na origem para as diversas funções nos canaviais, como de fiscais, medidores, faxineiros, cortador de cana e faxineiro.

Assim, a organização hierárquica do trabalho no agronegócio canavieiro é composta por diferentes agentes e funções. Estas variam de uma usina para outra. Mas, a grande maioria apresenta semelhanças. Aqui buscar-se-á notar a posição na qual se encontra o turmeiro e quais suas funções neste espaço. Abaixo o organograma apresentando a hierarquia no mundo dos canaviais.

Figura 02: Organograma de trabalhadores nas usinas



Fonte: a autora

O chefe geral da indústria ou gerente agrícola tem a função de coordenar todo trabalho dentro do agronegócio canavieiro, dentre estas, as atividades burocráticas, executadas nos espaços dos escritórios, além de averiguar todas as atividades exercidas no eito da cana como o corte, o plantio.

O chefe de campo é responsabilizado pela coordenação e fiscalização geral de todas as atividades nos canaviais, assim trata-se de um funcionário da usina encarregado de gerenciar questões técnicas e de trabalho dentro dos canaviais.

O agenciador ou empreiteiro é responsável pela terceirização do trabalho⁷, mas atualmente, comumente, são contratados diretamente pelas usinas. Em geral, é uma pessoa jurídica responsabilizada pela contratação dos trabalhadores, para organizar a moradia e o transporte. Na execução de suas atividades, geralmente conta com os turmeiros.

O turmeiro é um trabalhador da origem responsável por formar ou recrutar as turmas de trabalhadores, estas são estabelecidas a partir das redes de parentesco e amizade. Este agente é um ex-cortador de cana, cuja experiência de trabalho é marcada pelas práticas de obediência e produtividade, fatores preponderantes para conquistar a confiança dos empreiteiros e das usinas. Esses são encarregados de duas funcionalidades, uma na origem, que é fazer o recrutamento dos trabalhadores e a outra no destino, campo de trabalho, na qual por meio de promoções ou “agrados” das usinas, tornam-se fiscais. Em alguns casos, os turmeiros que são proprietários de ônibus, alugam estes veículos para usina, que levarão os cortadores de cana dos alojamentos até as roças.

Nas usinas os turmeiros também são responsáveis em auxiliar os trabalhadores em suas diversas necessidades, por exemplo: se um trabalhador ficar doente, o turmeiro, que é encarregado de providenciar os medicamentos, nos casos de doença ou morte com familiares na origem, ele deve dar o apoio emocional com conversas e auxílio na

⁷ Esta realidade de contratação de trabalhadores por meio de empreiteiro é tratada no Manual de Contrato Safra, elaborado pelo Ministério do Trabalho, como se esta tem a intenção de encobrir uma verdadeira relação de emprego, visando sonegar encargos trabalhistas e de não aplicar as normas de proteção ao trabalho.

A orientação é no sentido de evitar-se a contratação de trabalhadores pelos chamados “gatos”, dos falsos empreiteiros e das cooperativas de mão-de-obra, devendo o produtor rural optar pela contratação direta, evitando prejuízos e conflitos futuros.

viagem, em muitos casos emprestando dinheiro para a mesma. Ainda é comum, muitos trabalhadores terem vontade de ir embora antes do término da safra *“porque o cara desanima a cana não é moleza, às vezes dá desânimo no cara, aí a gente conversa, manda ver direitinho, a gente faz tudo de um amigo, porque se o cara pular fora antes da hora ele fica queimado pra usinas, sabe.”* Nisto pode-se perceber que também são responsáveis por controlarem ou dominarem a liberdade do trabalhador de sair, *“quando o cara não está trabalhando direito aí a gente vai e fala também que não pode ser assim, conversa tudo direitinho pra ele trabalhar direito.”* Esta figura, portanto, é responsável também por internalizar os elos de dependência e dominação dos trabalhadores.

Em geral, o turmeiro é chamado no eito da cana pelos trabalhadores de fiscal e na origem de turmeiro. Isso se correlaciona ao formato do ofício que exerce em cada um destes espaços, sendo no primeiro responsável por fiscalizar, punir e repassar as normas da empresa, assim uma relação social pautada pela lógica trabalhista, já no segundo as relações sociais são tidas de maneira informal, perpassada por elos de parentesco e amizade. Como este trabalho de pesquisa centrou-se na origem, mas para facilitar o entendimento, aqui tratarei como turmeiro.

2.3. Quem é o agente recrutador

Para Menezes (2002), a figura de mediação de trabalhadores é chamada de arregimentador é alguém pertencente à localidade de origem, geralmente conseguiu obter confiança da usina porque apresenta bom comportamento diante das condições e normas que lhe foram impostas. Esse é responsável por todo processo de seleção, contratação, trabalho e a vida nos alojamentos. Isto é, o mediador para articular as relações entre a origem e o destino, ou, entre trabalhadores e a usina, fazendo a ligação entre capital e trabalho. Desse modo, os turmeiros ou fiscais de turma, são caracterizados de mediadores da dominação, que exercem olhar constante sobre os cortadores de cana. Este olhar é constante para controlar cada gesto, cada ritmo e cada conduta dos trabalhadores segundo Silva (1999).

A contratação dos corumbás é implementada através de um sistema de

recrutamento, no qual a pessoa central é o arregimentador, uma espécie de empreiteiro, responsável por coletar as carteiras de trabalho dos migrantes e trazê-las para a usina. Segundo definição de um dos gerentes da usina São José, o arregimentador que “faz a ligação entre capital e trabalho”. (MENEZES, 2002, p.129)

Os turmeiros são antigos cortadores de cana que ganharam a confiança dos fiscais e outros funcionários das usinas. Entretanto, alguns não abandonam o ofício de cortador de cana, são apenas incumbidos da tarefa de arrumar outros trabalhadores no seu local de origem. Outros, mesmo já tendo exercido a função de cortadores de cana não se encarregam mais deste ofício, dedicando apenas a função de recrutar trabalhadores para cada safra. Os turmeiros ainda contam com ajuda de informantes, um trabalhador, geralmente cortador de cana de açúcar que já faz parte da sua lista, disponibiliza informações para inserir parentes ou amigos na rede.

De acordo com Verena Stolcke (1986), o turmeiro surgiu no momento do aparecimento do trabalho assalariado eventual, já que era sua responsabilidade o agenciamento da força de trabalho para as fazendas, servindo como intermediário entre os proprietários e os trabalhadores.

Para Silva (1999), o “gato”, como é popularmente conhecido entre os cortadores de cana, trata do agente mediador entre a fazenda e os trabalhadores, constituindo desta maneira como o intermediário entre a força de trabalho, e o capital. Nesses termos, esse tem a tarefa de organizar as turmas, se remunerando (pelo menos em um primeiro momento) com a exploração dos trabalhadores. Essa figura social surgiu juntamente com o trabalhador temporário no processo de modernização da agricultura.

O surgimento do “gato” deve ser entendido no contexto da circulação da força do trabalho, da eficácia da lei como instrumento de negação do trabalhador e do mascaramento das relações entre patrões e empregados. Como já foi assinalado, os patrões se escondem sobre o envelope dos “gatos”. (Silva, 1999, p. 114).

O controle da força de trabalho através da fiscalização dos agentes mediadores (conhecidos como “gatos”, mas identificados, no caso do grupo estudado, como “turmeiros” ou “chefes de turma”), também garante maior produtividade e caracteriza o exercício da dominação (SILVA & MENEZES 2008).

Assim, os turmeiros constituem uma figura mediadora entre os trabalhadores e as empresas, entretanto, suas posturas são contraditórias. Para os primeiros apresentam-se como representantes dos mesmos, e para o segundo são responsáveis, no meio dos trabalhadores, de “vestirem a camisa da empresa”, difundindo e defendendo sua política.

En este juego contradictorio, termina revistiéndose com la máscara del protector de los trabajadores, un igual que lleva noticias para las familias, que puede ayudar em los casos de enfermedad, que presta dinero para el viaje realizado em um ómnibus contratado por El mismo, que consigue el empleo y la vivienda em los lugares de destino, según su conocimiento y experiencia. En fin, mantiene com los trabajadores una relación asistencialista, paternalista, mistificadora y ratificadora de La explotación vigente (SILVA, 2010, p.322).

Estes mediadores são encarregados de várias funções como a formação de uma turma, providenciarem moradia para os cortadores de cana que fazem parte da turma, repassarem a reclamação dos trabalhadores para o escritório da usina, acompanharem a turma nos ônibus no trajeto de ida e volta das safras, muitas vezes, são também os responsáveis por contratarem o ônibus que irá transportar os trabalhadores da região Nordeste para São Paulo, prestarem auxílio em caso de acidentes ou doenças no ambiente de trabalho e a cobrança das regras disciplinares dentro dos alojamentos. Ainda é preciso considerar que, por ora os turmeiros acabam exercendo a função de fiscais de turma também. Para exercer esta função de turmeiro é importante considerar que estes indivíduos são contratados anteriormente aos trabalhadores.

O turmeiro, geralmente, é um ex-cortador de cana, que organiza a turma a partir dos seus amigos, parentes e trabalhadores que “não deem problema”. O turmeiro é um colaborador do “gato”, atualmente considerados empreiteiros. O mundo dos canaviais está organizado hierarquicamente, sendo assim, os turmeiros, provindos da região de origem dos trabalhadores, geralmente, são subordinados aos “gatos”, moradores nativos da área dos canaviais, ou funcionários antigos das usinas, possuidores de condutas de disciplina.

Ainda neste cenário, existem os empreiteiros, agenciadores da força de trabalho, responsáveis pela terceirização das relações de trabalho, já que são eles que contratam os cortadores de cana, servindo, assim, de intermediários entre os últimos e a usina para qual vão trabalhar. Em geral, os empreiteiros são uma “empresa”, isto é, uma pessoa jurídica que subcontrata os trabalhadores rurais.

É bastante comum encontrarmos na literatura referências negativas ao “gato”, visto como uma pessoa inescrupulosa que se destina até os lugares de origem dos trabalhadores rurais com vista de arregimentá-los para o trabalho nos canaviais. Nesse momento, não são raras as ocasiões em que os gatos fazem inúmeras promessas aos trabalhadores, promessas estas que muitas vezes não são cumpridas.

Ainda de acordo com Silva (1999), a interiorização do trabalho livre, acaba por exigir do capital uma organização hierárquica do trabalho, organização esta que produza e reproduza mecanismo de disciplina. Entretanto, não se pode negar que tais mecanismos não são unilaterais, já que são produzidos no seio das contradições entre duas forças: a dos patrões e dos trabalhadores. A figura dos feitores aparece neste momento, entre fogos cruzados, como “recheio de sanduíche”. O mesmo precisa atender aos objetivos e exigências da empresa, mas também não pode levar a “ferro e fogo” a situação dos trabalhadores. Desta forma, os feitores agem para que o trabalhador possa interiorizar a dominação, buscando ao mesmo tempo, canalizar as reações a fim de amortecer os conflitos.

Cover (2011) ainda faz uma alusão a figura recrutador, dentro deste contexto do agronegócio canavieiro, à figura do “feitor” do período da escravidão no Brasil, em que as funções destinadas ao mesmo são semelhantes, são responsáveis no espaço de trabalho por agenciar e fiscalizar trabalhadores explorados ou controlar a disciplina. A disciplinarização da força de trabalho é fundamental para o aumento da produtividade e, portanto, para o processo de extração de mais valia ter êxito.

Cover (2011) vai observar os conflitos de interesses entre os usineiros e os cortadores de cana partindo da perspectiva de Karl Marx. E este contexto de modernização do mundo canavieiro passa por uma mercadoria fundamental que tenha a possibilidade de criar valor, que é a força de trabalho, a qual por diversas variáveis do

contexto social brasileiro existe em abundância no semiárido nordestino. Em suas palavras:

E o que fazem então os usineiros? Mandam agentes até os pequenos municípios da região Nordeste, recrutam esta força de trabalho e trazem para os canaviais. E nos canaviais, esta força de trabalho, estes cortadores de cana, serão incentivados a trabalhar para colher, a cana e fazer funcionar todo aparato capitalista da agroindústria canavieira (2011, p.39).

Trata-se, portanto, de tentar entender quais os fatores que corroboram para constituição destes agentes mediadores entre o agronegócio canavieiro e trabalhadores.

2.4. Trajetória de um turmeiro

Neste item, o objetivo é mostrar a trajetória de um turmeiro, comumente, um trabalhador camponês migrante, que para reprodução de sua família, opta pelo trabalho fora de sua propriedade. Estes agentes têm suas vidas vinculadas ao trabalho no corte de cana, visto que alguns destes são promovidos para função e outros permanecem na mesma. Aqui será mostrada a trajetória de três *turmeiros*, cuja experiência de trabalho foi nos estados de São Paulo e Bahia. Os nomes dos mesmos são fictícios para preservar suas identidades.

A escolha de trabalhar com trajetórias deu-se, porque a história de um indivíduo, assim como a sucessão de eventos ocorridos em sua vida, revelam o contexto social, no qual está inserido. Isto é, uma única parte revela elementos representativos de um todo ou de um grupo. Conforme Bourdieu (2006, p. 185) a “construção de uma trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”.

Na trajetória individual, a observação dos desvios e singularidades situa-se no contexto histórico e nas relações sociais em que o indivíduo está envolvido. Com isto, podem-se notar as especificidades de um agente e o seu sistema social como um todo

“as trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam (GIOVANNI, 2005, p. 25).

A descrição destas trajetórias aponta como agentes do recrutamento no mundo dos canaviais que vão se constituindo como intermediários entre os trabalhadores e os que estão em posição de dominação na usina. Podemos, também, visualizar quais fatores são utilizados pelas usinas para promoção dos mesmos, uma vez que esta figura é o mediador entre o mundo dos camponeses e o mundo do agronegócio canavieiro.

Os mecanismos de recrutamento nas usinas de cana de açúcar combinam critérios burocráticos das usinas a uma lógica de uma ordem moral e social através de redes de parentesco e amizade. O cenário do recrutador caracteriza-se por duas facetas mediadoras, a primeira corresponde à figura a serviço dos trabalhadores, no qual se pode recorrer na hora da doença, para relatar as insatisfações com o trabalho e buscar amparo financeiro. Já a segunda é configurada pela vestimenta das práticas ideológicas da empresa e a difusão destas no meio da *turma*. Estes artifícios utilizados objetivam incorporar nos trabalhadores a lógica do disciplinamento para cumprir as regras impostas e evitar reivindicações, além do dever de apresentar maior produtividade no trabalho. Tavares diz que :

Nesta dinâmica, o indivíduo age se vinculando a algumas pessoas e situações, se opondo a outras pessoas e situações e a sucessão de encadeamentos e entrelaçamentos faz com que a rede social envolvida assuma uma autonomia própria, mais forte do que a ação individual, mas sempre interdependente com os indivíduos (2009, p.156).

O indivíduo estabelece relações independentes e ao mesmo tempo interligado a sua rede social. Assim, se constituem os turmeiros do município de Pindaí, no qual é um trabalhador que conquistou a confiança dos seus superiores e adquiriu uma posição diferenciada entre seus pares.

As trajetórias descritas abaixo não apresentam uma cronologia, pois optei neste estudo que os próprios indivíduos apresentassem sua história de vida, assinalando os momentos mais significativos.

Nas trilhas dos turmeiros baianos: o caso de Joaquim, Carlos e Manoel

Turmeiro 1

Joaquim, conhecido na sua turma por Cocar⁸, reside na Fazenda Pedra Grande, tem quarenta e dois anos, casado e frequentou apenas as primeiras séries do ensino fundamental. Atualmente possui quinze hectares de terra, adquirida com recursos provindos da migração.

Antes de migrar, Joaquim trabalhava como lavrador. Era um pequeno produtor rural de algodão no município de Pindaí-BA. Com a decadência desta atividade, devido à praga do bicudo, passou a buscar trabalho nos canaviais paulista, juntamente com outros amigos. Desse modo, confirma a discussão apontada no primeiro capítulo, no qual é discutido que as propriedades camponesas sujeitas à instabilidade ou precariedade, comumente, os camponeses encontram como solução para a reprodução de suas famílias a busca de um trabalho externo.

Sua primeira saída para trabalhar no corte de cana foi em 1989, quando foi para usina São João no estado de São Paulo. As primeiras saídas foram por influência de amigos que trabalhavam para uma usina no estado de São Paulo. Desse modo, esse trabalhador sai temporariamente para trabalhar há vinte anos e apresenta dezesseis safras em seu “currículo”, ou seja, em sua carteira de trabalho, assim já trabalhou em diversas usinas e nos últimos dois anos foi escalado pela usina São João como turmeiro.

Quando saiu pela primeira vez em busca de trabalho era casado e tinha dezoito anos, e sua esposa estava grávida do segundo filho. Neste período, só tinha a casa de morada da família e trabalhava no roçado do pai. Nas primeiras saídas para os canaviais, sua mulher era encarregada de cuidar dos filhos, pois estes ainda estavam pequenos. Os primeiros rendimentos advindos deste trabalho foram investidos na compra de terras e animais, no qual a mulher fora responsabilizada por administrar estes bens.

O filho homem de Joaquim foi integrado na turma quando completou dezoito anos de idade. Durante a pesquisa realizada em janeiro de 2011 era casado e tinha vinte e um anos. Antes de se inserir nas atividades migratórias, ajudava a mãe no período em que o pai estava ausente.

⁸Entre os trabalhadores migrantes temporários é comum colocar apelidos, geralmente pejorativos, isso ocorre nos canaviais e se dissemina na origem.

O dinheiro de Joaquim é gerenciado pela esposa, quando recebe o salário deposita na conta bancária da mesma, para que possa comprar alimentos e suprimentos para casa, onde mora com o filho casado e a nora, e investir bens para sua propriedade rural.

Ao longo da entrevista com o turmeiro em sua casa, logo após vir do trabalho no roçado, a sua mulher fica presente no ambiente da sala de estar e participa relatando que não aplicou bem o dinheiro que o esposo ganhou nos canaviais, atribuindo a isto sua imaturidade enquanto gestora dos rendimentos. Nisto, mencionou o exagero de gastos com a reforma da casa, no qual aconteceu em diversos momentos. A primeira reforma foi destinada para construção de um banheiro, pois a residência não tinha este ambiente. Contudo, o dinheiro não deu pra terminar a obra e no fim também não gostou do resultado, assim empreendeu uma segunda tentativa, onde conseguiu colocá-lo no local desejado, satisfazendo o seu gosto. Com isso, ela afirma: *“joguei o dinheiro de meu marido fora”*.

A saída do trabalhador de sua propriedade para buscar trabalho em outras áreas está relacionada a uma decisão que envolve toda família. Os relatos da sua esposa apontam o drama quando não conseguiu aplicar o dinheiro eficazmente, impedindo, portanto, os meios necessários para permanência do esposo em seu local de origem.

Joaquim e sua esposa já buscaram várias maneiras para evitar a saída dele, ano após ano, como a adesão em um projeto do Banco Nordeste, porém não foi possível solucionar o problema, porque a lavoura não produziu e acabaram ficando endividados.

Tonou-se turmeiro da Usina São João, localizada no município de Araras-SP, no segundo semestre do ano de 2009, pois havia passado quatro meses na usina Santa Maria, localizada no estado da Bahia, a usina divulgava vagas em uma rádio da cidade vizinha, convocando homens em busca de trabalho para uma reunião. Ele se apresentou como ex-cortador de cana daquela empresa, logo fora reconhecido e colocado como referência, perguntaram-lhe se poderia ajudar a arrumar alguns trabalhadores para formar uma turma, pois sua postura era condizente com a política da empresa. Esta turma fora composta por noventa e cinco homens, no qual trabalharam durante oito meses e estabeleceram-se em alojamentos pagos pela empresa.

Para se tornar um turmeiro é preciso ter ao longo de sua história de trabalho várias safras. A promoção para conquistar o posto de um organizador de turma, está vinculada, segundo este indivíduo, à sua postura. E, atrelado a isto, as empresas têm preferência por nordestinos, como se trata de um, já se apresentava, portanto, em uma situação privilegiada sobre os trabalhadores do estado de São Paulo. Porém, este afirma ao longo da entrevista, que o principal fator para se tornar um turmeiro foi o seu histórico como cortador de cana e por já ter vínculo com esta usina. Afirma que: *“por ter sido sempre um trabalhador dedicado consegui a confiança da empresa”*.

Outro ponto que cabe consideração especial é que este indivíduo ressalta sua diferenciação hierárquica, em vários momentos, com relação aos trabalhadores do corte de cana, mesmo ocupando esta função. Para ele, as oportunidades de poder viajar de avião, quando se precisa de mais trabalhadores para completar a turma, e pode sair no período da safra para visitar sua família é o que o torna diferente e mais importante diante dos outros. Nisto, pode-se notar a internalização dos valores de hierarquia deste personagem. Assim, ele acredita ser diferente e mais importante do que os outros trabalhadores. Outro fator que corrobora com este fato é a espera pela promoção como fiscal, a sua mulher ao longo da entrevista salienta a importância de executar uma atividade na qual fica sentado, mesmo sendo uma remuneração menor que a trabalho por produção no corte de cana.

Outro ponto esboçado no recrutamento por este agente é o oferecimento de uma rede de relações *“sabe a gente joga uma ideia que tinha um pessoal aqui em Pindaí que correspondia a necessidade da empresa, aí a gente foi indicado, portanto, está dando muito certo”*. Nisto, lança mão da estratégia de suas redes de parentesco e amizade ou mesmo uma comercialização da sua rede de relações.

A importância da rede de relações de amizade e parentesco tem sido mostrada por outros pesquisadores como Menezes (2002) no estudo sobre camponeses trabalhadores migrantes no agronegócio canavieiro do estado de Pernambuco analisando redes sociais nos espaços dos alojamentos. Silva (2011) fala das estratégias utilizadas pelas usinas do estado de São Paulo de lançar mão das redes de parentesco, amizade e vizinhança na arregimentação de trabalhadores migrantes.

Tabela 02: Cinco últimas migrações do turmeiro Joaquim

Ano	Estado	Usina	Duração da safra	Empregador
2010	São Paulo	São João	9 meses	Usina
2009	Bahia	Santa Cruz	4 meses	Empreiteiro
2008*	-	-	-	-
2007	São Paulo	Clealcool	7 meses	Empreiteiro
2006	São Paulo	Clealcool	7 meses	Empreiteiro

*Este ano não se dirigiu para os canaviais, devido o recebimento do seguro desemprego.

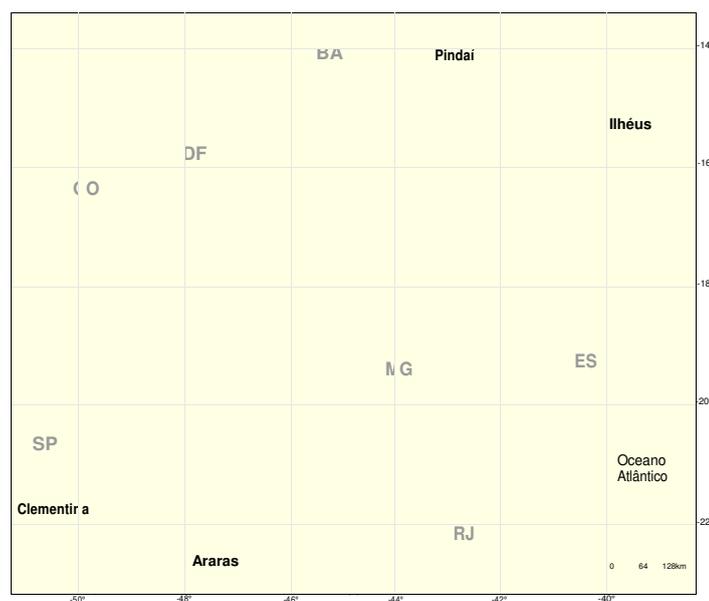
Dessa maneira, pode-se observar que as últimas migrações caracterizaram-se da seguinte maneira:

- 1- Em 2010 destinou-se para a Usina São João no Estado de São Paulo, a safra teve uma duração de nove meses, de janeiro a outubro. O empregador era a própria usina que também disponibilizou o transporte dos trabalhadores de ida e volta.
- 2- No ano de 2009 foi para a Usina Santa Cruz, localizada na Bahia, a safra teve uma duração de quatro meses, o empregador foi a própria usina. Aqui foi relatado que ele foi na turma de Xorró, que é o responsável de estabelecer o primeiro contato com a usina para que as outras pessoas possam ir depois.
- 3- Em 2007 se dirigiu para o município de Clementina-SP para trabalhar na usina Clealcool, a safra teve duração de sete meses. O turmeiro era um paulista chamado Elismar e sua relação com o mesmo era de amizade tendo o conhecido no próprio de campo de trabalho.
- 4- Já em 2006 trabalhou também para a usina Clealcool localizada em Clementina-SP, a safra teve duração de sete meses e estava vinculada a turma do paulista Denilson.

Abaixo mapa das cinco últimas migrações.

MAPA 02

CINCO ÚLTIMAS MIGRAÇÕES DO TURMEIRO JOAQUIM



No ano de 2010, a turma foi composta por oitenta e três trabalhadores que também se destinaram para usina São João. A partida, geralmente, é feita entre os meses de março e abril e retorno, geralmente, em meados do mês de novembro ou início de dezembro. O transporte é contratado pela usina, em uma empresa de ônibus legalizada.

A turma organizada por Joaquim em 2009 e 2010 era composta primeiramente pelo seu filho, irmãos, primos, vizinhos e por fim conhecidos. O tamanho desta foi de encontro com o número de vagas disponibilizadas pela a usina, conseqüentemente o preenchimento das mesmas. No ano de 2011 fora composta por 120 trabalhadores.

O contato com os trabalhadores da sua turma, para a saída, é feito na feira da cidade, de uma maneira informal, pois a maioria destes homens é parte de sua rede de relações sociais composta por parentes, vizinhos e amigos.

A usina faz contato com Joaquim através da gerente agrícola e de recursos humanos, geralmente, no mês de fevereiro. Para a seleção dos trabalhadores não vem funcionários da usina. A responsabilidade de seleção dos trabalhadores é do turmeiro, Joaquim diz que isto ocorre “*porque ele já sabe quais são os trabalhadores disciplinados*”. Jair é bem enfático em dizer que sempre opta por formar sua turma com “*os mais necessitados por serviço*”, porém o objetivo da usina é sempre contratar quem

não bebe, não fuma e não desobedecem as normas da empresa, dentre estas regras exige-se também a participação na semana da integração.

Com isso, pode-se ratificar que esta situação evidencia como o turmeiro apresenta uma posição ambígua, no qual de um lado é o amigo dos trabalhadores e de outro é um agente de confiança da usina.

O segundo momento da seleção dos trabalhadores envolve a sua filha, que fica responsável de fazer a inscrição dos trabalhadores, utilizando o espaço do sindicato dos trabalhadores, e repassando estas informações por email para a usina. Logo após esta inscrição é feita uma triagem dos trabalhadores a partir da lista de exames e assim, vem o pessoal dos recursos humanos para registrar a turma. Desta forma, pode-se perceber que o registro na carteira profissional é feito na Bahia, local de origem dos trabalhadores.

A filha de Joaquim trabalhava como babá na cidade vizinha e começou um curso superior, porém não pode terminar, porque não teve condições financeiras. Para esta família o discurso da formação escolar é muito forte, pois veem isto como o caminho para se desvincular do trabalho migratório. A incapacidade de poder suprir esta necessidade com recursos advindos do trabalho nos canaviais faz com que se tenha uma visão pejorativa sobre o mesmo. A mãe orienta o filho para trabalhar e estudar, pois a usina oferece este serviço, uma vez que poderá arrumar outra forma de empregabilidade no futuro.

Acerca das questões referentes às orientações passadas pela usina para seleção dos trabalhadores, Joaquim se apropria do discurso ideológico da usina

“só precisa de 250 trabalhadores e que esta não tem necessidade de empregar a mão de obra do cortador de cana, faz isto para cumprir uma responsabilidade social, pois tem parceria com grandes empresas como a nestlé e a coca-cola, que exigem que 20% da colheita seja feita por trabalhadores, o restante do trabalho é mecanizado”. Salientando ainda em discurso que a usina é “muito boa, oferece estudos para os que querem e até plano odontológico e ressalta que lá eles dão a maior força para quem quer crescer”.

Sobre os critérios da seleção, Joaquim afirma que a prioridade é dada para os mais necessitados da origem, por exemplo, trabalhadores com baixa escolaridade, justificando que estes encontram maiores dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho. Assim:

às vezes até tem uma vaga , aí a pessoa vem me procurando dizendo que é bom de corte, eu corto muito, mas pra mim não interessa, porque eu não tenho comissão por produção, entendeu? O que me interessa é que vejo que tem uma pessoa que necessita que tenha precisão de trabalhar um dia de serviço e infelizmente não acha... No ano passado foram uns meninos aqui da Tábua e Lagoinha, eu como eu estava lá, eu cheguei aqui praticamente, e eles iam pra outras usinas, mas não puderam ir porque a usina desistiu deles. Eu cheguei aqui numa semana, nesta mesma semana já arrumei o pessoal, aí foram uns sem necessidade. Sabe? Isso aconteceu, porque a usina passou para eu arrumar 80 pessoas, mas o prazo foi curto, 100 fichas e desta 100 foram selecionados 80, foi a missão mais difícil na minha vida, porque deixei muitos pais de família, gente que tinha responsabilidade, e tinha necessidade de trabalhar . E como foi curto o prazo não deu tempo de selecionar direitinho [...] aí vai um rapaz solteiro lá, às vezes larga a namorada aqui, lá ele recebe um visa vale que ano passado era de 150 reais a 167 reais , ficam os três meses de experiência sossegado. Quando passa este tempo vai lá ao mercado trocam tudo em bebida e fala agora eu vou pra Bahia comer água já passei da experiência. E aí que me dói a consciência, o de responsabilidade que foi cortado.

Desse modo, pode-se perceber que este turmeiro estabelece com a sua turma relações de reciprocidade e dependência. Isto se delineia como visto por Menezes (2006) na constituição de códigos morais orientados para construção de ambos os personagens como pessoas de honra. Assim, Joaquim ao arrumar a vaga para o trabalhador, requer como troca a obediência e a docilidade nos canaviais, fatores de conduta, portanto, ligados à moralidade. E por outro lado, tais comportamentos também lhe serviram de promoção diante dos seus superiores na estrutura hierárquica da empresa.

Joaquim em suas colocações enfatiza a seguinte questão: *“Aqui no Nordeste que tenha baixa escolaridade, isto porque a empresa tem uma responsabilidade social a cumprir. Mas, o principal que a usina quer é que se tenha experiência na área e bom comportamento”*.

Sobre a questão do desempenho dos trabalhadores diz que observa bastante a forma que a pessoa trabalha e a maneira como aplica o dinheiro, para ter certeza que está levando uma pessoa que realmente necessita do trabalho.

“Observo bastante todos no geral. A forma da pessoa trabalhar, até aplicar o dinheiro a gente tem que observar, não é a gente que sabe o que a pessoa faz com o dinheiro não, a gente quer saber se tá trabalhando com a pessoa certa... porque tem pessoas que sai daqui para trabalhar vai lá fora ganha um dinheiro, talvez não tem muito compromisso gasta com besteira. E a região tem muita falta de emprego, tem prestar atenção para dar oportunidades para a pessoa certa”.

No caso aqui, a vigilância do trabalho é para que não seja mal visto pela usina, pois a sua credibilidade está vinculada ao comportamento dos trabalhadores.

Desta maneira, pode-se inferir que o turmeiro mantém uma vigilância sobre a renda dos trabalhadores, como um mecanismo de seleção a aplicação do dinheiro ganho, sendo um fator observável para permanência na turma. Acrescenta-se ainda que este “bom trabalhador” cumpridor das safras é também quem segue os critérios exigidos pela usina.

Ainda sobre os aspectos de seleção, Joaquim aponta que só pode selecionar os trabalhadores a partir do momento que está registrado com carteira assinada, pois se anotar e fazer a lista das pessoas antes do registro vira uma atividade ilegal, e a usina não poderá arcar com possíveis ocorrências “*complicadas para empresa*”. Desta forma, ele passa a ser funcionário da empresa somente quando está registrado. Porque ele não conseguiu estudar conduz ao fato de não conseguir uma posição melhor no mercado de trabalho. A infância é muito importante na trajetória toda e também a importância que tem dentro da hierarquia de trabalho, sendo dominado pela usina e podendo levar alguma punição por não ter levado um trabalhador disciplinado.

No momento da seleção não é acertado o valor a receber com os trabalhadores, mas no dia do registro, quando o funcionário do escritório da usina, segundo Joaquim,

vem para fazer a palestra, é estimulado um média com base na safra anterior e no mercado paulista de cana de açúcar, estimativa por hora/trabalho a tonelada da cana. No momento da contratação é informada pelos funcionários da empresa a estimativa do salário pelo ministério, quanto vai ser a tonelada de cana e o trabalho por hora. No ano de 2010, a hora do trabalho custava três reais e quarenta e nove centavos.

Na última safra, a média de toneladas de cana cortada foi de 8 a 16 toneladas por trabalhador, com média salarial de mil e duzentos reais. A jornada de trabalho é de oito horas diárias, das 7 da manhã às 4 da tarde e a folga começa a partir das 10 horas de sábado e o domingo.

No momento do registro é acertado também sobre a moradia, a alimentação e o uso do EPI (Equipamento de Proteção Individual).

Quanto às funções exercidas no Local de trabalho, Joaquim salienta sua função é de ajudar os trabalhadores. Na integração é o encarregado de convidar os trabalhadores a comparecerem na hora correta e se autodenomina como um coordenador ou um ajudante.

“o que está ao meu alcance, estou sempre pronto para ajudar os trabalhadores como em uma ligação, ou se precisar ir à cidade de origem por conta de doença ou morte na família, no ano de 2010 um rapaz perdera o pai em um acidente e a gente ficou encarregado de ajudar o amigo naquele momento, acompanhei o trabalhador até o ponto de ônibus e emprestei o dinheiro para viagem.”

Joaquim expõe que ele *“convoca sempre quem tem mais conhecimento...pessoas da roça, para que não estranhe o trabalho, que é um serviço pesado, aí tem ser gente da roça que sabe mexer”*. Aponta hoje que o pessoal do município de Pindaí na usina São João é o que mais tem se destacado, *“o pessoal de Pindaí é o de maior preferência da empresa, os mais dedicados”*. Aqui fica evidente a busca de valores camponeses que já foram socializados em serviço pesado durante suas vidas.

No aspecto referente à hierarquia acima do turmeiro na usina São João está apenas o gerente agrícola que tem como função a responsabilidade de observar as etapas

de plantio e corte da cana, e também a localização das áreas de trabalhos destinadas a cada período.

Nesta empresa, segundo este turmeiro, não existe um gato ou empreiteiro, fazendo a mediação entre ele e a usina. Assim, a mediação é feita por ele com a função de recrutar na origem e ajudar os trabalhadores no que precisar no campo de trabalho. É relatado ainda que não recebe nenhuma recompensa financeira e posições diferenciadas, como fiscal ou medidor no campo de trabalho, pelos serviços de seleção. Assim, é um comum cortador de cana e mantém o respeito dos trabalhadores que o trata como um líder.

A esposa do senhor Joaquim também participou da entrevista aponta que: *“não é porque meu marido está levando turma pra lá, que ele está ganhando uma boa porcentagem em cima disso, mas não é ele não, que tira porcentagem em cima das turmas”*. Ela deixa claro durante suas intervenções na entrevista que espera que a usina ofereça uma mudança de ocupação no trabalho para seu marido de um cortador de cana para um fiscal.

“Este ano espero que meu marido não irá trabalhar mais como cortador de cana. Este ano a usina prometeu três serviços um de fiscal e mais dois que só fica sentado, tipo guarda. Eles ofereceram desde ano passado, mas no corte ganha mais...”

Nestes modos, pode-se perceber que o recrutador da mão de obra de muitos trabalhadores de Pindaí constitui em um personagem inserido a toda estrutura de exploração do agronegócio canavieiro.

Contudo, os retornos ao campo no ano de 2012 tiveram uma surpresa: Joaquim estava destituído de sua função de *turmeiro*, pois fora denunciado para a usina, por alguns trabalhadores, pela venda de vagas para o trabalho no corte de cana, prática ilegal para usina. Esta prática ficou denominada como *mensalinho* – espécie de propina paga pelos trabalhadores para o turmeiro com valores entre 300 a 400 reais. Assim que a usina soube o Sr. Joaquim terminou a safra de 2011, contudo não era mais escalado para

juntar a turma da safra de 2012⁹. Assim, no ano seguinte as funções destinadas a Jair foram transferidas para Carlos, trajetória a seguir que já tinha tido experiência como *turmeiro* em outra usina do estado de Minas Gerais.

O Joaquim, em janeiro de 2012, fora integrado como cortador de cana na turma de Manoel o que aponta elos de reciprocidade camponesa entre os trabalhadores dos canaviais brasileiros.

Turmeiro 2

Carlos reside na sede do município de Pindaí, tem 30 anos, casado, não possui casa própria, frequentou apenas a terceira série do ensino fundamental, tem oito hectares de terra, que não está registrada em seu nome. Migrou pela primeira vez no ano de 1997 com dezesseis anos de idade para os canaviais do município de Fronteiras-MG para trabalhar na Usina Sanagri.

Na primeira migração foi acompanhado dos irmãos com destino a cidade de Fronteiras - Minas Gerais, esta partida fora marcada pela indecisão, uma vez que não sabiam onde iam residir e em qual usina trabalhar. Para realização desta viagem, e os primeiros momentos no lugar de destino, os irmãos mais velhos emprestaram-lhe o dinheiro necessário pra suprir suas necessidades básicas. Neste período, quando chegavam procuravam os *gatos* para arrumar o local de trabalho. Ao longo de sua entrevista conta que chegava às cidades onde se localizam os canaviais como se fossem *sem terra* ou *sem teto*, pois não tinham nenhuma garantia de estadia e objetos como cama, colchão, fogão e outros “*nós ia conseguindo aos poucos, quando a casa estava mais ou menos arrumada, já tava dando a meio da safra*”.

Este trabalhador, portanto, vivenciou todo momento de exploração feita pela figura do “*gato*” e quando as usinas ofertavam trabalho análogo a escravidão. Carlos consegue discernir precisamente as relações de trabalho feitas no período dos *gatos* e nas novas normas impostas pelo Ministério do Trabalho, ou seja, a contratação direta pela usina.

⁹ Estas informações foram obtidas de maneira informal, conversas que não puderam ser gravadas ou anotadas no próprio momento, porque os trabalhadores e o *turmeiro* que substituiu o Joaquim se negavam a falar sobre o assunto. Assim, reflito que isto é como se fosse um código de ética que circunda nos mundo dos canaviais,

Carlos tornou-se turmeiro pelas *experiências* adquiridas com o trabalho no corte de cana, ou seja, ao longo dos anos de dedicação a esta atividade. Assim, depois de muitas *saídas*, falava para os amigos onde era o melhor lugar pra se trabalhar. Com isto, o empreiteiro Milton, da Cidade de Uberaba-MG 2008, notou suas habilidades para convidar amigos e parentes, lhe solicitou para arrumar uma *turma*. Por conseguinte,

“ levei a turma lá pra usina Coité-MG me tornei responsável por tudo... Virei empreiteiro, auxiliar de fiscal e ajudava o trabalhador no que era preciso. Aí o cara que eu trabalha ele perdeu a oportunidade pra mim, porque eu acabei me destacando mais no trabalho.”

Entretanto, no ano de 2010 não pode levar trabalhadores para a usina Coité e apresentou o seguinte argumento:

“o cara que eu trabalhei com ele, sabe? aí ele perdeu a oportunidade pra mim, porque eu tinha mais conhecimento de trabalho do que ele, aí depois nem eu nem ele. Trabalhava pra ele, só que aí chegou lá tinha coisa, que ao invés tinha função dele fazer e ele não fazia aí a responsabilidade tudo pra eu fazer. Com isso ele entrou no meio e pediu pra não ter vaga para o pessoal meu. Mas isso tudo foi porque desenvolvi mais que ele.”

Essas informações apontam como no mundo dos canaviais existe concorrência entre os trabalhadores das diversas hierarquias.

Porém, ao longo da entrevista do turmeiro Joaquim, cuja trajetória está apresentada acima, este relatou que no ano de 2010 socorreu Carlos e sua turma que não pode ir para usina de Uberaba, pois na safra anterior os cortadores de cana fizeram greve reivindicando melhorias salariais. Mesmo diante desta problemática de não ter para onde seguir com a turma, Carlos recolheu as carteiras de trabalho detendo-as consigo. Com isto, passou a sofrer pressão dos trabalhadores que queriam um trabalho.

Nos canaviais de Uberaba-MG Carlos era responsável por fiscalizar a turma administrando serviços como: *soltar pé* (liberação dos eitos de cana para serem

cortados) e auxiliar os trabalhadores em algum eventual problema que ocorresse, como doenças e necessidades de encontrar com a família na Bahia.

No ano de 2008, este turmeiro trabalhou em parceria com um *Gatim*¹⁰, organizara uma turma composta por trinta trabalhadores e em meados da safra houve a necessidade de recrutar mais pessoas, assim foram mais 80 trabalhadores. O *gatim* é um funcionário da empresa, recebe pela função de recrutar trabalhadores, seu trabalho é diferente do apresentado acima, porque recebe como trabalhador rural, com o diferencial de organizar a turma, mas sem nenhum vínculo com a usina para fazer isso.

Para este turmeiro, o período cujos gatos organizavam o trabalho, o trabalhador era totalmente dependente desta figura. Esse ainda define as modificações em suas condições de trabalho quando as empresas foram responsabilizadas de não aceitarem mais *os gatos* e tornou responsável pelo registro, o exame e o alojamento dos trabalhadores. *“O Ministério do Trabalho fez cortar o gato, fala que o serviço é escravo. A empresa é cobrada por isso.”*

No ano de 2006 mandou vinte e cinco pessoas para a usina Everest na cidade de Penapólis-SP, trabalhava com o empreiteiro do estado de São Paulo, que solicitara a busca de mais trabalhadores na Bahia para completar a *turma*, *“foi assim, eu tava lá trabalhando, como eu desenvolvia bem o trabalho, o turmeiro pediu pra eu ir na Bahia buscar uns conhecidos, só que aí ele pagou a minha passagem.”*

Carlos não apresenta vínculo com uma só usina, ele diz que:

“muitas vezes, a gente tem a possibilidade de ir para um lugar, tá cheio, completo aí aparece outra vaga em outra usina aí por exemplo, se só tem 50 vagas em lugar e 50 pra outro lugar. Eu, geralmente, entro em contato com a usinas, porque eles já tem conhecimento de eu lá pra levar gente, muitas vezes é um fiscal geral de frente, aí eu mando o pessoal pra eles lá.”

¹⁰ É a pessoa responsável por organizar um grupo de trabalhadores para os canaviais, contudo não tem vinculação com os mesmos no campo de trabalho. Segundo este trabalhador se diferencia do *gato*, porque este tem a responsabilidade de *soltar pega* quando um trabalhador estiver doente, e diversas outras necessidades que o cortador de cana venha a apresentar.

Carlos ratifica em diversos momentos que não é um gato, sua função se restringe a organizar turmas e não tem vantagem financeira sobre esta atividade. A contundência deste discurso ocorre, porque as leis trabalhistas não admitem que sejam cobrados valores sobre a vaga dos trabalhadores¹¹. *“Eu não tenho gratificação em nada, tipo assim, por falta de trabalho no município, aí eu quero satisfazer eles. Eu só ganho a passagem quando precisa vir chamar mais gente aqui.”*

Os primeiros a serem selecionados na *turma* de Carlos são os parentes, logo após os amigos: *“é assim os parentes já fica logo sabendo como é pra ir.”*

O turmeiro salienta que os trabalhadores o procuram para serem indicados nas usinas, porque ele tem mais experiência no trabalho e ao mesmo tem boas relações com os trabalhadores. Os gerentes das empresas entram em contato com ele para que possa recolher as carteiras.

No período da seleção dos trabalhadores são repassadas as regras das usinas nos espaços da mesma, como não ingerir bebidas alcóolicas, drogas e, a necessidade de se ter uma frequência regular. *“Se um trabalhador cortar o mínimo da produção no outro ano a gente não leva , porque às vezes não quer trabalhar só quer divertir e às vezes tem levar um quer trabalhar é esforçado. Aí, a gente ocupa aquele lugar com outra pessoa.”*

Sobre a responsabilidade do recrutamento, Carlos diz que é repartida igualmente entre ele e a usina. Pois, o turmeiro tem conhecimentos, ou seja, conhece os elos sociais em sua origem, mas a usina é encarregada de fazer o levantamento em outras usinas sobre o trabalhador.

¹¹ No documento “COMPROMISSO NACIONAL” elaborado no ano 2009 pelo Governo Federal do Brasil para aperfeiçoar as condições de trabalho na cana de açúcar é tido os seguintes termos:

Contrato	de	Trabalho:
a) contratar diretamente os seus trabalhadores para as atividades manuais de plantio e corte da cana-de-açúcar, com registro em Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS;		
b) utilizar a cláusula de experiência no contrato de trabalho somente uma única vez, em relação à mesma empresa e ao mesmo empregado, na contratação de trabalhadores para as atividades manuais do cultivo da cana-de-açúcar; e		
c) eliminar a vinculação da remuneração dos serviços de transporte de trabalhadores, administração e fiscalização, executados pelas próprias empresas ou por terceiros, à remuneração dos trabalhadores no corte manual da cana-de-açúcar, respeitadas as normas constantes de convenções coletivas ou acordos coletivos de trabalho que disciplinem a matéria.		

“a gente tem conhecimento dos amigos aqui, mas muitos têm problema com outras empresas, questão de tá pegando seguro desemprego, já entrou na justiça contra outras empresas. Aí a empresa não aceita trabalhador assim que tem causa com outra empresa.”

Ao contar sua trajetória para se tornar um cortador de cana esse turmeiro salienta que primeiro fora um cortador de cana e construiu seu nome entre os empreiteiros, na situação no qual fora solicitado para arrumar trabalhadores para eles *“a gente tinha amizade com os empreiteiros e tinha e o conhecimento aqui com o pessoal.”* E mais,

“A primeira turma pra arrumar foi muito difícil, eu achava que não ia dar certo, mas deu... A usina sempre exigia uma pessoa melhor, que produzia, tinha uma produção melhor... Depois foi mudando porque a gente criou o conhecimento das pessoas boas.”

Carlos, atualmente não trabalha mais como cortador de cana, ocupa uma função na frente de mecanização, fazendo curvas de nível.

Sobre o processo de seleção aponta que tudo se inicia com o recolhimento da carteira, depois marca o exame médico, em que se encarrega de levar o trabalhador até o laboratório onde será feito o procedimento e por fim, recolhe as cópias dos documentos de identidade e CPF. Logo em seguida, a usina fica encarregada por outro processo de seleção.

O número de trabalhadores é sempre estabelecido pelas empresas, assim o número exato de trabalhadores é variável de um ano pra o outro.

“a gente olha sempre a quantidade de vaga que tem e sempre escolhe primeiro aqueles melhores, aí os que sobrarem às vezes e achar vaga em outro lugar, a gente encaminha pra aquele lugar. Já a usina vê quem vai levar na carteira e no exame. Eu sempre procuro trazer pra turma aqueles que a gente têm mais conhecimento é mais amigo.”

As empresas que este turmeiro já trabalhou localizam-se fora do estado, por isto os trabalhadores devem ser registrados no município de origem e com a autorização do Ministério do Trabalho, do seu estado localizado na cidade de Vitória da Conquista-BA.

Quando o trabalhador não estiver com boas porcentagens de produção o turmeiro é chamado no escritório, por isso logo que nota este fator chama o trabalhador e conversa pra ver onde está a raiz deste problema.

Turmeiro 3

Manoel reside na Fazenda Pedra Grande, tem 38 anos, casado, frequentou apenas a segunda série do ensino fundamental, tem 22 hectares de terra. Migrou pela primeira vez em 1987, quando ainda era menor de idade aos dezesseis anos, para trabalhar na cidade de Pederneiras-SP, acompanhando o seu pai. O primeiro ano de trabalho, ele trabalhou *avulso*, ou seja, sem seguimento das leis trabalhistas, sem registro, e isso se perpetuou ainda por mais dois anos, pois era menor de idade e não podia estar inserido naquela atividade. O primeiro registro na carteira foi feito no ano de 1991. Esta primeira saída teve como destino o município de Perderneiras-SP, onde trabalhava para usina São José do Sul Paulista e também na usina Diamantes do grupo Corsan. Relata:

“Nas primeiras migrações eu ia com meu pai e não mexia com gente, eu era menor de idade e trabalhei avulso, mas fui trabalhar registrado em 1991, assim trabalhei quatro anos sem carteira assinada, sem meus direitos trabalhistas. Naquele tempo a gente ia de caminhão pau-de-arara. Guarnica era que arrumava o emprego pra mim e meu pai. A primeira vez que fui para o cara, a safra durou cinco meses”.

O recrutador relata que suas as primeiras saídas decorreram para acompanhar seu pai, que migrou vinte vezes para as safras do corte de cana e sempre ocupava o cargo de cortador, “o meu pai nunca foi um turmeiro, só um trabalhador”. Aos “dezesseis anos de idade tive que ir para o trecho, o que me impedia de frequentar a escola regularmente”. Ele relata que cursava a primeira e a segunda unidade do calendário escolar e, geralmente, após este período saía para as lavouras.

Assim, as primeiras ligações com atividade migratória estavam ligadas a empresa Diamante, atualmente pertencente do grupo Corsam. Ao longo de sua vida já se destinou para os estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Bahia.

Acerca das mudanças ocorridas no trabalho das usinas, Manoel fala que: *“o trabalho mudou muito de quando iniciei no corte de cana pra hoje, o Ministério Público, ajudou demais, a gente tá no céu hoje em dia, em termo de segurança.”*

Nas primeiras saídas fez parte da turma de Gelico, *“era um empreiteiro legal demais... chamou a gente para trabalhar na turma dele. Neste período o empreiteiro tinha comissão sobre a turma.”*

Manoel, durante a entrevista, explica que o empreiteiro, atualmente, não tem comissão sobre o trabalho dos cortadores de cana, pois o Ministério Público caracteriza o pagamento como abuso do trabalho, apontando que isso foi uma atitude positiva para o trabalhador, pois evita a seleção apenas dos produtivos.

“Hoje o empreiteiro não tem comissão, mas porque o ministério público não deixa, porque é abuso do trabalho, vai que isso fosse aceito o gato só ia procurar os melhores, aí não ia sobrar trabalho para os mais fracos. Hoje a pessoa tem ser legal e trabalhador. Naquele tempo que comecei para o gato o cara tinha que ser bom de cana, porque ele ganhava porcentagem em cima da produção.”

O turmeiro Manoel fala que não tem renda por levar, organizar e por se responsabilizar pelos trabalhadores no destino. Entretanto, diz ter angariado a função de fiscal e que consegue alugar um ônibus para usina, possibilitando um acréscimo em sua renda, em decorrência da atividade de organizar as turmas.

Depois de ter trabalhado em vários estados do país, aportou na Bahia há cinco anos, salientando que suas condições de permanência no local de trabalho melhoraram ficando em seu próprio estado, pois está mais próximo da família, *“ficou melhor de vim localizar a família”*. Com isso, comumente no mês de junho, durante as festividades religiosas na origem, a usina libera os trabalhadores para poderem participar, e também

há outras necessidades, sendo muitas vezes dados de folga para muitos trabalhadores nos meses de agosto e setembro.

Manoel começou a juntar turma na Bahia em 2007 para usina Santa Maria, localizada no município de Medeiros Neto, mas trabalha há 19 anos no corte de cana. Conta como surgiu a oportunidade de se tornar um organizador de turmas da seguinte maneira:

“o senhor José João Machado me deu oportunidade de levar o pessoal para lá, aí disse que eu tinha responsabilidade para isto, aí passei a levar o pessoal para ele, então aí já estava bastante tempo de serviço de corte de cana, já bem cansado e o meu currículo com este homem lá era bastante elevado em termo de responsabilidade. Aí ele me pediu pra levar uma turma com ele (...) Daí em diante o Senhor João Machado arrumou uma vaga pra mim de fiscal, e fiquei também encarregado de sempre levar uma turma, então eu já tava meio fraco de corte de cana, já tinha muito tempo que eu cortava cana, já estava cansado, aí ele foi, arrumou uma vaga de fiscal pra mim.”

A trajetória de um turmeiro decorre, prioritariamente, devido aos comportamentos disciplinares dos trabalhadores, ou seja, aquele que tem um padrão de disciplina compatível a da empresa.

Quanto às funções que recebe o organizador de turma está o de “cuidar” dos trabalhadores da turma ajudando-os no que for preciso, como nos casos de doenças e financeiramente, pois se caracteriza como um líder. Entretanto, os trabalhadores ainda acabam reclamando sempre de algumas coisas, principalmente dos alojamentos.

Na escala hierárquica, o empreiteiro João é considerado pelo turmeiro como:

“o real “gato”, eu trabalho desde 2006 com ele, quem tem a porcentagem sobre o trabalhador é o gato que também é um empreiteiro. Eu sou turmeiro, pois arrumo a turma. Ele é o responsável dentro do alojamento pelos trabalhadores, tem que dá assistência a tudo que ocorrer como chamar uma ambulância, procurar um remédio, arrumar um recurso e outros. Agora ele tem comissão em cima do que o pessoal ganha. Ele arrumou o pessoal todinho aí ele ganha de 5% a 7% em cima do que o trabalhador ganha. Mas, isso é nada a haver com o que o trabalhador ganha, esta

porcentagem não é tirada do trabalho de quem ele carregou. Por exemplo, um trabalhador ganhou 1.000 reais este mês, ele não vai tirar do rapaz não, a firma que vai pagar por fora aquela porcentagem do que o cara ganhou de 60 a 70 reais em cima, mas a usina que paga, porque ele conseguiu este pessoal pra ela.”

Assim, nesta usina ainda vigora as relações trabalhistas de exploração sobre o trabalho do cortador de cana, sendo demonstrado que a vaga não é cobrada pelo turmeiro, mas o empreiteiro, considerado aqui pelo turmeiro como *real gato*, tem preferência por trabalhadores produtivos, pois recebe financeiramente por isso.

Manoel tem uma função diferenciada de João, sendo fiscal de campo da empresa e auxiliar da turma. “*Sabe, a gente faz tudo que está dentro das nossas possibilidades,*” como um remédio ou auxílio financeiro emprestado em caso de necessidade e quando precisa ver a família urgentemente. O *real gato* é o responsável por toda mão de obra no campo e todos trabalhadores no alojamento.

Assim, no campo de trabalho é o fiscal da turma que leva os trabalhadores, e não pode ajudar os trabalhadores no corte, precisamente, pois dentro da sua função é proibido de fazer isto. Mas declara que é o líder de sua turma.

A turma é formada basicamente por parente e amigos, “*é tudo considerado chegado da família*”. O primeiro contato para seleção dos trabalhos é avisado por Alaécio, que é o chefe geral do corte de cana, que também tem a função de passar o itinerário de trabalho na roça e de contratar e demitir trabalhadores. Alaécio é irmão do *gato* José João Machado, comprovando mais uma vez que o mundo das usinas é organizado por redes de parentesco.

Para a seleção, a usina traz uma lista com os nomes dos aprovados no dia do registro, isto é feito praticamente por Alaécio. Ainda neste momento, comparece o Senhor Antonio, que faz parte da coordenação da usina e Ricardo que é empregado no setor de administração.

A usina tem como exigência na seleção que não leve trabalhadores que tenham ocasionados problemas nos anos anteriores. Estes fatores estão correlacionados, principalmente, ao comportamento nos alojamentos, ao não cumprimento das regras

impostas pela usina no campo de trabalho, por exemplo, na produção, se o trabalhador não se esforçar para atingir um salário mínimo nos três meses de experiência pode estar fora da turma nos anos seguintes, pois a empresa o considera como uma despesa a mais, pois ela é obrigada a completar o salário para atingir o vencimento básico.

Os critérios de escolha do trabalhador da cana são diferentes entre o organizador de turma e o *gato*:

“é exigido pela usina e pelo turmeiro que o trabalhador tenha responsabilidade e seja uma pessoa de compromisso, mas claro, o gato, empreiteiro, vai querer aquele que tem maior produção, porque ele ganha em cima disso, agora eu não ganho por produção, eu quero mais um trabalhador que tenha responsabilidade.”

Nas usinas da Bahia não é preciso registrar os trabalhadores nos seus municípios de origem, pois como não há fronteira estadual, não há possibilidade de a usina ser multada ao longo do trajeto. Entretanto, este aspecto necessita de um olhar mais acurado, pois o trabalhador sair de sua origem sem registro pode ser um mecanismo de exploração e dominação desta força de trabalho. Nesta turma analisada, apenas os exames médicos são feitos em Pindaí.

Manuel declara que no trabalho do turmeiro:

“todas as despesas de viagem que são feitas para organizar as turmas, os custos são todos por minha conta própria, mas me submeto a isto porque tem um ônibus meu que trabalha para a usina e também o serviço de fiscal, aí fico fazendo estes esforços para eles. Eu não estou me envolvendo com a rapaziada porque tenho comissão, jamais, não ganho nada. Agora eu tenho o ônibus lá, se eu não arrumar a turma aqui, eles vão me demitir e tirar meu carro do trabalho. Geralmente, quando eles querem que eu arrume mais trabalhadores, eles pedem para eu ligar para um colega aqui, para evitar com passagens. “A usina reconhece a gente” em termos de comportamento legal, agora financeiro não”

Quando está no campo conta com a ajuda de parentes para recrutar mais trabalhadores, este mecanismo é feito através de “pegar” a carteira de trabalho dos trabalhadores para ser registrada na usina.

Os trabalhadores ganham por produção, enquanto o salário do turmeiro é fixo, ganha novecentos e sessenta e dois reais como fiscal.

“A gente sempre tenta ajudar o trabalhador quando tem alguma reclamação sobre a usina, na medida do possível, a gente fala com o nosso chefe Alaécio e Dr. Israel. E a principal reclamação é sempre relativo ao preço do corte, o preço não está correto.

Para participar da minha turma a pessoa tem que ser legal, não tem negócio de ser parente não, mesmo existe três sobrinhos meus, que não fazem parte de nada pois, eles não fazem por merecer. Coloca um parente, mas às vezes ele não tem competência, para comandar o cargo, tem que colocar uma pessoa que tem competência.”

Tabela 03: Cinco primeiras migrações do turmeiro Manoel

Ano	Estado	Usina	Duração da safra	Empregador
1987	São Paulo	Diamante	5 meses	Empreiteiro
1988	São Paulo	Diamante	4 meses	Usina
1989	São Paulo	Diamante	4 meses	Usina
1990	São Paulo	Diamante	4 meses	Usina
1991	São Paulo	Diamante	5 meses	Usina

Assim, as cinco primeiras migrações realizadas foram as seguintes:

- 1) Em 1987, corresponde a primeira saída deste trabalhador com duração de cinco meses. Destinou-se para o município de Pederneiras-SP, trabalhava para uma empresa terceirizada chamada São José Paulista que fornecia cana para a Usina Diamante, o turmeiro que se chamava Garnica, que era responsável pelo transporte dos trabalhadores feito em um caminhão pau-de-arara, este turmeiro era amigo dos seus irmãos.
- 2) No ano de 1988, ficou quatro meses no trecho, na empresa São José do Sul paulista, no município de Pederneiras-SP, o empregador neste momento foi a firma São José paulista, continuou na turma de Guarnica, que era amigo de suas irmãs.

- 3) No ano de 1989, a safra teve duração de quatro meses. Destinou-se ao município de Pederneiras-SP, para trabalhar na empresa São José do Sul paulista, ainda como o turmeiro, Guarnica
- 4) Em 1990, também esteve vinculado a usina São José do Sul Paulista , com safra de quatro meses e com o turmeiro Gelico, vizinho de suas irmãs que residiam no estado de São Paulo.
- 5) Em 1991, ele passa a ser um trabalhador registrado, na usina São José do Sul Paulista, em Pederneiras, a safra teve uma duração de cinco meses, o empreiteiro era José Carlos, que era um vizinho das suas irmãs.

MAPA 03

Mapa: cinco primeiras migrações turmeiro Manoel



Antes de iniciar as atividades migratórias, dedicava-se a ajudar o pai na roça, tendo iniciada, portanto, a atividade de juntar turmas no ano de 2007.

Em 2010, sua turma se destinou para a Usina Santa Maria, no município de Medeiros Neto, na Bahia, com 150 trabalhadores. O empreiteiro era Sr. João Machado. Ficaram em alojamentos fornecidos pelas usinas.

Em 2009, se destinou para usina Santa Maria, localizada no município de Medeiros Neto-BA, com 110 e dez trabalhadores, o empreiteiro era José João Machado. Ficaram em alojamentos fornecidos pela usina.

Em 2008, sua turma fora composta por 90 pessoas também para usina Santa Maria, localizada no município de Medeiros Neto, na Bahia. O empreiteiro era João Machado.

Em 2007, a turma era composta de 50 pessoas que também se destinou para usina Santa Maria, no município de Medeiros Neto-BA, com o turmeiro João Machado. Residiam em alojamento fornecido pela usina.

No ano de 2006, destinou-se para a empresa umos agroterra com 60 pessoas. O empreiteiro era João Machado, no município de Pitangueiras-SP. Ficaram em alojamento fornecido pela usina.

Manoel é contatado por Alaecio, chefe da frente de trabalho e irmão de João Machado, este tem trinta anos de trabalho no corte de cana, responsável de averiguar todos os comportamentos dos trabalhadores no campo de trabalho e ainda demite e contrata.

A seleção, geralmente, ocorre entre os meses de março ou abril, dependendo da lavoura da cana de açúcar. Os funcionários da usina, os funcionários presentes na contratação são chefes gerais do campo e outros funcionários dos recursos humanos.

Nas orientações acerca dos critérios de seleção, a usina de cana de açúcar sempre repassa para o organizador uma lista do ano anterior, e é cortado aquele trabalhador que não seguiu as normas de comportamento ou as metas de produção almejadas pelo empreiteiros das usinas, uma vez que os parâmetros maiores para observação destes requisitos enquadram nos noventa dias de experiência.

O que é exigido para que o trabalhador seja selecionado é que a pessoa tenha responsabilidade e compromisso com o trabalho. Já o gato prefere os trabalhadores que tenham maior produtividade.

Apesar dos requisitos repassados pela empresa para seleção dos trabalhadores, a palavra final sobre qual trabalhador irá para cada safra é função do organizador da turma, pois está mais próximo dos trabalhadores e o reconhecem.

O registro é feito na cidade de origem pelos funcionários de recursos humanos da empresa. No dia do registro também é acertado onde vão morar e com qual pessoa ou

grupo irão dividir o alojamento e uma estimativa do valor básico sobre o salário, que no campo de trabalho sofre um reajuste.

Os primeiros dias no lugar de destino ocorrem à semana de integração- eventos destinados para treinamento de trabalho-, neles, os nutricionistas falam da alimentação e as orientações para o uso do EPI (Equipamento de proteção individual) e obrigatoriedade sobre o uso do mesmo.

Geralmente, a viagem de ida é feita em abril e o retorno dar-se em novembro, o transporte é pago pela usina, feito por uma empresa de ônibus sem licença do estado para trafegar pessoas.

Os trabalhadores da turma de Manuel cortam em média, por dia, 12 toneladas de cana, e o grupo fecha uma média de 120.000 toneladas por mês, numa jornada de trabalho de sete horas e vinte minutos. Os dias de descanso dão-se a cada cinco dias.

O salário médio da última safra dos cortadores de cana foi entre oitocentos reais a mil e setessentos reais

Em caso de algum acidente dentro da usina há sempre uma ambulância para socorrer o trabalhador.

As principais doenças relatadas pelos trabalhadores são dor de cabeça, febre e cansaço por conta da produção.

Manuel não consegue mais trabalhar no corte da cana, ou trabalho por produção, porque apresenta sérios problemas de saúde na coluna cervical, decorrido dos vários anos empregado nesta atividade. Já chegou a cortar 1000 metros de cana em um único dia. Este problema não é fato recorrente a casos isolados nos canaviais, muitos trabalhadores apresentam este diagnóstico, entretanto, são utilizados muitos remédios paliativos a fim de amenizar as dores do trabalho.

As trajetórias se encontram...

Em Pindaí no de 2011 ocorreu a destituição de um turmeiro , devido à venda de vagas para trabalhadores, sendo este um ato ilegal. Contudo, um turmeiro sempre *acode* o outro quando ocorre algum problemas em funções nas usinas.

Durante a pesquisa realizada em janeiro quando a turma de Manoel estava partindo para o Sul da Bahia tive a impressão que este estivesse me escondendo algo... Assim, pude perceber que nesta viagem, um trabalhador, teria que ser olhado diferenciado, pois tratava de Joaquim, antigo turmeiro da usina São João no estado de São Paulo. Este perdeu sua função em decorrência da venda de vagas para trabalhadores com custo de quatrocentos reais, denominado de “mensalinho”, espécie de propina. Todas estas informações foram repassadas em conversas informais com trabalhadores de sua antiga turma. *“Ele foi denunciado por um trabalhador que teve que comprar, por quatrocentos reais, a vaga, nisto ele ficou de fora, porque não cumpriu as normas da empresa”*. Sua função então, fora repassada para o trabalhador Carlos, antigo turmeiro de outra usina em Minas, e havia se alocado na turma do Sr. Joaquim, porque sua turma havia feito greve. Estas situações demonstram que existe uma relação de reciprocidade entre os turmeiros em caso de ocorrências de problemas nas usinas, na qual trabalham. Abaixo sequencia dos fatos ocorridos com três turmeiros

- 1- Carlos perde o posto de turmeiro na usina mineira, devido a greve promovida por trabalhadores de sua turma.
- 2- Nisto o Joaquim, que é era turmeiro em Araras, arruma vaga para ele em sua turma.
- 3- Joaquim é denunciado, porque está vendendo vagas à trabalhadores e acaba perdendo seu posto. Carlos lhe substitui diante da empresa como organizador de turma.
- 4- Joaquim, diante das circunstâncias que o rodeia, não quer mais trabalhar em Araras e Manoel lhe arruma uma vaga para ingressar em sua turma que se destina para Medeiros Neto no Sul do estado da Bahia.

Nos municípios pequenos as pessoas acabam conhecendo umas as outras, assim estes três turmeiros se conhecem, porque moram em localidades próximas, além de construírem relações em bares e outros espaços de sociabilidade do município.

Joaquim, ao longo dos momentos passados, no momento da partida, ficou constrangido com minha presença, como se a todo o momento quisesse me dizer algo... Perguntei para Manoel porque ele havia parado na turma, e me respondera *“Joaquim é um cara bom e amigo, me pediu a vaga, já que o cara é companheiro a gente deve ajudar”*.

Desta maneira, pode-se ratificar que em situação de falha como turmeiro os outros se encarregam de ajudar um ao outro, para que o trabalhador não fique desempregado, isto demonstra que existe mecanismos de reciprocidade, ou ajudas mútuas, nas relações entre as figuras que se congregam no mundo da cana.

Manoel me deixou “escapar”, quando conversava, da presença do Joaquim em sua turma, que por ora os trabalhadores pressionam os organizadores de turma a recebem uma determinada quantia de dinheiro pela vaga. Contudo, estes fatos devem ser apurados com maior precisão em próximas pesquisas.

3. SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA TURMA DE TRABALHADORES MIGRANTES TEMPORÁRIOS EM PINDAÍ-BA

Este capítulo busca observar o processo de seleção de uma turma de trabalhadores migrantes organizada por um turmeiro, tomando como caso o turmeiro Manoel que recruta para usina Santa Maria, localizada no Sul da Bahia.

No primeiro momento será debatida a estratégia do agronegócio canavieiro de selecionar trabalhadores disciplinados, obedientes e produtivos. Para isso, recrutam, através de agentes, homens de áreas distantes das usinas, geralmente da região Nordeste do Brasil, pois internalizaram suas regras.

Posteriormente, é levantado como as usinas utilizam das redes de parentesco e amizade para obterem trabalhadores que correspondam aos seus interesses. Dessa forma, as migrações para o trabalho são dadas por um processo de construção de redes sociais.

E, por fim, descreverei os momentos de seleção da turma recrutada por Manoel no ano de 2012.

3.1 A seleção e o recrutamento de trabalhadores no agronegócio canavieiro do Brasil

A agroindústria canavieira no Brasil tem sofrido uma vasta expansão e isto se relaciona a boa fase do mercado internacional do álcool, como alternativa de energia renovável, menos poluidora que o petróleo. Assim, como o mercado do açúcar. Essa expansão das lavouras necessitou da coexistência de dois sistemas de corte nos canaviais das modernas usinas paulista: o sistema de corte mecanizado e o sistema de corte manual. Para o corte mecanizado, os principais critérios de seleção estão relacionados à especialização, à escolaridade e ao local de moradia dos trabalhadores

próximo à usina. No sistema manual, as exigências na seleção são outras e o tipo de contrato de trabalho é por tempo determinado, contrato safrista.

No corte manual os trabalhadores são selecionados, principalmente, pela habilidade manual, a destreza para o corte de cana, a força e resistência física e o local de moradia distante do local de trabalho. A força física e a destreza são critérios imprescindíveis para assegurar o aumento da produtividade nesse sistema de corte que supõe a intensificação do ritmo de trabalho.

Os trabalhadores provindos de áreas rurais da região Nordeste do Brasil são os preferidos para o corte manual, pois, são considerados pelos usineiros como dedicados ao trabalho, obedientes e agradecidos aos empregadores pela oportunidade de emprego, inexistentes em sua região. João, de 28 anos, casado e com ensino fundamental completo, fala que o corte de cana foi a salvação para sua vida e muitos da comunidade rural, pois se dependesse das chuvas na região em que mora para poder plantar e ter o sustento da família, acabaria passando fome, assim era muito grato as divindades pelo trabalho que conseguiu nas usinas. Conforme Novaes (2007):

As particularidades - em contexto de modernização e intensificação da produção-, implicaram, contudo, a introdução de novas formas de controle do trabalho no corte da cana, dentre elas destaca-se o ganho pela produção, pela metragem e pesagem da cana cortada. Somando-se a estes critérios o tipo da cana cortada, tem-se a referencia para calcular o salário. Assim, a lógica da eficiência do corte manual é determinada pelo lema: “Quanto mais se corta, mais se ganha” (NOVAES, 2007, p.21)

A necessidade permanente de ganhar dinheiro, para assegurar a subsistência da família que fica em suas localidades, explica de certo modo, a disposição para a alta produtividade, bem como para tolerância com o descumprimento das leis trabalhistas, com as injustiças e as distorções que ocorrem nas mediações feitas pelo fiscal de turma na produção diária no corte de cana.

As usinas, portanto, utilizam-se da estratégia de recrutar trabalhadores de áreas distantes dos canaviais, com intuito de que sejam disciplinados, pois a internalização de regras de controle de trabalho deste é fundamental para se tornarem produtivos.

Segundo Menezes e Silva (2008), os recrutadores atuam de forma conectada em várias fases para selecionar e contratar os trabalhadores. Um dos mecanismos centrais está em escolher trabalhadores que tenham maior força física para o trabalho. Assim aponta:

A seleção e arregimentação são realizadas por uma rede de agentes – arregimentadores, empreiteiros e turmeiros- que atuam de forma conectada para viabilizar as diversas fases de seleção e contratação dos trabalhadores migrantes. Os mecanismos de controle começam a se fazer presente já no momento da classificação e seleção dos corpos aptos e inaptos, isto é, dos podem e não podem cortar cana de açúcar. Neste sentido ganha relevo as estratégias das usinas que cada vez mais tem se utilizado dos arregimentadores dos locais de moradia dos migrantes para realizarem uma espécie de “primeira triagem” dos trabalhadores (MENEZES & SILVA, 2008, p.).

Silva (2010) aponta que estes mecanismos de seleção são pautados por critérios políticos e ideológicos. Para as empresas, é muito importante manter trabalhadores disciplinados. Pois, em certa medida favorece para a continuação da prática do sistema de super exploração, baseado no salário por produção. As usinas controlam os trabalhadores tanto nas localidades de origem quanto nos locais de trabalho e moradia por meio dos recrutadores. Estes mediadores de mão de obra são, geralmente, dos locais de origem dos migrantes, em geral são antigos trabalhadores das empresas que por serem pessoas de confiança da usina se tornam recrutadores de trabalhadores.

São chamados de turmeiros, arregimentadores ou chefes de turma. Em Pindaí, em geral são chamados de turmeiros. Cabe a eles realizarem a primeira triagem dos trabalhadores, escolhendo, comumente, os bens dotados de força física e de boa conduta, como também não terem participado de greves e outros conflitos.

O comportamento e a produtividade dos trabalhadores são os critérios preponderantes que a maioria das usinas prioriza para selecionar trabalhadores. As empresas optam por tais fatores, pois não gostam de trabalhadores organizados, reivindicativos, grevistas e faltosos. Os técnicos dos Departamentos de Recursos Humanos das usinas se empenham cada vez mais para definirem e viabilizarem a contratação de trabalhadores com perfil adequado para assegurar maior produtividade

do trabalho no corte manual da cana. Assim, ser homem, vir de fora, ser jovem, ter uma imagem de obediente são critérios de seleção muito importantes, isto pode ser visto nas palavras a seguir:

Não por acaso os trabalhadores migrantes são os preferidos para este tipo de trabalho. Entrevistados, os técnicos admitem: o controle é mais fácil, a produtividade é maior. As dificuldades de acesso á terra e a ausência de trabalho na região de origem os deixam mais vulneráveis mais dependentes desta oportunidade de emprego, mesmo que seja um trabalho duro. Para contratá-los as usinas contam com diferentes formas de recrutamento, desde contratação de empreiteiros, que formam as turmas ainda nas cidades onde moram estes trabalhadores no Nordeste, até o acionamento de redes de parentesco e vizinhança onde correm as notícias das possibilidades de trabalho no corte de cana. (NOVAES,2007b, p.62.)

Assim, mais um critério utilizado pelas usinas é a assiduidade, pois isto conota disposição e responsabilidade com o trabalho. Neste sentido, o absenteísmo deve ser combatido de forma rigorosa para que sirva de exemplo a outros trabalhadores, daí a utilização de procedimentos que vão desde a advertência verbal e a suspensão, até as demissões.

As usinas utilizam de mecanismos para controlar e disciplinar os cortadores de cana. Dentre estes, existe a chamada *lista negra*, que é uma lista com nome de trabalhadores que trabalharam ou trabalham para as usinas, mas encontram-se marcados por terem desobedecido às normas impostas ou por qualquer outro motivo que sirva como critério para “marcar” os mesmos. A organização ou envolvimento dos cortadores de cana em greves ou participação ativa nos sindicatos são critérios que muitas vezes são suficientes para incluírem os nomes dos envolvidos nas listas negras. Para Silva, em *Errantes do fim do século* (1999), essas listas correspondem como o antídoto mais eficaz na correção de condutas e de comportamentos dos trabalhadores.

Outro mecanismo de disciplina ocorre no dia-a-dia do trabalhador e corresponde aos “ganchos” para suspender por um tempo aquele cortador que não tenha executado bem sua tarefa ou tenha desobedecido ao fiscal. Esse então representa uma redução no salário dos trabalhadores, visto que o recebimento é por produção, já quando são suspensos, são obrigados a parar de trabalhar. Essa necessidade de controlar e

disciplinar vigora na lógica de se obter lucro sempre crescente e evitar ao máximo o desperdício.

Segundo Cover (2011), a preferência pelo trabalhador migrante também se justifica pela ausência desse tipo de trabalhador na região canavieira de São Paulo. A população de São Paulo prefere a gama de possibilidades do mercado de trabalho industrial, ao invés dos canaviais. Geralmente, os descendentes de camponeses paulistas e de trabalhadores volantes que, diferente dos pais, tiveram acesso à escolarização, agora disputam espaço no mercado de trabalho urbano, formal ou informal. Os trabalhadores que migraram na década de 1980, dos estados do Paraná e Minas Gerais, buscaram empregos nas cidades ou em tarefas nos canaviais, mas como tratoristas, motoristas, etc.

O trabalho manual na lavoura de cana é penoso e visto como inferior a dignidade humana, que pelo relato é preferível “roubar”, ou seja, cometer um ato considerado socialmente ilícito e criminoso, do que cortar cana. Dentro deste contexto que os mediadores da força de trabalho se destinam sertão adentro (de Minas Gerais, Bahia, depois sertão Pernambucano, Paraíba, Ceará, Piauí e Maranhão) em busca de trabalhadores temporários (COVER, 2011, p.84).

A migração de trabalhadores sertanejos acontece de maneira espontânea num primeiro momento, porém posteriormente as usinas organizam um processo de seleção que se realiza através de redes sociais de parentesco e amizade. Ocorre que, as usinas e os “gatos” de São Paulo, vão fazendo parcerias com os trabalhadores que se destacam no corte de cana, pela produtividade e pela obediência. Dessa maneira, ao voltar para Região Nordeste, esse trabalhador irá organizar uma turma de cortadores que sejam produtivos e obedientes. Para Menezes (2002), no sistema de recrutamento de trabalhadores paraibanos para os canaviais pernambucanos, aponta a existência dos arregimentadores que atuam como espécie de empreiteiros.

Em resumo, os critérios do turmeiro para seleção dos trabalhadores são a disciplina e a obediência. A produtividade é considerada, não basta apenas ser um trabalhador “bem comportado”, afinal o objetivo maior da sua força de trabalho é que possa gerar maior lucro para as usinas. Este é o um comportamento compatível às regras

das empresas. Mas, isso não é o único fator, para ser selecionado o trabalhador deve apresentar boas condições de saúde.

Embora não sejam muito claras as formas de remuneração do turmeiro, alguns dados de nossa pesquisa indicam que ele é remunerado por duas formas, sendo primeiro como funcionário registrado com salário-hora fixo. E segundo, como ganhador de uma comissão, rendimento da turma, o que em tese, o estimula a zelar pelo rendimento dos trabalhadores a ele subordinados.

Para Silva (2011), as usinas, ao utilizarem cortadores de cana no local de origem para fazerem a seleção, buscam garantir um maior controle da força de trabalho. E acrescenta ainda que este “turmeiro” é um trabalhador que passa, também, a ser um “olho da empresa” na origem. Alguns arregimentadores têm registrado em seu histórico pessoal uma ou mais passagem pelo eito, trata-se, nesses casos, de antigos cortadores de cana de açúcar e, portanto, conhecedores do ofício, que conquistaram a confiança de fiscais e de outros funcionários da usina.

O regime de recrutamento de trabalhadores é uma questão muito importante das formas de controle da força de trabalho no sistema capitalista. Alvim (1997), no estudo sobre a transformação de famílias de trabalhadores de origem rural em grupo operário, de uma fábrica de tecidos situada na cidade de Paulista-PE, observou atentamente os mecanismos de recrutamento por meio do aliciamento de famílias numerosas do interior do Nordeste, no qual deteve numerosas regras próprias que se expressavam nas condições de pagamento de agentes aliciadores. Neste contexto percebe-se que:

o recrutamento de famílias faz parte de uma política de mobilização da força de trabalho que implica em buscar no grupo familiar o fornecimento da mão-de-obra necessária á indústria, articulando família e trabalho numa relação de dominação particular.(ALVIM, 1997, p.13)

A Companhia de tecidos de Paulista tinha preferência por força de trabalho organizada pela família. O privilégio do recrutamento das famílias de trabalhadores correspondia a uma forma de dominação. A política de recrutamento atende às

necessidades de mão de obra barata e, também, possibilita o controle desde sua área de origem, ao conjunto da vida dos seus trabalhadores.

O recrutamento vai ao encontro dos interesses das empresas, pois são elas que definem suas regras, alocando um conjunto de mecanismos de dominação. E ao agente recrutador também é destinada certa valorização, pois ganha destaque perante a empresa diante do desencadeamento do deslocamento de trabalhadores.

Os agentes recrutadores, como ficam comprovados por Cover (2010) e Alvim (1997) são os responsáveis de selecionar a mão de obra na origem e pelo disciplinamento dos trabalhadores no destino. Este controle não se restringe apenas ao campo de trabalho, mas até mesmo aos espaços de moradia dos trabalhadores.

Segundo Alvim (1997), o recrutamento familiar se aproveita das dificuldades vividas na localidade de origem dos trabalhadores, ao sair em família os trabalhadores mantêm de certa maneira os valores da sua origem. Desta forma, a saída familiar é um mecanismo que a empresa capitalista lança para beneficiar-se das dificuldades vividas pelas famílias do interior, mantendo certa continuidade com seus valores.

No município de Pindaí-BA os trabalhadores são recrutados através das redes de parentesco e vizinhança pelos arregimentadores locais. O trabalhador pode ser contratado diretamente pela usina ou por alguma empresa terceirizada, empreiteiro. Em qualquer das formas, o contrato deve ser feito no local de origem dos trabalhadores e providenciar o transporte para o local de destino dos mesmos, assim como o transporte para a origem no fim da safra. Deve também providenciar moradia e alimentação segundo os parâmetros legais.

3.2 Migração e redes sociais para o trabalho

Nas análises sobre as migrações, em grande parte têm sido enfatizadas pelos motivos econômicos, contudo mesmo a importância dada sobre este aspecto é de suma relevância considerar o papel dos agentes envolvidos. Visto que, os migrantes lançam mão de diversas estratégias para ir moldando este processo, dentre estas, a formação das

redes sociais baseadas em laços de família e amizade, constituído como um fator para efetivação dos deslocamentos populacionais sobre o espaço.

Segundo Guarnizo (2010), as migrações ocorrem primeiramente por condições macro estruturais, que incluem as forças que determinam o processo de acumulação de capital. Entretanto, essas condições estruturais se convertem em um processo autossustentado socialmente em decorrência das redes sociais que a mesma cria com o tempo. Estas redes se comportam para a entrada de outros migrantes. Assim, a migração para o trabalho pode ser entendida antes de tudo como um processo de construção de redes sociais, do que como transferência de mão de obra de um local para outro. Pode-se configurar da seguinte maneira;

Familiares y amigos que permanecen en las comunidades de origen se conectan así al proceso migratório. Por tanto las posibilidades para los migrantes de mudarse al exterior dependen en gran medida de las conexiones que cada individuo tiene con dichas redes (GUARNIZO, 2010, p.54)

Assim, são através das redes sociais, que se realizam os fluxos migratórios e a mobilidade das pessoas. Isto consiste em característica recorrente do fenômeno migratório em várias partes do mundo. Flores (2010) aborda que no México muitos trabalhadores migram para áreas de plantação de flores e vão estabelecendo a criação de redes sociais com seus locais de origem, consolidando os fluxos migratórios.

As usinas de cana de açúcar no Brasil utilizam das redes de parentesco e vizinhança como estratégia de obterem trabalhadores que vão de encontro com seus objetivos. E por outro lado, os trabalhadores também se organizam em torno de redes como mecanismo para criarem vínculos sociais e formas de dominação e resistência no trabalho.

Estas redes de parentesco, vizinhança e amizade tendem a se redefinirem, tanto em extensão, como em conteúdo, passando a serem utilizadas pelos próprios migrantes, como formas de resistência a dominação do trabalho; e ainda como construtoras dos laços de sociabilidade nos locais de moradia, em geral, nos bairros periféricos

da área canavieira do município de São Paulo (MENEZES & SILVA, 2008, p.5).

Dessa forma, nos canaviais são formadas redes sociais por parentes, amigos e vizinhos das localidades de origem dos migrantes na construção de novos grupos sociais na organização da moradia, da alimentação e das formas de lazer. Ainda é possível afirmar que as redes configuram uma das primeiras opções para os que “completaram” a idade, ou seja, para os homens das famílias de migrantes que completam dezoito anos, como forma de se relacionarem com a presença de parentes e amigos já inseridos nesta corrente migratória.

As redes de parentesco, vizinhança e amizade dos migrantes cortadores de cana-de-açúcar são utilizadas pela usina, para selecionar trabalhadores. Dentre os critérios de seleção, se destacam a alta produtividade e a docilidade, esta expressa, principalmente, no respeito para com a hierarquia da usina.

O recrutamento de trabalhadores para o corte de cana tem como premissa básica a seleção daqueles que serão mais disciplinados. O ingresso de uma carteira em uma turma envolve os elos de parentesco e amizade com outros trabalhadores e para os antigos é imprescindível o “currículo”, se a carteira não apresenta nenhuma quebra de contrato em outras safras, ou se não teve nenhum problema em outras usinas.

A conquista da vaga se dá em um primeiro momento pelas relações de parentesco e amizade entre o turmeiro e os trabalhadores. O trabalhador Leandro Barbalho, de 24 anos e que já trabalhou a sete safras cortando cana, sendo quatro na usina Santa Maria. Todo o percurso que enfrentou para conquistar sua vaga na turma de Manoel¹².

“Acho que consegui esta vaga pela confiança do dia-a-dia, porque Manoel me conhece lá onde moro, conheço ele já de muito tempo e conversando um com o outro, começou uma relação de confiança. Aí surgiu a vaga, aí ele me deu, aí todo ano posso contar com ele. Na primeira vez foi mais difícil porque ele ficou com medo, pois não conhecia a gente no trabalho, só tinha a relação de amizade mesmo,

¹² Apresento a trajetória deste turmeiro no segundo capítulo.

mas depois que trabalhei foi total confiança e olha que eu já tinha experiência. Agora nesta vaga da safra de 2012 já tava garantido, porque eu tinha ido da última vez e tinha dado tudo certo”.

Esta última fala confirma que um trabalhador que executa todas as atividades e cumpre as normas da empresa, tem sua vaga garantida para próxima safra na turma. Confirmando mais uma vez que a vaga é destinada aos trabalhadores mais aptos no mundo dos canaviais. Contudo, mesmo sabendo que podem ter a vaga, os trabalhadores que já têm um “bom currículo” na usina ficam com medo, pois “Aí eu só procurei Xorró de novo e prometeu renovar o contrato, isso quinze dias antes, porque tem muita gente procurando vaga também”.

A seleção feita pelos turmeiros na origem é baseada na rede de amizade e parentesco. Este personagem busca primeiramente os vínculos construídos ao longo de sua trajetória nos canaviais, trabalhadores que já tenham mais experiência, conseqüentemente, os mais disciplinados nos espaços de trabalho, esses colaboram apresentando parentes e amigos. A seleção da turma de Manoel, no ano de 2012, foi marcada em quatro situações diferenciadas, abaixo segue a descrição das mesmas.

A feira e o recolhimento das carteiras

O espaço da feira semanal é um lugar de sociabilidade muito importante na vida dos trabalhadores canistas, na localidade, é comum se dizer: *buscar a feira*¹³, que tanto significa local de comprar alimentos quanto encontrar com amigos nos bares da sede da cidade. Assim, é, portanto, um espaço de compra e venda de alimentos e lazer. É na feira, também, que são feitos os contatos ou avisos sobre a entrega das carteiras de trabalho para o turmeiro, encontrar com os amigos e conhecidos nos bares, fazer convite para “os churrascos”, evento comum entre os migrantes temporários quando estão na origem, e o dia do registro e da viagem, por isso aqui dedico uma atenção maior sobre

¹³ Termo utilizado para referir ao lugar de comprar alimentos para família.

este espaço social. Caracterizo este local como um ponto de interação entre os trabalhadores da cana e entre as áreas urbanas e rurais do município.

O turmeiro frequenta vários espaços da feira, como as barracas de comidas, os bares e, principalmente, a distribuidora de bebida Sander. A relação de amizade com o comerciante deveu-se, porque o pai do mesmo é proprietário de terra vizinha a de Manoel, mesmo este não tendo um vínculo direto com os canaviais. Caracterizo este lugar como o escritório do turmeiro, porque ao longo da pesquisa este foi tido como palco para diversos acontecimentos. No ano de 2011, quando a usina demorou a iniciar suas atividades e fora esclarecer os motivos para tal fato, foi nesse local que se realizou a reunião entre os trabalhadores e os funcionários. Ao longo de toda pesquisa, Manoel solicitava-me para encontrá-lo sempre na Sander e este corresponde também ao ponto de encontro de muitos trabalhadores, e onde os ônibus pararam no dia da partida para os canaviais. Aqui também são discutidos os momentos de lazer na origem, os casamentos e os churrascos de confraternização, os que irão participar e os oferecidos para os amigos.

Figura 03: Distribuidora de bebidas Sander



Fonte: a autora

Muitos trabalhadores relatam que os vínculos com este comércio estão aquém de um “ponto de encontro do turmeiro”, pois o dono do estabelecimento é sócio de um

ônibus, responsável de levar os trabalhadores dos alojamentos para as roças nos canaviais, com o turmeiro.

A distribuidora é local indicado para os trabalhadores para entregar os documentos requeridos pela usina: a carteira de identidade, o CPF, reservista militar e carteira de trabalho. Uma vez que o turmeiro não esteja, os documentos referidos acima podem ser entregues para o dono do estabelecimento.

No ano de 2012, o primeiro trabalhador a entregar os documentos foi o trabalhador Elielson, de 20 anos, residente na localidade de Paus Preto. Nesse dia, quem recebeu e conferiu os documentos foi Mário, proprietário da distribuidora, deu o aval de que os mesmos estavam corretos, e anunciou o encaminhamento para o registro.

Muitos trabalhadores, no período que antecede o calendário agrícola feito pelas usinas, vêm ao encontro do turmeiro, na distribuidora de bebidas, conversam sobre as datas previstas para o início da safra, a possibilidade de vagas para parentes e amigos, alguns solicitam mudança de função nos canaviais, discutem os investimentos feitos com os rendimentos obtidos na colheita passada, falam sobre mulheres e, principalmente, sobre a comercialização de veículos, pois o turmeiro também comercializa estes produtos. Noto que há certa resistência para que eu não participe muito deste momento informal entre eles. É como se fosse um universo masculino o qual, não é bem vinda a entrada de uma mulher.

Durante o trabalho de pesquisa de campo dediquei alguns sábados para acompanhar o turmeiro neste local, trata-se de um ambiente apertado e comprimido, mas não exime que diversas pessoas vão até ali para falar com Manoel. O primeiro fato que chamou minha atenção nas observações deste espaço foi o trabalhador Davi, ele veio comunicar o desejo de ingressar na turma para a safra do ano de 2012 e confirmar sua vaga, alegando que não havia dado o nome durante o churrasco, lugar apropriado para esta prática, porque havia recebido uma proposta para se tornar vigilante no estado de São Paulo. Em clima de brincadeira o turmeiro chama o trabalhador de “sem vergonha” e ressalta várias vezes, *“mas moço, como você faz isso comigo, diz que não vai e decide de última hora, aí você me quebra”*. Percebo o turmeiro ansioso neste momento, uma vez que ele não pretende deixar o trabalhador, por conta das boas qualidades apresentadas pelo mesmo, como disciplina e produtividade no trabalho,

“*Sabe que não posso te deixar aqui*”, tomado pela sensação de inquietude diante do fato de ter que arrumar mais uma vaga, para um *bom trabalhador*. Repete várias vezes, “*não sei o que fazer, mas vou dar um jeito de colocar você na turma*”.

O trabalhador Davi não poderia ficar sem ir trabalhar, porque era um “bom trabalhador”, ou seja, disciplinado e obediente, fatores correspondentes à racionalidade exigida pela usina e com elementos de ordem moral significativa. Desse modo, mesmo não seguindo os rituais para “marcar” a vaga, os elos de amizade e de boa conduta garantiam-lhe um lugar para trabalhar.

A descrição dessa situação pode ser interpretada à luz da sociologia interacional de Goffman (1975), um indivíduo quando desempenha uma determinada função, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. O turmeiro pode ter feito um jogo de cena com o trabalhador Davi, ou seja, estava representando um papel de chefe, que iria fazer de tudo para conseguir a vaga e, assim, o trabalhador ficaria grato a ele, o que pode significar ficar dependente moralmente dele. É um jogo performático, também, demonstra a construção de elos de reciprocidade entre o trabalhador e o turmeiro.

Neste espaço presenciei também a busca da vaga por trabalhador com problemas graves de saúde, atestado por um médico, sobre a necessidade de uso de uma válvula no coração. O turmeiro o aceita na turma, porém propõe-lhe para “dar um jeito”, para arrumar um atestado médico, comprovando sua aptidão física, assim a vaga estaria garantida. Isto caracteriza os casos de invalidez do trabalhador para o trabalho no corte de cana, porém a lógica da produtividade e da obediência e nesse caso, os laços de amizade, é preponderante para a garantia da vaga, até mesmo quando os fatores de saúde dos trabalhadores não colaborarem para isto.

Em certas circunstâncias e entre conversas com os trabalhadores, o turmeiro marca os horários com o médico para fazer os exames no dia do registro. Este médico é um político da cidade, que já foi prefeito duas vezes e concorreria as eleições no ano de 2012, ele foi escolhido pelo turmeiro para prestar seu serviço, no entanto, seu pagamento é feito pela usina. Desse modo, a contratação deste profissional estava ligada por relações personalizadas, trocas de favores, uma vez que o turmeiro esperava ter seu ônibus contratado para transporte escolar se este fosse eleito para prefeito.

Durantes as observações na feira, pude observar o turmeiro realizar algumas etapas da seleção nesse espaço e, também como é um comerciante, realizar algumas compras de bens de consumo desejados pelos trabalhadores canistas. O cortador de cana José, com os rendimentos da safra 2011, queria comprar um carro, nisto procurou Manoel para comercializar o veículo que o mesmo tinha, o pagamento seria feito através de uma troca com uma moto e o restante em dinheiro.

Muitas regras e normas impostas pela usina são debatidas nos diálogos na feira, dentre estas, o turmeiro fala que a usina São João sempre devolve as carteiras que apresentam 28 dias de registro. Pois, isso representa quebra de contrato com outras empresas.

“O que a empresa entende é que o trabalhador não foi honesto, este contrato sai muito caro é R\$ 600 para registrar alguém, quando uma pessoa desiste é uma despesa muito grande para usina, e é por isso que ela não quer que quebre contrato”.

Manoel refere que em seu ofício existe um dilema, pois mesmo sendo ele o representante da usina, quando alguns trabalhadores da sua turma não cumprem as normas da empresa, ou provocam situações de conflito no campo, como chutar a marmita, quebrar os baldes de lixo, zangar com o chefe de campo, acaba sendo punido pela empresa por meio de advertências “*A corda sempre quebra para o mais fraco*”. As reclamações são repassadas por meio da hierarquia de trabalho e o primeiro a ser chamado é o turmeiro e por fim, o cortador de cana ou outro trabalhador que esteja na mesma posição.

No dia quatorze de abril de 2012, aproximou-se um Senhor com aparência de 40 anos que iria trabalhar como bituqueiro, aquele que destina a recolher as bitucas da cana, logo após a colheita. Esse vem para colocar para Xorró que não quer ficar com os mesmos bituqueiros da safra passada, pois segundo o mesmo estes eram muito bagunceiros, não cumpriam com as obrigações da preparação da alimentação. Isso demonstra mais uma vez que o organizador de turmas no local também se caracteriza como um mediador de conflitos, mesmo na preparação da viagem.

O turmeiro, ao longo da pesquisa, me colocou a restrição para acompanhá-lo na feira apenas no turno matutino, horário compreendido entre nove e trinta da manhã e meio dia. Porque, neste espaço ocorrem eventos ligados a sua vida pessoal, como frequentar bares para discutir sobre mulheres, carros e jogos, isto foi notado em observações que foram feitas no dia vinte e um de janeiro de 2012 quando o procurei em um destes ambientes para marcar os momentos posteriores da pesquisa. Também, no fim da tarde era comum ter feito a ingestão de bebida alcoólica, como sou da localidade de origem, reconhecê-lo fora da posição de turmeiro, era como desconstruir sua imagem enquanto chefe dentro da hierarquia do mundo dos canaviais.

O recrutamento de trabalhadores é organizado por um turmeiro, porém é auxiliado por colaboradores, uma espécie de ajudante, os quais informam, indicam e juntam trabalhadores, a partir de sua rede de parentesco e amizade com os trabalhadores de suas localidades.

Pedro apresenta parentes e amigos na turma de Manoel desde 2007. São amigos desde a infância, tendo este vínculo estreitado nos canaviais. Casado, quarenta anos, reside na Fazenda Tábua, possui quatro hectares de terra e frequentou até a quarta série do ensino fundamental. Ele e Manoel trabalharam primeiramente juntos nos canaviais paulistas, quando ambos eram cortadores de cana. Manoel se destacou tornando-se turmeiro e *“arrumou esse lugar pra trabalhar na Bahia, aí um vai ajudando o outro”*. Geralmente, os parentes e amigos o procuram pedindo para interceder na conquista da vaga para participarem da turma de Manoel, *“vem muita gente perguntando se dá pra arrumar um trabalho”*, porém apresenta sempre aqueles amigos e parentes considerados como de confiança.

A conquista da vaga na turma pelos parentes e amigos de Pedro é feita através de diálogos, nos quais o colaborador repassa as normas exigidas pelo turmeiro e pela usina. No campo de trabalho, caso algum trabalhador indicado pelo mesmo, estiver descumprindo as ordens, busca analisar os motivos para estas em defesa deste ou não.

Abaixo segue tabela com o quadro de amigos e parentes que foram apresentados por Pedro para safra 2012.

Tabela 04: Rede de parentesco, amizade e vizinhança do colaborador Pedro

Trabalhador	Relação social	Localidade de origem
Renato	Amigo	Tábua I
Marcos	Vizinho	Tábua I
João	Vizinho	Tábua I
Mateus	Vizinho	Tábua I
Aparecido	Vizinho	Tábua I
Rodolfo	Vizinho	Tábua I
Sérgio	Amigo	Tábua I
Leandro	Cunhado	Contendas
Marcos	Amigo	Contendas
Samuel	Amigo	Tábua I
Vagner	Amigo	Tábua I
Eliandro	Amigo	Tábua I

Como vemos no quadro, Pedro indicou doze trabalhadores, sendo seis vizinhos, cinco amigos e um parente. São relações cujos elos sociais são territorializados em sítios ou fazendas. Assim, há uma conexão entre as redes sociais e a territorialização dos trabalhadores migrantes, como bem explicou Nogueira (2011) que uma circulação de pessoas pelo espaço está diretamente relacionada à tessitura de redes de relacionamento.

O colaborador não recebe recursos financeiros para auxiliar na formação da turma. Mas, é promovido para ocupações diferentes do corte de cana, uma vez que para estes indivíduos receber funções que não exijam muito esboço físico é tido com relevância *“em termo de trabalho a gente arruma um trabalho mais leve, melhor, por exemplo, trabalho de zelador, aí eu não vou para o corte que é muito pesado”*.

Ademir, residente na localidade de Macaco, trinta e três anos e ensino fundamental completo é colaborador de Manoel deste 2007. Sua vinculação com o turmeiro adveio da amizade construída nos canaviais “*através da amizade nossa feita no trecho, a gente começou a falar pra ele dos amigos*”. Os parentes e amigos, comumente o procuram para conseguir uma vaga com o turmeiro, caso estas estejam disponíveis serão ocupadas pelas indicações feitas pelo mesmo.

O colaborador associa a figura do turmeiro como uma pessoa de virtudes, pois sempre está disponível para ajudar os outros. O critério primordial para obter a vaga na turma é seguir os critérios estabelecidos pela usina. A carteira de trabalho é o elemento primordial, pois apresenta o histórico trabalhista do candidato, sendo possível averiguar a quebra de contrato. No processo de seleção, Ademir justifica sua função como de informar pessoas interessadas na vaga para o turmeiro. A indicação só é estabelecida pelo mesmo quando averigua o comportamento do candidato na origem. Abaixo a relação de trabalhadores apresentados ao turmeiro:

Tabela 05: relação dos candidatos apresentados ao turmeiro

Trabalhador	Relação Social	Localidade de origem
Armando	Sobrinho	Macaco
Altair	Irmão	Macaco
Belmiro	Vizinho	Macaco
Bruno	Vizinho	Pesqueiro
Cleber	Amigo	Tataira
Cristiano	Amigo	Pedra Grande
Danilo	Vizinho	Macaco
Diego	Vizinho	Macaco
Estevão	Cunhado	Mulungo

Ezequiel	Amigo	Boi
Luís	Amigo	Mulungo
Lorival	Amigo	Panelas
Lucio	Irmão	Macaco
Martins	Irmão	Macaco
Moacir	Primo	Macaco

O quadro aponta os quinze trabalhadores informado por Ademir, sendo três irmãos, um primo, um sobrinho, um cunhado, quatro vizinhos e cinco amigos. Os trabalhadores indicados por este colaborador são parte de sua rede de parentesco, amizade e vizinhança, ratificando o debate sobre a formação das turmas para usinas que é dada, a partir deste parâmetro.

Ricardo tem vinte e três anos de idade, reside na Fazenda Pedra Grande, casado, tem o ensino médio completo e não possui terras. Desde o primeiro ano de migração fora escalado para ser medidor, isto já conota que o grau a mais de escolaridade é uma variável favorável para ocupar cargos diferenciados nos canaviais. Ricardo é vizinho e primo da esposa do turmeiro, fatores preponderantes para se obter a confiança do seu superior.

O colaborador aponta que ajuda o turmeiro por amizade, geralmente, os trabalhadores o procuram, ele anota o nome e passa para o turmeiro. Quando um trabalhador apresentado por ele não segue as normas da empresa, no ano seguinte não será mais incluído, pois a usina sobrepõe a observação do comportamento sobre a produtividade, e as vagas são repassadas para outras pessoas. Contudo, sabe-se que este discurso está vinculado pelos parâmetros exigidos pelas usinas de obediência e docilidade, como mecanismo político para obter maior produtividade através da exploração do trabalhador.

A carteira só é levada por este colaborador quando não apresenta nenhuma quebra de contrato “*se a carteira não tem baixa, nunca teve problema em outra usina,*

pego o nome da pessoa e passo para Manoel, aí quem dá o ponto final se o cara vai ou não é o turmeiro”.

Abaixo relação de trabalhadores apresentada por este colaborador

Tabela 06: relação de trabalhadores apresentado pelo colaborador

Trabalhador	Relação Social	Localidade de origem
Miguel	Amigo	Macaco
André	Vizinho	Pesqueiro
Luís	Vizinho	Pesqueiro
Marcílio	Primo	Pedra Grande
José	Amigo	Panelas
Antonio	Amigo	Pesqueiro
Adair	Amigo	Tataira

Não foi possível fazer entrevista com Silvio da comunidade de Paus Preto que é colaborador do turmeiro Manoel. Também não foi possível levantar sua rede de parentesco, vizinha e amizade, pois o mesmo recebeu o seguro desemprego e fundo de garantia, o que o deixa impossibilitado de trabalhar por uma safra no corte de cana.

Na safra 2012 ele se destinou para o trabalho na colheita de café. Silvo é responsável por apresentar “os conhecidos” da região onde mora, aproximadamente quatro comunidades rurais.

O churrasco e a busca pela vaga

Na turma de Manoel o churrasco é um evento importante dentro do processo de seleção dos trabalhadores, assumindo características de um ritual que une o mundo das localidades dos trabalhadores e dos canaviais. Os custos financeiros e a organização do evento são feito pelo turmeiro, no qual convida os colaboradores encarregados de

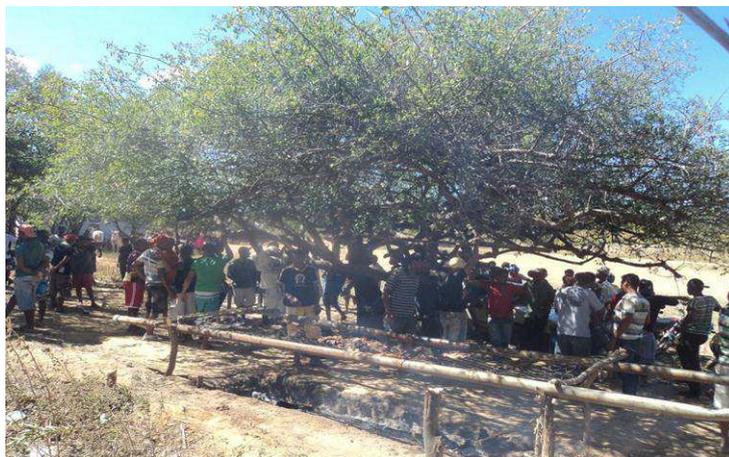
repassarem o convite para seus parentes e amigos. Assim, nesta fase é feita a lista de candidatos e pré-candidatos às vagas, e onde indicará o local da entrega das carteiras para serem avaliadas pela usina.

Os convites para este evento são repassados do turmeiro para os colaboradores, que são encarregados de chamarem “pessoas boas, os que não dão trabalho” para participarem. Os convidados, portanto, devem corresponder à lógica de comportamento exigida pelas usinas, a qual procura formar a turma de trabalhadores com homens de “boa conduta social”, pois estes apresentam potencial para serem disciplinados, produtivos e obedientes. Mas, este mecanismo de “avisar” é também uma estratégia logística para reduzir o custo do turmeiro para ir até os trabalhadores. Rafael, integrante da turma a quatro safras, aborda que atualmente o turmeiro não vai mais ao encontro dos trabalhadores, mas estes o procuram. Os principais colaboradores desta turma é Pedro da localidade de Tábua, Silvio da localidade de Paus Preto, Ricardo de Pedra Grande e Ademir da comunidade de Macaco.

O churrasco apresenta dois sentidos, um é de confraternizar pela safra anterior e o outro é o marco para a safra vindoura, a data para ocorrência do mesmo só é estabelecida quando a usina determina o início da colheita da cana. Nesse sentido, entendemos que o churrasco é um ritual demarcador que conecta espaços e tempos diferenciados, conecta os espaços dos sítios, bairros do município de Pindaí, na Bahia e as usinas de cana de açúcar, sejam no Sul da Bahia ou no Estado de São Paulo e o tempo da safra e de preparação da safra. Alguns trabalhadores apontam o churrasco do turmeiro como a representação de festa inicial do período de passar no *trecho*.

O churrasco foi feito embaixo de um pé de umbuzeiro e estava organizado da seguinte maneira: todos ficavam em pé ao redor de uma grande fornalha com uma tela, isto correspondia à churrasqueira de assar as carnes; em um canto do espaço ficavam os caldeirões com arroz e carnes ensopadas e do outro lado de uma mesa, onde repartiam os espetos de carne e distribuíam para os participantes. O ambiente era circundado de alegria e festividade, a música vinha de uma caixa de som grande, tocando vários ritmos da música popular brasileira. Os trabalhadores se distribuíam pelo espaço como em espécie de blocos, tratando-se de grupos de amigos com maiores afinidades. Ver foto abaixo:

Figura 04: Churrasco do turmeiro abril de 2012



Fonte: a autora

Quando Manoel chegou tive dificuldade para poder falar com ele, pois a todo o momento os trabalhadores se aproximavam, ora para cumprimentá-lo, ora para indicarem ou apresentarem parentes e amigos interessados em integra-se na turma. E muitos ainda avisavam que não iriam à safra do ano corrente. O turmeiro sempre respondia atenciosamente para cada um e para aqueles que estavam em busca de vaga, sempre respondia que iria fazer o possível para levar todos os interessados. Essa demonstração de que se empenharia para conseguir o emprego demonstra a relação de dependência personalizada entre trabalhador e turmeiro. Para os trabalhadores que já haviam trabalhado em outras usinas e buscavam uma vaga, sua resposta era acompanhada pelas perguntas: “*Você terminou a safra anterior? Como está sua carteira? Já teve problema com alguma usina?*”. Em caso afirmativo para as perguntas, já era descartada a possibilidade de ir e em caso negativo estava praticamente assegurado. A carteira representa o dossiê da vida do trabalhador, é nela que estão registradas todas as passagens pelo mundo dos canaviais e onde é possível averiguar se este faz parte da lista negra.

No churrasco, Ricardo, o colaborador que mora na Fazenda Pedra Grande, e é medidor na usina, tem a função de “anotar os nomes” dos interessados, assim atua como um secretário. Ele carrega consigo um caderno e uma caneta, onde anota os nomes completos e as localidades de origem dos candidatos. Foram feitas duas listas, uma dos já participantes da turma, e outra dos novatos. Ainda destes últimos era solicitado o grau

de parentesco e amizade com outros trabalhadores pertencentes da turma. Desse modo, a relação de parentesco e amizade é uma chave principiante para formação da turma.

Ainda na elaboração das listas, são feitas em dois tipos: uma primeira com os cortadores de cana e a segunda para os bituqueiros, responsáveis por pegar o restante da cana que fica no chão após o corte. Para os trabalhadores antigos já é repassado para trazerem os documentos de identificação no dia seguinte, sábado, na feira da cidade, relato descrito acima. Ricardo explica para alguns trabalhadores que o seu nome ficará em aberto para ver se haverá surgimento de uma vaga, então aqui também corresponde a um momento de inscrição para as vagas e não a segurança sobre a mesma.

Outro fator contundente sobre as questões de parentesco é que Ricardo é casado com uma sobrinha de Manoel. Assim, as funções diferenciadas, recebidas dentro da turma, estão associadas ao vínculo familiar com o turmeiro e agregadas a percepção que se tem de ser “um cara bacana”, ou seja, sempre seguiu o sentido de cumprimento das normas e regras impostas no mundo dos canaviais. Mas, ele afirma *“recebi esta função, porque já tem muito tempo que trabalho com Manoel”*. No mundo dos canaviais, as ocupações e os cargos hierárquicos são obtidos de acordo com a lógica estabelecida pela rede de parentesco e amizade com os turmeiros, mas esta só tem validação se os indivíduos internalizarem e cumprirem os valores de disciplina e produtividade.

Nas anotações do “secretário” também contém o dado sobre quantas vezes o trabalhador participou da turma. Existe uma regra muito clara para que os nomes sejam anotados, é preciso, primeiramente, que o trabalhador converse com o turmeiro. A seleção, portanto, é diferenciada entre aqueles já pertencentes às turmas e os que desejam se inserir ou participar pela primeira vez. A avaliação é dada pelo turmeiro, capacitado para fazer a vigilância do trabalhador de uma maneira mais próxima, como observá-los nos alojamentos, os índices de produtividade no trabalho, e a obediência, por exemplo, na retirada do “toco alto” e, comumente, na origem é verificado a aplicação dos rendimentos obtidos nos canaviais, considerando as aplicações materiais feitas pelos trabalhadores.

Passar pela entrevista com o turmeiro primeiro, também está associado à averiguação das indicações feitas pelos colaboradores. Na entrevista, o turmeiro observa as relações de proximidade entre o trabalhador e o colaborador. Deste modo, muitos

trabalhadores, pertencentes à turma, ao longo do churrasco vão apresentando os amigos e parentes interessados em participarem da mesma.

Dentre estes, estão jovens *carteira branca*, que são rapazes entre dezoito e vinte um anos, em busca da vaga para sua primeira experiência como cortadores de cana. Os parentes e amigos, pertencentes da turma são os responsáveis de inseri-los, assim como orientá-los sobre as regras e normas no campo de trabalho e convivência no mundo dos canaviais. O primeiro contato deve ser feito pelo jovem demonstrando seu interesse para o colaborador, o qual repassa as informações de conduta sobre o mesmo para o turmeiro.

O jovem João Batista, de dezoito anos, desejava participar da turma porque precisava de emprego para “ajeitar uns negocio”, no caso a compra de uma moto. O convite partiu dos amigos Cristian, Fernando e Juliano, estes se encarregaram de conversar com Manoel para disponibilizar a vaga para o mesmo. Como o turmeiro já o conhecia, fora solicitado apenas a entrega dos documentos exigidos pela usina. Sobre os primeiros dias nos canaviais foi advertido para a seguinte ação:

os meninos, amigos meu, disse pra eu pegar junto deles. O primeiro dia falou pra eu fazer o serviço bem feito, pegar certo, fazer certo, não crescer o olho em coisa dos outros, não invadir o eito do outro. E também falou como era o alojamento pra ter cuidado, pra não perturbar ninguém.

Romário, de vinte e um anos, outro carteira branca, foi convidado para participar da turma pelo seu irmão, integrado na mesma a quatro safras. O seu irmão procurou o colaborador e se responsabilizou pela inserção dele no mundo dos canaviais.

Robério, de vinte e um anos, buscou o colaborador, seu vizinho, para expor o desejo de trabalhar no corte de cana, como este já conhecia seus comportamentos, indicou-lhe para o turmeiro, que exigiu sua participação no churrasco para conquistar a vaga.

A aceitação dos “carteiras branca” na turma depende da rede de parentesco e amizade que pertencem. A seleção destes indivíduos em busca da primeira experiência de trabalho nos canaviais é tida com rigor pelos turmeiros, pois acreditam que estes

apresentam maiores dificuldades para se adaptarem, visto que casos de desistência ou quebra de contrato acarretariam prejuízos para a usina.

O turmeiro caracteriza seu trabalho como o de um técnico de futebol, encarregado de organizar um “time” para a usina Santa Maria, composta por cortadores de cana, fiscais, medidores, faxineiro, segurança e bituqueiros. Os cortadores de cana e as outras funções têm um processo de seleção diferente. Todo este “time” deve participar do churrasco.

Além da conquista da vaga do cortador de cana, os trabalhadores inseridos na turma buscam promoções em funções que requerem menos esforço físico, comparado ao corte de cana. O turmeiro usa como critério para a seleção dos mesmos a quantidade de tempo de inserção na turma, assim como o histórico de obediência e disciplina. Contudo, o elo de parentesco, mesmo não sendo assinalado pelo mesmo, é relevante, pois estes, geralmente são os primeiros a estar vinculados a turma.

“Sempre a gente tem que arrumar o servicinho mais leve para quem tem muito tempo com a gente. Por exemplo, faz tempo que o cara trabalha com você e tem que ajudar ele nas coisas melhores, independente de ser parente. Olha, Reginaldo é meu sobrinho, é zelador, mas ele conseguiu isso não porque é meu sobrinho, mas porque ele tá com a gente desde 2003 no trecho, eu não vou largar de colocar Reginaldo para colocar Rosalvim, meu afilhado, porque ele só tem três safras, eu não arrumei nada pra ele ainda porque está muito novo. Aí na comparação tem Miguelão que está comigo desde 2006, agora tem que arrumar qualquer servicinho pra ele, porque tem que repor, desgastou demais já o cara, então não é porque o outro é meu afilhado que vou passar a vez dele”.

Os fiscais são selecionados quando há demanda na usina para formação de uma nova turma com quarenta e cinco trabalhadores. No caso da turma estudada, Israel é o fiscal e conseguiu esta vaga com o turmeiro, porque em 2009 a usina necessitou de mais trabalhadores na colheita, como este era amigo próximo do turmeiro, pois desde a infância frequentavam as rezas e torneios de futebol juntos nas “comunidades rurais”, e já havia exercido esta função no Estado de São Paulo.

Os medidores são trabalhadores que adquiriram a confiança do turmeiro pela conduta na localidade de origem e nas usinas, estabelecidas a partir das relações de amizade e parentesco. Apesar, da diferenciação de atividade são registrados como cortadores de cana.

Tabela 07: Medidores, localidade e relações sociais com o turmeiro

Nomes	Localidade	Relação Social
Ricardo	Pedra Grande	Primo da esposa do turmeiro
Aparecido	Pedra Grande	Amigo de infância e vizinho
Silvio	Panelas	Cunhado e compadre
Antônio	Panelas	Amigo de infância e compadre

A usina determina o número de vagas precisas em cada safra, geralmente, o turmeiro Manoel recruta cento e vinte homens, porém sua turma no campo de trabalho é de quarenta e cinco trabalhadores. A outra turma é formada por mais quarenta e cinco trabalhadores fiscalizada por Israel e os outros trinta trabalhadores são destinados em turmas de outros fiscais, comumente, de outros estados.

O zelador ou guarda tem a função de vigiar o alojamento durante a noite. Na turma é ocupado por Rosano, sobrinho do turmeiro, vinculado à turma desde 2003. A ligação familiar e o histórico de “bom cortador” foram preponderantes pra ocupação do mesmo.

Os faxineiros, geralmente, são trabalhadores com várias safras ao longo de suas vidas, que em decorrência disto apresentam desgaste físico, portanto, diminuindo seu índice de produtividade, mas como sua trajetória fora marcada com ações condizentes aos fatores ideológicos propagados pelas usinas, acabam sendo transferidos para atividades menos desgastantes. Na turma de Manoel esta função é exercida há dois anos por Juvelino, de 42 anos, residente na fazenda Tábua, desde 1995, trabalha com Manoel nos canaviais.

Os bituqueiros apresentam fatores diferenciados dos cortadores de cana, pois recebem um salário fixo, viajam para os canaviais por conta própria, não ficam em alojamentos, são contratados por uma empresa terceirizada, têm uma jornada de trabalho de doze horas e são responsáveis pela própria alimentação. Geralmente, são considerados pelos turmeiros como pertencentes de uma subturma, composta entre 12 a 14 trabalhadores. O ofício dos mesmos é pegar a cana cortada do chão.

Durante a pesquisa realizada em 2012 presenciei alguns bituqueiros reclamando para o turmeiro sobre o espaço de moradia, casa alugada com os amigos, no qual as atividades domésticas são distribuídas entre os mesmos. Comumente, o não cumprimento das atividades acaba ocasionando conflitos. O trabalhador Miguel viera solicitar do turmeiro para não selecionar Edgar, pois este não cumpria as regras de preparo da alimentação.

O perfil destes trabalhadores se diferencia das outras categorias subordinadas ao turmeiro, pois geralmente são trabalhadores que não conseguiram ocupações hierárquicas aos cortadores cana, são senhores participantes de várias safras ao longo de suas vidas.

Tabela 08: Bituqueiros e número de safras realizadas

Nome	Idade	Localidade	Número de safras
Julio	44	Cantinho	18
José	39	Pedra Grande	15
Carmelio	42	Taçadal	20
Geangelo	45	Macaco	17
Dorival	44	Sede	16
Flavio Pai	45	Panelas	19
Flavio Filho	25	Panelas	4
Juarez	38	Tábua	12

João	46	Lagoinha	21
Fernando	39	Brejo	16
Sebastião	48	Guarda Moh	19
Zezito	46	Guarda Moh	20

Conversando com alguns trabalhadores, um deles me disse que há dois anos vai nesta turma sem registro na carteira de trabalho, desta maneira pode-se perceber que nesta turma ocorrem mecanismos ilegais no recrutamento para o trabalho na cana, uma vez que o ministério público proibiu estas práticas.

Os trabalhadores comentam entre si sobre a ajuda financeira que o turmeiro recebe para realização do churrasco do “gato” José João, empreiteiro geral da usina Santa Maria, responsável pela contratação dos trabalhadores. Mas, perguntei diversas vezes sobre esta questão para o turmeiro e ele não me respondeu.

No meio da tarde chegaram algumas moças, namoradas e esposas de alguns trabalhadores e a família do turmeiro, esposa, sogro, irmã, filhos e sobrinhos, isto marca também o momento em que o turmeiro vai “aproveitar a festa, porque até então é correria”.

Nuances do registro de trabalho e o exame médico

O exame médico e o registro são dois seguimentos de seleção feitos pela usina, após a seleção prévia feita pelo turmeiro. As carteiras são recolhidas primeiramente pelo turmeiro e encaminhadas para usina. No dia do registro são desenvolvidas as carteiras para os trabalhadores aptos e não aptos para o trabalho.

O registro e o exame médico na turma de Manoel foram realizados, no ano de 2012, no escritório da empresa de ônibus clandestina TPC, cuja funcionária é amiga do

turmeiro, uma relação construída na localidade de origem com base nos elos de sociabilidade articulada com as usinas.

O espaço destinado para estes momentos era composto por três ambientes. O primeiro consistia na entrada do estabelecimento, onde estavam os trabalhadores, todos em pé ou encostados em motos e veículos. O segundo era um cômodo espaçoso com um balcão dividindo a área, onde fora do mesmo estava José João, empreiteiro da usina, entregando os documentos aos trabalhadores selecionados e direcionando-os para o exame, estes ficavam esperando em um banco; já no lado de dentro, ficava Alaécio, o chefe de campo, repassando uma folha de papel impressa com as normas da empresa para cada trabalhador, isto após terem feito o exame médico, e Ricardo, funcionário do departamento de pessoal da usina, solicitando a assinatura no contrato safra. O contrato estava impresso em três páginas, contudo só era mostrado para o trabalhador a última parte do mesmo e exigiam-lhe a assinatura, também eram entregues um folheto com as regras do alojamento.

No terceiro e último ambiente ocorria o exame médico, este ambiente não tinha nenhuma porta de divisão com os outros. O médico ficava sentado dividindo uma mesa com a funcionária da TPC, que o auxiliava aferindo a pressão arterial dos candidatos, do outro lado em pé ficou o turmeiro, como espécie de olheiro do procedimento e o trabalhador era posicionado sentado em frente dos três.

Estes espaços denotam condições impróprias de conforto para com os trabalhadores que devem aguardar em pé, a maneira como é assinado o contrato, sem mesmo uma leitura prévia do mesmo e, principalmente, o espaço de fazer o exame, que não tem privacidade, o que leva muitos trabalhadores a ficarem constrangidos. É o caso do trabalhador Leandro, de 19 anos, o médico ao aferir a pressão arterial do mesmo, constatara que esta estava alta, e me comunica que isso estava ocorrendo por o mesmo estar muito nervoso com o procedimento, olhei para o rapaz e o percebi constrangido e com medo de que alguma daquelas questões que foram levantadas fosse respondida negativamente e ficasse vetado do processo de seleção, o médico dissera-me que tratava de um comportamento de vergonha, timidez e medo.

Figura 05: Registro e exame dos trabalhadores canistas realizado no dia 18 de maio de 2012



Fonte: a autora

A realização do exame médico evidencia algo mais burocrático do que um procedimento preciso de diagnóstico daqueles homens. O primeiro fato a se questionar é sobre o ambiente inadequado para a ocorrência do mesmo, um ambiente sem infraestrutura e auxiliado por uma pessoa sem formação na área de saúde. O segundo ponto é que o médico é um político da cidade, como já foi colocado, ele já foi prefeito por duas vezes e iria concorrer às eleições do ano corrente. Assim, antes de iniciar os procedimentos da consulta, ele avisa para os trabalhadores que irá aos canaviais fazer campanha no período entre julho a outubro, para só então começar a aferir a pressão e aplicar o questionário que é elaborado pela usina.

Este ambiente sem infraestrutura denota como no mundo dos canaviais os trabalhadores são tratados com desrespeito. Este momento demonstra tanto descaso ao trabalhador, que até mesmo os procedimentos que deveriam ser feitos pelo médico, são auxiliados por uma pessoa que não tem formação nenhuma na área, são feitos de maneira precária e ainda mais com a presença do turmeiro para firmar o elo das relações de dominação personalizada.

A usina Santa Maria não exige exames laboratoriais dos trabalhadores, reafirmando como este procedimento é seguido para cumprimento das exigências feitas pelo Ministério Público, sem a preocupação precisa de diagnosticar as condições reais de saúde do trabalhador.

Este momento representa o cume da seleção dos trabalhadores, Manoel fala que neste momento tem responsabilidade de avisar para os trabalhadores, pois já havia pegado os

nomes e recebido as carteiras. A análise da carteira é feita pela usina, na qual observa se existe alguma quebra de contrato ou procedência do trabalhador em outras usinas, como envolvimento em greves. Assim, três carteiras foram devolvidas, pois apresentaram quebra de contrato, no entanto existiam dez carteiras reservadas, aguardando o resultado da seleção.

Muitos “carteiras branca” também estavam aguardando o resultado, porém não foram convocados. A finalização destes eventos foi marcada pela conversa do empreiteiro com estes jovens, aconselhando-os a buscar uma formação escolar, que possibilitaria mudar de ocupação profissional no futuro com melhor remuneração e condições de trabalho

“Menino novos destes qual o futuro vai ter como cortador de cana, tem é que estudar. Não adianta empolgar pra comprar uma moto, se estudar rende mais que comprar a moto... O corte de cana está acabando, está ficando tudo mecanizado”.

A vaga conquistada e o dia da partida...

Presenciei duas partidas de trabalhadores da turma de Manoel no primeiro semestre de 2012. Em janeiro, partiu uma turma de 49 homens, número abaixo do recrutado pelo mesmo, pois estes iriam apenas terminar a safra do ano anterior, com duração de um mês. Já no mês de maio, partiram 120 homens, número correspondente a duas turmas e meia, organizadas pelo turmeiro Manoel.

Na primeira partida, cheguei à praça da feira por volta das oito horas da manhã, local indicado para os trabalhadores esperarem o ônibus, contratado pela usina para a viagem. O ambiente estava circundado pelo sentimento de consternação, muitos familiares e amigos vinham se despedir dos que estavam partindo para o *trecho*, termo utilizado para referir o espaço de trabalho.

Desse modo, os 49 homens do município de Pindaí-BA, destinados para os canaviais da cidade de Medeiros Neto, na região Sul da Bahia, eram correspondentes a “um pessoal à parte da sua turma”. Isto ocorrera, porque este período não condizia às datas comuns da colheita, geralmente feita entre os meses de abril a dezembro. Contudo,

esse recrutamento em janeiro deveu-se ao fator da safra de 2011 não ter sido totalmente colhida. Assim, o organizador salienta que a turma “de costume” é a de abril, cuja composição é de “pessoas legais”, na qual “todo mundo é amigo”.

A turma de janeiro, para Manoel, não é como sua turma de abril que é organizada como se fosse uma família, segundo ele, pois há 12 anos saem juntos. O trabalhador Marcos, participante deste momento de conversa e que veio se despedir dos amigos cortadores de cana, fala que o turmeiro é uma espécie de “técnico de futebol”, cuja função é escalar os melhores jogadores.

O fato da caracterização do turmeiro como um “líder” no imaginário dos trabalhadores acontece, devido a dois fatores. O primeiro é sobre a autoridade que dispõe, pois tem autonomia para decidir quem pode participar ou não da turma e é um representante da usina provindo da origem, o que vincula a ideia do trabalhador bem sucedido. O outro fator é dado pela tessitura de elos de reciprocidade com os trabalhadores, no qual a relação é tida por relações de troca, em que o trabalhador disciplinado poderá sempre receber “ajuda”, inclusive sendo sempre “escalado” para as safras.

O trabalhador Jonielton, durante esta viagem, partiu sem o registro na carteira de trabalho. O turmeiro alegou esta ocorrência, porque um trabalhador desistiu da viagem no dia anterior, devido a conflitos familiares, assim o mesmo iria substituí-lo. Mas, presenciei durante a pesquisa realizada sábado anterior a viagem, este trabalhador pedindo uma vaga para o turmeiro, e este o orientou a ir sem o registro, argumentou que a turma já estava formada, mas o ajudaria desta maneira, pois sabia que era uma pessoa “legal”, não fazia bagunça, sossegado, não arrumava problema com os colegas de quarto, enfim “não era porqueira”.

Nesta situação de campo houve uma pequena tensão por parte do organizador de turma para que eu não anotasse os acordos existentes entre ele e os trabalhadores no ato de “arrumar uma vaga”, principalmente a vaga sem registro na carteira de trabalho, como se tivesse algo que deveria ficar oculto para minha pesquisa. Houve um caso de destituição de um turmeiro na cidade, porque estava vendendo vagas para trabalhadores, sendo este um ato ilegal. Assim, a impressão que tive é como se o Manoel estivesse me escondendo algo.

Durante a preparação da partida, o turmeiro circula entre os trabalhadores repassando orientações, como a organização dos alojamentos e as responsabilidades dos seus representantes, membros da sua família. Pois, não estará nos canaviais nesta temporada. Reginaldo, seu sobrinho, recebeu a maior parte das atribuições, sendo a principal ser o zelador dos quartos e responsável de mediar possíveis conflitos que ocorressem. Assim, pude perceber que os laços familiares são de extrema relevância na organização do trabalho, mesmo na ausência de uma das partes é transferida a responsabilidades para as outras.

O ônibus estaciona em frente ao bar e o sentimento de tristeza inunda o espaço. Nisto, um dos trabalhadores suspira e diz: *“eles mandam estes ônibus grande e janelas lacradas pra gente não desistir e pular no meio do caminho e o adesivo são pra gente não é aquele mar de cana, porque este trabalho da cana é muito sofrido”*. Os motoristas da viação Xavier se encarregam de conferir a lista com os nomes.

Nesta partida, um trabalhador é olhado dentro da pesquisa de maneira diferenciada, pois se trata de Joaquim, ex- turmeiro da usina São João, localizada em Araras-SP, que perdera sua função em decorrência da venda de vagas para trabalhadores com o custo de quatrocentos reais, denominado de “mensalinho”, espécie de propina¹⁴. Um trabalhador o denunciou, sentindo-se injustiçado, após comprar a vaga por trezentos reais. Nisto, sua função fora repassada para o trabalhador Carlos, antigo turmeiro de uma usina em Minas Gerais, e havia se alocado na turma do Sr. Joaquim, porque sua turma havia feito greve. Estas situações demonstram a existência de um pacto de reciprocidade entre os turmeiros, nos casos de ocorrências de problemas nas usinas.

Durante este momento da pesquisa o turmeiro Joaquim ficou constrangido com a minha presença, como se a todo o momento quisesse me dizer algo. O turmeiro Manoel justificou a inclusão do mesmo na turma, porque se trata de “um cara bom e amigo”, o qual não dava para negar a vaga, assim *“o cara é companheiro agente deve ajudar”*.

Desta maneira, pode-se ratificar que em situação de falha como a do turmeiro os outros se encarregam de ajudar um ao outro, para que o trabalhador não fique desempregado, isto demonstra que existem mecanismos de reciprocidade nas relações

¹⁴ Todas estas informações foram repassadas em conversas informais com trabalhadores de sua antiga turma de Joaquim

entre os personagens que se compõem as relações de trabalho no mundo dos canaviais. O turmeiro Manoel salienta o fato de muitos trabalhadores o pressionarem a receber dinheiro pela vaga.

Nesta partida, o fiscal da turma foi Gilson, trabalhador que não pertencia à turma de abril, mas foi convidado pelo turmeiro para assumir esta função, porque “tinha um currículo bom” foi fiscal e medidor durante seis safras no estado de São Paulo e tinha um vínculo de trabalho há dez anos no mundo dos canaviais. No entanto, o preenchimento da vaga por uma pessoa não pertencente à turma, requer do turmeiro a comunicação com o empreiteiro, por quanto irá fazer a aprovação, através da análise da carteira de trabalho e conferir a lista negra.

Durante o momento de espera dos trabalhadores atrasados para a partida, o turmeiro que estava no bar oferta bebida para todos. Observo que essa prática é parte da construção de imagem do turmeiro como um líder generoso e amigo para os trabalhadores.

Alguns trabalhadores acabam desistindo da viagem na hora da partida, alegando conflitos familiares.

Quando o ônibus dá a partida no motor, Manoel acompanha a turma até certo ponto da rodovia, para impedir que muitos desistam da viagem. E na praça do mercado fica o sentimento de consternação dos seus familiares, vendo seus entes queridos partirem mais uma vez rumo ao trabalho árduo e sofrido.

No dia de partida, em dezoito de maio de 2012, havia cento e vinte trabalhadores da turma, contudo esta viagem não teve a presença de Manoel, pois este foi na madrugada do mesmo dia em seu carro próprio, acompanhado por Israel, fiscal de uma das turmas. Logo, quando cheguei ao local, dirigi-me para a distribuidora de bebidas, “ponto de referência” dos trabalhadores e turmeiros no município de Pindaí. Fui recebida por Aparecido, medidor e responsável neste momento de organizar os homens em um ônibus.

Os trabalhadores são distribuídos nos ônibus durante a viagem para os canaviais, como a organização da turma no campo de trabalho. O turmeiro atribuiu a Ricardo a função de secretário, responsabilizado de distribuir as turmas nos ônibus, cujas

lideranças dos mesmos são os respectivos medidores de cada uma. Assim, o primeiro ônibus foi composto pela turma de Manoel, o segundo pela de Israel e a último era do fiscal de Ibiacusse-BA, mas o medidor da mesma era Ricardo.

A última turma foi composta por vinte trabalhadores, sendo metade do município de Pindaí-BA e outra metade do município de Ibiacusse-BA. O fiscal e o medidor da mesma são de ambos os lugares. Assim, as usinas utilizam a estratégia de encarregar pessoas da origem dos trabalhadores para serem os disseminadores de sua lógica de disciplina, os fiscais e medidores.

O primeiro ônibus partiu aproximadamente às nove horas da manhã e foi composto pela turma mesclada pelos trabalhadores dos dois municípios acima e liderado por Ricardo. O número da poltrona e a chamada para guardar as malas seguia uma lista vinda da usina, esta foi repassada do motorista do ônibus para o medidor. A saída do ônibus atrasou por conta da espera de alguns trabalhadores da localidade de Pesqueiro, que chegaram festejando com som alto, mesmo em meio às reclamações feitas pelos motoristas, cuja alegação era ter hora certa para partirem, porque tinham horários a cumprir junto à fiscalização.

O segundo ônibus chegou por volta das quatorze horas, muitos homens estavam cansados, pois a hora prevista para saída tinha sido às oito horas da manhã; e outros estavam embriagados, é comum a utilização de bebida alcoólica no dia da partida, um trabalhador falou que a utilização destas ocorre, porque os ajudam a esquecer durante a viagem a “vida dura” a ser encontrada nos canaviais e diminui a dor de deixar o lugar onde vivem, durante sete ou oito meses.

Como o horário estava atrasado, alguns trabalhadores começaram a buscar as lanchonetes que circundavam a praça da feira. Ao longo desta espera foram se reunindo em grupos por localidade, me aproximei de um destes, que debatiam, acerca das porcentagens que os turmeiros recebem para organizar as turmas, falaram que Manoel recebia em média 2% sobre cada um. E comentavam o caso do Senhor Joaquim, quanto a perder sua função de turmeiro, porque estava recebendo pelas vagas, sendo denunciado pelos próprios trabalhadores. Ainda, debatiam como se dá a conquista da vaga a partir dos elos de confiança entre os trabalhadores e os turmeiros e até as

projeções de mudança de função dentro dos canaviais como, por exemplo: os medidores, os fiscais, os zeladores dos alojamentos.

O terceiro ônibus chegou aproximadamente às dezoito horas, os últimos homens estavam exauridos, muitos com fome, pois acreditaram que iriam se alimentar com o vale recebido da usina de vinte reais. Por volta das quinze horas Ricardo brincou sugerindo-me a oferta de almoço em minha casa, assim notei no trabalhador a proposta de uma troca de dádivas, pois me recepcionaram abertamente para pesquisa e queriam algo de retribuição, como seria inviável levá-los para minha casa fui até uma casa comercial e comprei mortadela e refrigerantes, pois havia notado em muitas bagagens este alimento.

Ao longo das conversas com Ricardo, contou-me o relato de oito trabalhadores que não puderam ser registrados para esta safra, mesmo estando na anterior, porque tiveram suas carteiras de trabalho retornadas pela usina. Estes trabalhadores haviam faltado alguns dias de trabalho e deixado à safra incompleta.

Ali, no delinear do momento de espera conversando com alguns trabalhadores sobre os motivos do retorno de carteira, o motorista da viação Xavier se aproximou e participou abordando o fato de muitas carteiras voltarem, devido aos trabalhadores desacatarem os encarregados, em atos como: chutes nas marmitas, ofensas sobre as normas da empresa, bater o podão na lata de lixo, jogar marmita na cara dos superiores, dentre outras atitudes negativas sob a perspectiva de disciplina da usina. Abaixo o depoimento do trabalhador Davi, na situação de no campo de trabalho, que fizera o trabalhador Romilson entrar na lista negra.

Na paradinha passada de quarenta dias no trecho meu colega Romilson discutiu com o chefe de campo, reclamando do preço da cana. Aí é assim, se o cara reclama demais do preço da cana é mandado embora, na verdade quando este problema, tem que juntar todo mundo, o cara não pode ir sozinho. Pois o chefe falou, que não quer ver a carteira do cara nunca mais e não adianta falar com Manoel, porque ele é só fiscal nesta situação, ele tem que corrigir apenas um serviço no corte. Mas, os grandes corta o cara mesmo, por qualquer coisinha, manda direito pra lista negra e o cara não consegue mais trabalhar.

A situação acima aponta o aspecto de dominação, na qual está sujeito o trabalhador do corte de cana, devendo obedecer às ordens impostas pela estrutura hierárquica, sem poder questionar ou discutir melhorias. Ainda demonstra o quanto é temida a lista negra, pelos trabalhadores, fator de exclusão e de punição criado pelo agronegócio canavieiro para aqueles que não seguem suas normas.

Durante esta partida, os oito “carteiras brancas” integrados na turma ficam próximo dos parentes e amigos, ou seja, aqueles “avalitas”, trabalhadores experientes, este ato confronta duas observações, a primeira é que isto corresponde como um apoio emocional no momento da viagem. E o outro fator para este “cuidado” é que, estando mais próximo destes novatos, possibilitam ir repassando as condutas a serem seguidas no mundo dos canaviais, pois se praticarem atos fora das normas da empresa, “quem levou” também será punido. Um trabalhador coloca *“levar um carteira branca é igual segurar uma bomba na mão”*

Durante as horas de espera pela chegada dos ônibus muitas mães, pais, namoradas, amigos, irmãos e outros familiares dos trabalhadores ficam aguardando com os mesmos. Entretanto, nada disso esconde a dor dos que partem e dos que ficam... o choro é corrente entre eles.

Cinco horas da tarde, quando terceiro ônibus não havia chegado, minhas forças para permanecer foram se esgotando o sono e o cansaço tomavam conta de mim. Voltei para a casa com a tristeza de ver o descaso com que as usinas estavam tratando os trabalhadores.

A seleção de trabalhadores na turma organizada por Manoel acontece nos ambientes de sociabilidade dos trabalhadores e em um evento promovido pelo turmeiro. Entretanto, em todos estes espaços perduram a lógica que o recrutamento seja feito a partir da rede de parentesco, amizade e vizinhança, no qual tem como a exigência o parâmetro exigido pelas usinas de trabalhadores obedientes, disciplinados e produtivos.

Para organizar a turma a partir da rede de relacionamento, o turmeiro conta com os colaboradores que informam parentes e amigos. Contudo, esta prática é tida por estes sujeitos, porque os mesmos esperam promoção para executarem atividades diferenciadas do corte de cana. Outro fator a se considerado é que os “cargos de

confiança” são destinados para os trabalhadores que estão na turma há muito tempo ou parentes do turmeiro.

A usina apresenta dois critérios formais de seleção, o exame médico e avaliação da carteira de trabalho, contudo o que foi notado é que nesta turma o primeiro procedimento é apenas para cumprir protocolo, já o segundo é norteador e definidor em todo processo de seleção, o trabalhador só participa da turma se o nome não tiver caído na lista negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui coloco algumas considerações finais, pois uma pesquisa sobre indivíduos ou grupos sociais nunca pode ser dada como finalizada, uma vez que os processos sociais envolvem varias dinâmica. Assim, pretendo apontar o que foi revelado pelo meu olhar sobre os turmeiros, mediadores entre o mundo dos camponeses do município de Pindaí-Ba e as usinas. E, delinear os mecanismos de seleção de uma turma de trabalhadores.

Como vimos, o objetivo geral deste trabalho foi compreender como atuam os agentes mediadores, os turmeiros, no processo de recrutamento de trabalhadores para o agronegócio canavieiro. O estudo se propôs, também, a discutir as transformações sociais e econômicas do município de Pindaí e o impacto sobre a reprodução social dos camponeses e ainda analisar as migrações em famílias camponesas. Analisar as relações e a organização hierárquica do trabalho no agronegócio canavieiro, identificar a organização hierárquica nas usinas e descrever as trajetórias migratórias dos turmeiros. E por fim, analisar os processos de seleção e recrutamentos dos trabalhadores.

No primeiro capítulo optei por iniciar minha análise a partir das transformações sociais e econômicas de Pindaí, local de origem do agente do recrutamento. E os apontamentos refletem um fluxo migratório que a partir da década de 1990 foi intensificado, devido à decadência do algodão, uma vez que, impossibilitados de reproduzirem a vida no campo, muitos camponeses viram como alternativa para garantirem os meios de subsistência de suas famílias a busca por emprego assalariado nas indústrias paulistanas ou no agronegócio.

Desse modo, o personagem está vinculado ao contexto social de camponeses que foram impulsionados a migrar, em decorrência do declínio da produção de algodão na região da Serra Geral. Assim, a busca de trabalho externo à sua propriedade camponesa, foi o agronegócio canavieiro, conseqüentemente, tornou-se o caminho para reprodução de suas famílias.

Esta migração de camponeses abriga explicações a partir de fatores de ordem estrutural como pelos indivíduos e ações envolvidos. No caso de Pindaí, os trabalhadores e o turmeiro tratam de um migrante permanentemente temporário, no qual ao longo de sua vida migra diversas vezes. Estas migrações temporárias têm servido para fomentar um contexto social instável e excludente, em que homens estão se dirigindo as atividades produtivas agrícolas para servirem de mão de obra assalariada barata. Por outro lado, ainda devem-se considerar os indivíduos neste processo que terão suas vidas divididas, onde a terra de origem é o lugar dos vínculos sociais, enquanto o lugar para onde se parte é de uma vida provisória, correspondendo a um lugar de trabalho.

Assim, nesse processo entre ir e vir da vida do grupo social dos migrantes temporários é dado à construção de um território migratório, constituído por dois espaços, sendo um o lugar de reprodução da vida camponesa e o outro o local de trabalho, usinas que têm processo produtivo voltado para exportação.

Ao encerrar tal conclusão, acredito que o primeiro capítulo suscitou nos leitores as seguintes questões: Porque a migração no agronegócio canavieiro foi caminho encontrado pelos camponeses, que se viram impossibilitados de reproduzirem sua vida no seu município de origem? Quem está fazendo a ponte entre o lugar de vida e o lugar de trabalho? Foi, portanto, em função destas questões que optei por entender como está organizado o trabalho no agronegócio canavieiro e analisar a figura do turmeiro dentro de uma perspectiva teórica e por trajetórias migratórias de alguns destes agentes. Isso porque, já considerava que o turmeiro era uma peça chave para ligação entre trabalhadores e usina.

Assim, o segundo capítulo procurou explorar de maneira geral como o crescimento do agronegócio tem demandado o recrutamento de mão de obra barata, sendo dado a partir da exploração da força de trabalho de migrantes temporários. Este resgate foi importante porque suscitou a necessidade de entender mais o mediador deste processo.

Desse modo, ficou demonstrado que o recrutamento no agronegócio canavieiro é feito através de uma hierarquia de agentes, no qual desempenham funções e relações diferenciadas. Os turmeiros tratam de um ex cortador de cana, ou ainda executam esta atividade, cuja suas experiências de trabalho nos canaviais foram marcadas pela

obediência e produtividades, fatores necessários para conquistarem a confiança de seus superiores para recrutarem trabalhadores.

Como vimos na literatura, o agente de recrutamento de trabalhadores para o agronegócio canavieiro é um mediador entre o capital e o trabalho (STOLCKE, 1986; SILVA, 1999; MENEZES, 2002). Este personagem é o responsável por reproduzir a disciplina para garantir a produtividade do trabalhador. Portanto, precisa atender certas demandas dos trabalhadores e das empresas.

A descrição das trajetórias migratórias serviu de suporte pra que pudesse chegar algumas conclusões sobre os turmeiros. A vida de trabalho destes agentes está vinculada ao mundo dos canaviais, cujo trajeto como cortador de cana é marcada por disciplina e obediência às regras impostas. A primeira experiência de destino para os canaviais foi acompanhada de parentes e amigos. Durante parte do trajeto de trabalho nos canaviais esteve subordinado a figura do “gato” e vivenciou momentos no qual os trabalhadores não tinha garantia das leis trabalhistas. Assim, este estudo contribui para o entendimento de que os turmeiros mesmo sendo um trabalhador que “veste a camisa” das usinas, também são indivíduos que pertencem ao contexto de exploração no agronegócio canavieiro.

Na análise das trajetórias percebi que os turmeiros do município de Pindaí estabelecem uma relação de trocas de favores, principalmente em situações em que sejam destituídos da função em alguma usina. Isto pode ser analisa por relações de reciprocidade como enfatizado por Menezes (2006) para o campesinato, a reciprocidade está associada à ética da subsistência e noções de justiça e legitimidade. Assim, ajudar aquele que está necessitando é justo e é o que deve ser feito.

O resultado da pesquisa revela o fator dos turmeiros ao exercer a função de mediadores esperam receber promoções para executar cargos diferentes de cortador de cana, pois consideram esta tarefa a mais penosa e de menor valor na estrutura hierárquica de trabalho das usinas.

Diante das trajetórias migratórias dos turmeiros foi suscitado a entender como estes selecionam e recrutam os trabalhadores para o agronegócio canavieiro. Dessa maneira, o terceiro capítulo visou entender como acontece estes processos no município de Pindaí-BA. Ao entender sobre a seleção dos trabalhadores é nítido que para as usinas o maior intuito é para recrutar trabalhadores produtivos, assim laçam da estratégia de

buscar migrantes temporários, propensos a internalizarem as regras de controle de trabalho.

Nesses termos, considero que os turmeiros selecionam trabalhadores obedientes e disciplinados, porque, conseqüentemente, são mais produtivos, e atende os objetivos da usina. Assim, a estratégia utilizada para atingir este objetivo é fazer o recrutamento dos trabalhadores, a partir da rede de parentesco e amizade.

A pesquisa elucidou também, como a rede social de parentesco e amizade não o fator preponderante para permanência do trabalhador na turma, o funcionamento desta está mais relacionada com a entrada no mundo do trabalho nos canaviais, porém é o comportamento adequado às normas das usinas o fator para garantir a vaga do trabalhador a cada safra.

As observações feitas em espaços frequentados por trabalhadores e o turmeiro na origem apontou que a seleção é feita em ambientes de sociabilidade como a feira e o churrasco. A feira constitui como lugar de encontro é tecido diálogos para conquistar a vaga e debater os acontecimentos da safra anterior.

Como vimos, a formação da turma é colaborada por informantes, no qual apresentam amigos e parentes para o turmeiro. Ao exercer esta função estes trabalhadores buscam ser promovidos para executar atividades diferenciadas de cortar cana. Estes informantes tratam de trabalhadores vinculados ao turmeiro já a muitas safras.

Acredito que a grande contribuição deste estudo está em mostrar as punições feitas pelas usinas aos trabalhadores com quebra contrato na carteira de trabalho. Um mecanismo de seleção pautado na arbitrariedade, pois não é dado o direito do trabalhador de explicar quais motivos levaram a isso, sendo punido sem ressalva todos que apresentarem esta situação. Assim, o agronegócio canavieiro através da *lista negra* esboça a dominação sobre o trabalho.

É possível notar também que dentro da turma os melhores cargos são destinados para os parentes do turmeiro e, também o representa em situações quando está ausente. Alguns sobrinhos e cunhados estão ocupados nos cargos de zeladores e medidores.

Um fato novo observado dentro neste estudo é a entrada dos *carteiras branca*, trabalhadores jovens que buscam o primeiro ingresso na turma, no qual foi percebido que estes são apresentados para turmeiro por meio de parentes e amigos, responsáveis de avalizar as condutas na primeira safra a participar.

Foi notado que o registro e o exame médico dentro do processo de seleção na turma analisada, trata-se apenas de um cumprimento de protocolo, pois o ambiente e os procedimentos para realização desta etapa são inadequados, no qual a contratação do profissional de saúde é feito a partir de relação clientelista entre este e o turmeiro.

Ao encerrar a presente pesquisa, despertou-me algumas inquietações e abriu novas perspectivas de análise. Acredito que será contundente averiguar, por que os trabalhadores aceitam estes mediadores de trabalho responsáveis de difundir a lógica de dominação das usinas. Embora, a presente dissertação já tenha apontado algumas respostas, as mesmas ainda cabem um olhar mais acurado.

Referencias Bibliográficas:

ALVES, Francisco. Migração de Trabalhadores Rurais do Maranhão e Piauí para o Corte de Cana em São Paulo. In: ALVES, F. NOVAES, R. (org.). **Migrantes**. 1ed. Edufscar. São Carlos, 2007.

ALVIM, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren**. Graphia. Rio de Janeiro, 1997.

BECKER, Olga Maria Schild. In: CASTRO, Iná E; GOMES, Paulo César C; CORRÊA, Roberto L. (org.). **Explorações Geográficas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

BOURDIEU Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos & abusos da historia oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro, FGV. 2006.

COVER, Maciel. **O “tranco na roça” e a “vida no barraco”: um estudo sobre trabalhadores migrantes no setor do agronegócio canavieiro**. Campina Grande/PB: UFCG, 2011. (Dissertação de Mestrado).

COTRIM. Dário Teixeira. **Breves notas sobre a origem do município de Gunambi**. 1ed. Belo Horizonte: Plurarts, 2001.

DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DURHAN,Eunice. **A Caminho da Cidade**. 2ºed.São Paulo,1978.

GARCIA JUNIOR. Afrânio. **O sul: aminho do roçado - estratégias de reprodução caponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT: CNPq,1989.

GARCIA JR. A. R.;HEREDIA,B.A. **Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil**. In:GODOI,E.P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A.(orgs.).São Paulo:UNESP,2009.

GIOVANNI, Lev. Usos da biografia. :In: **Usos e abusos da história oral**. Ferreira, M.M. (orgs.) RJ: Ed FGV, 7º.ed. 2005, p.167-183.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3. ed. Petrópolis: Vozes,1985.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Formação Sócio-Espacial e Questão Ambiental no Brasil**. Hucitec.3 ed.São Paulo,2002.

GUARNIZO, Luis Eduardo. Notas sobre La moilidad contemporânea del capital. In: FLORES, Sara. **Migraciones de trabajo y movilidad territorial**. México: CONACYT, 2010.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa das origens das mudanças culturais**. São Paulo.

IBGE. Cidades. Disponível em <<http://www.Ibge.gov.Br/ciadessat/default>>. Acesso em 26/11/2011.

MENEZES, Marilda. **Da Paraíba para São Paulo, de São Paulo para Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho**. UFCG,1985 (Dissertação de Mestrado).

_____. Migrações: uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. In:GODOI, E. P. MARIN, R. A. MENEZES, M. A (org.). **Diversidade do Campesinato**: expressões e categorias estratégias de reprodução social. 1ed.Unesp.Brasília,2009.

_____. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes.1ed.Relume Dumará.João Pessoa-SP,2002.

MENEZES, M. A. . **Reciprocidade e Campesinato**. In: Paulo Henrique Martins e Roberta Campos. (Org.). Polifonia do Dom. 1ed.Recife: UFPE, 2006, v. , p. 209-233.

MENEZES, M. A. ; COVER, M. ; Silva, Marcelo Saturnino . OS IMPACTOS DA MECANIZAÇÃO DA COLHEITA DE CANA-DE-AÇÚCAR SOBRE OS TRABALHADORES MIGRANTES. Idéias - Rev. o Instituto de Fil. e Ciências Humanas-UNICAMP, v. 1, p. 59-87, 2011.

NOGUEIRA. Verena Sevá. **Sair pelo mundo: a conformação de uma territorialidade camponesa**. Campinas/SP: Unicamp,2010. (Tese de Doutorado).

QUESNEL, André. EL concepto de archipiélago: uma aproximación al estudio de la movilidad de La población y a La construcción de lugares y espacios de vida. In: FLORES, Sara. **Migraciones de trabajo y movilidad territorial**. México: CONACYT, 2010.

RAFFESTIN, Calude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 1. ed. São Paulo: Nobel, 1985.

SARMENTO, Walney Moraes. **Nordeste a Urbanização do Subdesenvolvimento**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

SCOTT, Russell Parry. Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o “cativeiro” e o “meio do mundo”. In:GODOLE,P.; MENEZES, M.A.; MARIN, R.A.(orgs.).São Paulo:UNESP,2009.

SECRETARIA GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Termo de Compromisso Nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho na Cana de açúcar**. Brasília: Presidência da República, 2009. Disponível em:< http://www.secretariageral.gov.br/noticias/Publi/compromisso_nacional/view > Acesso em 23 dez. 2012.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES et al.. **Fenômeno migratório no Limiar do 3º. Milênio**: Desafios Pastorais.Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SILVA, M. A. M. **Destinos e Trajetórias de Camponeses Migrantes**. In:VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais.Vol.30.161-177.

_____. **Errantes do Fim do Século**. 1ed. Fundação Editora d UNESP.São Paulo.1999.

_____.Contribuições Metodológicas para Análise das Migrações. In: **Estudos Migratórios. Perspectivas Metodológicas**. EDUFSCAR. São Paulo, 2005.

_____. **Trabalho e trabalhadores na região do “ mar de cana, rio de álcool”**. Agrária. São Paulo. N.2.pp 2-39, 2005.

SINGER,Paul. O caráter histórico das migrações internas.In: **Economia Política da Urbanização**.5°ed.Brasiliense.São Paulo.

SZMRECSÂNYI, Tamás. Retrospecto Histórico de um debate. IN: LEVY, Maria S; SANTOS, Jair L. F.; SZMRECSÂNNYI. (org.) **Dinâmica da População**. 1. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

TAVARES, Mauricio Antunes. **Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas: vida social entre o campo e a cidade no Sertão de Pernambuco**. Recife/PE: UFPE, 2009. (Tese de Doutorado).

TOLEDO, Carlos Almeida. **A Mobilização do Trabalho nas Lavras Baianas**. São Paulo, 2001. Dissertação – (Mestrado em Geografia) – FFLCH, Universidade de São Paulo.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato Brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos. (org.) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. EDIUPF:passo fundo, 1999.23-56.

ANEXOS

ANEXO I

CONTRATO SAFRA FEITO PELA USINA**CONTRATO DE TRABALHO COM PERÍODO DE EXPERIÊNCIA**

O presente contrato que entre si fazem USINA SANTA MARIA LTDA., sediada na Fazenda Lagoa do Vinho, município de Medeiros Neto (BA), inscrita no CNPJ sob o nº 04.588.246/0001-87, neste ato representada na forma da lei pelo Sr. JOSE RICARDO DE ANDRADE VASCONCELOS, doravante denominada CONTRATANTE, e de outro lado, doravante denominado CONTRATADO, JOÃO FERREIRA DE SOUZA, CTPS: 0615753, Série: 004 MG, tendo por parte interveniente e agente fiscalizador a Entidade Sindical denominada SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MEDEIROS NETO (BA), estabelecido à Rua Rui Barbosa 1785, neste município, CNPJ 13.237.102/0001-77, torna justos e acordados os termos abaixo enunciados.

Cláusula I – A CONTRATANTE celebra este **CONTRATO DE TRABALHO POR PRAZO DE EXPERIÊNCIA** com o trabalhador acima nominado para trabalhar na safra 2012/2013 no cargo de TRABALHADOR RURAL na atividade de corte de cana-de-açúcar e/ou serviços afins e alternativos em propriedades da CONTRATANTE ou por ela administradas, iniciando-se em 17/05/2012.

Cláusula II – O CONTRATADO trabalhará por um período de experiência de 30 (trinta) dias vencendo-se em 15/06/2012, podendo ser prorrogado conforme artigo 445 § único da CLT, observada a regra do art. 451.

Cláusula III – O CONTRATADO receberá salário por produção conforme critério a seguir, lhe sendo, entretanto, assegurado o piso salarial mensal de R\$ 652,00 (seiscentos e cinquenta e dois reais), caso a produção não alcance esse valor, ressalvados os descontos por faltas não justificadas ou outros previstos em lei.

§ **Primeiro** - A CONTRATANTE pagará ao CONTRATADO o valor de R\$ 3,61 (três reais e sessenta e um centavos) por tonelada de cana cortada queimada de primeiro corte e R\$ 3,45 (três reais e quarenta e cinco centavos) por tonelada de cana queimada cortada dos demais cortes, acrescendo 100% (cem por cento) a estes valores no caso de corte de cana crua, sendo que a medição do trabalho será feita na forma de pesagem da produção total de cada talhão em balança rodoviária localizada na planta industrial da CONTRATANTE e distribuição deste peso pela metragem do mesmo, remunerando-se cada trabalhador pelo valor correspondente ao peso proporcional à sua metragem de corte, apontada e registrada diariamente.

§ **Segundo** – O pagamento será efetuado mensalmente até o quinto dia útil do mês subsequente ao mês trabalhado, na forma da lei, através de depósito em conta corrente bancária individual aberta especialmente para este fim.

Cláusula IV – A execução de serviços afins ou alternativos mencionados na Cláusula I, em virtude de condições eventuais que impeçam o corte de cana, garantirá ao CONTRATADO no mínimo o valor da diária com base no salário mínimo. A recusa em executar tais serviços por parte do CONTRATADO, serviços solicitados sejam verbalmente ou através de avisos, circulares ou formas semelhantes, implicará em advertência formal por parte de seu superior hierárquico.

Cláusula V – O CONTRATADO se obriga a fazer o corte da cana dentro dos padrões de qualidade exigidos pelas normas operacionais da CONTRATANTE a lhe serem informados quando de sua contratação, tais como:

§ **Primeiro** – A cana deverá ser cortada em eitos de 5 (cinco) linhas em golpes rentes ao solo, com desponte no ponto de quebra e amontoamento ordenado ao longo de seu eito de corte.

§ **Segundo** - Os montes devem estar alinhados sobre a terceira linha de corte e espaçados em pelo menos 1,5 metros entre si, sendo que nas cabeceiras de cada linha o primeiro monte deverá estar afastado em pelo menos 2 metros do carreador. A palha remanescente do corte deve ser afastada dos montes em pelo menos 50 cm.

Cláusula VI – A CONTRATANTE se compromete a fornecer transporte gratuito ao CONTRATADO desde seus locais de origem até os alojamentos da mesma, próximos aos locais de trabalho, e vice-

versa durante todo o período de contratação, salvo desejo do **CONTRATADO** em utilizar transporte público ou outro meio de locomoção.

§ **Único** – O pedido de demissão feito pelo **CONTRATADO** não ensejará obrigação da empresa de pagar o trajeto de retorno, exceto quando por motivos comprovados de saúde do **CONTRATADO** ou de seus familiares, a critério da **CONTRATANTE**, ou no caso de inexistir saldo de salário ou outros proventos que impeçam o **CONTRATADO** de custear tal trajeto. O **CONTRATADO** demitido pela **CONTRATANTE** terá direito de custeio de sua passagem de retorno à localidade de sua contratação.

Cláusula VII – No caso dos trabalhadores instalados nas dependências da **CONTRATANTE** serão fornecidos alojamentos com TV em cores, água gelada, assistência médica e ambulatorial básicas, transporte dos alojamentos para os locais de trabalho, equipamentos de proteção individual (EPI), conforme normas trabalhistas vigentes, e ferramental completo de trabalho.

§ **Primeiro** - Os percursos até os locais de trabalho não serão computados como horas de expediente, dada a facilidade de transporte comercial existente nas Rodovias BA 290 e BA 996, que entrecortam as áreas de produção da **CONTRATANTE**.

§ **Segundo** - Não será admitido em nenhuma hipótese o consumo de bebidas alcoólicas ou outras substâncias tóxicas nas dependências da **CONTRATANTE** ou nos locais de trabalho, seja durante ou fora do horário de expediente, bem como o porte de armas, sejam brancas ou de fogo. Artigo 482, letra "f", da CLT.

§ **Terceiro** - Na forma da lei, é também proibida a captura e/ou aprisionamento e manutenção de quaisquer animais silvestres nas dependências e propriedades da **CONTRATANTE** ou por ela administradas.

§ **Quarto** - É proibido ao **CONTRATADO** o exercício de qualquer atividade comercial nas dependências e propriedades da **CONTRATANTE** ou nos locais de trabalho, seja durante ou fora do horário de expediente. Artigo 482, letra 'c', da CLT.

Cláusula VIII – As refeições diárias, que consistem em café da manhã, almoço e jantar, no caso dos trabalhadores alojados nas dependências da **CONTRATANTE**, e em almoço, nos demais casos, serão fornecidas por empresa especializada, assentada pela **CONTRATANTE**, pagando o **CONTRATADO** o valor correspondente a até 25% (vinte e cinco por cento) do salário mínimo, ficando desde já autorizada a **CONTRATANTE** a efetuar os referidos descontos. A **CONTRATANTE** responsabilizar-se-á pela complementação do valor das refeições junto à empresa fornecedora.

§ **Primeiro** – Caso o **CONTRATADO** apresentar faltas não justificadas ao serviço ele arcará com o pagamento do valor integral das refeições fornecidas pela empresa que eventualmente fizer nos dias das faltas, ficando igualmente autorizada a **CONTRATANTE** a proceder os devidos descontos nos saldos de salário existentes ou em créditos futuros.

§ **Segundo** – A título de incentivo à produção pode a **CONTRATANTE** conceder descontos de até 100% nos valores relativos à alimentação de acordo com critérios por ela deliberados previamente definidos e divulgados quando do início deste contrato.

Cláusula IX – O **CONTRATADO** cumprirá uma jornada de 44 horas semanais, em que o repouso semanal cairá em qualquer dia da semana, sendo assegurada, entretanto, pelo menos uma folga coincidente em domingo em cada mês.

Cláusula X – Fica estabelecido que caracterize justa causa para rescisão de contrato a prática de ato intencional ou culposos em prejuízo do patrimônio da **CONTRATANTE** bem como a apropriação indébita de seus instrumentos de trabalho, tal como estabelece o artigo 482 da CLT.

Cláusulas XI – O **CONTRATADO** terá sua carteira de trabalho assinada, com todos os seus direitos trabalhistas garantidos, lhe sendo asseguradas, ao final do contrato, todas as verbas rescisórias assinaladas na Lei Consolidada.

Cláusula XII – O **CONTRATADO** se obriga a obedecer ao regimento interno da **CONTRATANTE** e as normas de segurança da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalhador Rural (CIPATR) a ele comunicadas por escrito por ocasião de sua contratação, ao fazer o uso correto e a adequada conservação dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e ferramentas de trabalho, fornecidos

gratuitamente pela **CONTRATANTE**, que deverão ser a ela devolvidos ao final do período ora contratado ou ao final de sua vida útil. Sua não devolução ensejará o desconto do valor correspondente em folha de pagamento.

Cláusula XIII – A fiscalização do presente contrato caberá ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais da base territorial onde serão exercidas as atividades bem como à DRT/BA.

Cláusula XIV – As partes contratantes elegem o foro da Vara do Trabalho de Teixeira de Freitas (BA), jurisdição de ambos, para dirimir as eventuais dúvidas ou demandas advindas do cumprimento do presente Contrato de Trabalho.

Assim por estarem justas e contratadas as partes, firmam o presente em duas vias de igual teor na presença de duas testemunhas instrumentais.

Medeiros Neto,

CONTRATADO

CONTRATANTE

TESTEMUNHA 1

TESTEMUNHA 2

ANEXO II

INFORMAÇÕES REPASSADAS PARA OS TRABALHADORES PELA USINA NO REGISTRO**INFORMAÇÕES AOS CANDIDATOS À CONTRATAÇÃO DA USINA SANTA MARIA NA FUNÇÃO DE CORTADOR DE CANA O PERÍODO DE MOAGEM DE 2012**

*A SAFRA 2012/2013 TEM PREVISÃO DE INÍCIO NO DIA 17 DE MAIO DE 2012 E FINAL PARA DIA 20 DE DEZEMBRO DE 2012 PODENDO SER ANTECIPADO CONFORME A NECESSIDADE DA EMPRESA.

*SERÁ GARANTIDO AOS COLABORADORES CONTRATADOS O TRANSPORTE DA SUA CIDADE DE ORIGEM ATÉ A USINA E SEU RETORNO NO FINAL DA SAFRA.

*SERÁ DOADO A CADA COLABORADOR CONTRATADO O VALOR DE R\$ 20,00 (VINTE REAIS) PARA AJUDA DE CUSTO DE ALIMENTAÇÃO NO DESLOCAMENTO DA SUA CIDADE DE ORIGEM ATÉ A USINA SANTA MARIA.

*SERÁ GARANTIDO O FORNECIMENTO DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPI) E FERRAMENTAS, CONFORME SUA NECESSIDADE, DETERMINADA PELOS DEPARTAMENTOS DE SEGURANÇA DO TRABALHO E DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA, ATENDENDO A LEGISLAÇÃO EM VIGOR.

*O PAGAMENTO DOS SALÁRIOS SERÁ MENSAL E OCORRERÁ ATÉ O QUINTO DIA ÚTIL DO MÊS SUBSEQUENTE AO TRABALHADO.

*O SALÁRIO SERÁ PELA PRODUÇÃO DO COLABORADOR CONFORME A TABELA:

CANA QUEIMADA - PRIMEIRO CORTE (CANA-PLANTA) = R\$ 3,61 POR TON. CORTADA;
 - - DEMAIS CORTES (CANA-SOCA) = R\$ 3,45 POR TON. CORTADA;
 CANA CRUA - SERÁ O DOBRO DA CANA QUEIMADA;
 SALÁRIO MÍNIMO-BASE = R\$ 652,00.

*AOS COLABORADORES CONTRATADOS PELA EMPRESA, SERÁ FORNECIDO ALOJAMENTOS COM ACOMODAÇÕES DE QUARTOS, REFEITÓRIOS E SANITÁRIOS REFORMADOS ATENDENDO A LEGISLAÇÃO E GARANTINDO CONDIÇÕES DE SEGURANÇA E CONFORTO.

*NÃO É PERMITIDO NO ALOJAMENTO O USO OU GUARDA DE BEBIDAS ALCOÓLICAS, ARMAS DE FOGO OU BRANCA, QUALQUER TIPO DE DROGA E VISITAS DE MULHERES.

*AS REFEIÇÕES SERÃO FORNECIDAS PELA USINA, PREPARADAS EM COZINHA APROPRIADA E SERVIDAS NO REFEITÓRIO DO ALOJAMENTO OU NA FRENTE DE SERVIÇO. NÃO SENDO PERMITIDA A MANIPULAÇÃO DE ALIMENTOS E REFEIÇÕES NOS QUARTOS OU OUTRAS INSTALAÇÕES.

*OS REFEITÓRIOS CONTAM COM TV NO HORÁRIO PERMITIDO DAS 07h00min. (SETE HORAS) AS 21h00min. (VINTE E UMA HORAS).

*O USO DE APARELHOS SONOROS PARTICULARES SÓ SERÃO PERMITIDOS EM VOLUME NORMAL E NO HORÁRIO DAS 07h00min. (SETE HORAS) AS 21h00min. (VINTE E UMA HORAS).

*É RESPONSABILIDADE DOS COLABORADORES ZELAREM PELO PATRIMÔNIO DA EMPRESA, RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS (COLABORADORES, EQUIPAMENTOS, BENFEITORIAS, CULTURA E MEIO AMBIENTE)

*HAVENDO DANO AO PATRIMÔNIO O RESPONSÁVEL OU OS RESPONSÁVEIS ARCARÃO COM OS PREJUÍZOS FINANCEIROS.

*ESTOU CIENTE DOS ITENS E OBRIGAÇÕES ACIMA.

NOME
CPTS

SÉRIE

